



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS TRADUÇÃO INGLÊS

**TRADUÇÃO E ETNOGRAFIA: O LIVRO *GYSIES: THE HIDDEN
AMERICANS*, DE ANNE SUTHERLAND**

Alexandre José da Silva Conceição

Brasília – DF
27 de junho de 2018

ALEXANDRE JOSÉ DA SILVA CONCEIÇÃO

TRADUÇÃO E ETNOGRAFIA: O LIVRO *GYPSES: THE HIDDEN AMERICANS*,
DE ANNE SUTHERLAND

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Letras Tradução Inglês pelo
Departamento de Línguas Estrangeiras e
Tradução da Universidade De Brasília

Orientadora: Prof. Dra. Alessandra Ramos
Oliveira Harden

Brasília – DF
27 de junho de 2018

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

DC744t DA SILVA CONCEIÇÃO, ALEXANDRE JOSE
TRADUÇÃO E ETNOGRAFIA: O LIVRO GYPSIES: THE HIDDEN
AMERICANS, DE ANNE SUTHERLAND / ALEXANDRE JOSE DA SILVA
CONCEIÇÃO; orientador Prof. Dra. Alessandra Ramos Oliveira
Harden . -- Brasília, 2018.
78 p.

Monografia (Graduação - LETRAS TRADUÇÃO INGLÊS) --
Universidade de Brasília, 2018.

1. Tradução etnográfica. 2. Ciganos. 3. Gypsies. 4.
Presença do Tradutor. I. Ramos Oliveira Harden , Prof. Dra.
Alessandra , orient. II. Título.

ALEXANDRE JOSÉ DA SILVA CONCEIÇÃO

TRADUÇÃO E ETNOGRAFIA: O LIVRO *GYPSIES: THE HIDDEN AMERICANS*,
DE ANNE SUTHERLAND

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Letras Tradução Inglês pelo Departamento de Línguas
Estrangeiras e Tradução da Universidade De Brasília.

Aprovado em: 03/07/2018

Prof.^a Dr.^a. Alessandra Ramos Oliveira Harden (Orientadora)
Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a. Alice Maria de Araújo Ferreira (Avaliadora)
Universidade de Brasília

Prof. Msc. Guilherme Pereira Rodrigues Borges (Avaliador)
Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Primeiro, quero agradecer a Deus que sempre me valeu;

Aos meus pais, que tanto se esforçaram e se sacrificaram para que eu chegasse aqui, e por me ajudarem a encontrar um tema para este trabalho;

À minha orientadora, Alessandra Ramos de Oliveira Harden, pela paciência, apoio e confiança. Sem suas sugestões e críticas, esta monografia não teria chegado a este ponto;

Aos meus colegas, que me ajudaram a chegar até aqui. Um agradecimento especial para Erika Villachan, por converter o texto de PDF para Word e por alguns insights na tradução, e outro para Joana Leite, pela ajuda e apoio mútuo;

Aos vários professores da Universidade de Brasília que me ajudaram a chegar até aqui. Todos os seus ensinamentos contribuíram, de uma forma ou de outra, para a escrita desta monografia.

Resumo

Esta monografia, escrita para a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Letras Tradução Inglês da Universidade de Brasília, se destina a traduzir e comentar um capítulo do livro *Gypsies: The Hidden Americans*, de Anne Sutherland, professora de antropologia da Universidade de Califórnia em Riverside. O livro pertence ao gênero etnográfico, e descreve a cultura de uma comunidade de ciganos¹ da etnia Rom que moram em Barvale, Califórnia. A tradução foi feita com permissão da autora. O texto do capítulo foi digitalizado em um documento PDF, e depois foi convertido em Word através do programa de reconhecimento de caracteres ópticos ABBY, para ser traduzido com o programa de tradução Wordfast Pro 3. Enquanto a tradução era realizada, foram escritas várias anotações sobre dificuldades, reflexões baseadas em teorias sobre a presença do tradutor e sua voz no texto, sobre as teorias da tradução etnográfica e do uso de notas de rodapé, além de considerações sobre as diferenças entre a cultura dos ciganos descritos no livro e de outras etnias. Quando o processo de tradução foi concluído, foi criado um novo documento Word, no qual foi desenhada uma tabela para que o original e a tradução fossem comparados, e as anotações foram convertidas em notas de rodapé que comentam essa tradução comparada. Uma vez que tudo o que era relacionado à tradução estava concluído, ela foi incluída junto a discussões teóricas e etnográficas para formar a versão completa apresentada nesta monografia.

Palavras-chave: Tradução comentada; Ciganos; Tradução etnográfica.

Abstract

This End-of-course-paper, written for the End-of-course subject of the English Translation Program of the University of Brasilia, aims to translate and comment one chapter of the book *Gypsies: The Hidden Americans*, by Anne Sutherland, professor of anthropology at the University of California at Riverside. The book belongs to the ethnographic genre, and describes the culture of a Rom Gypsy community that dwells in Barvale, California. The translation was done with the permission of the author. The chapter's text was digitalized in a PDF document, and later converted into Word through the program ABBY of optical character recognition, to be translated with the translation program Wordfast Pro 3. While the translation was being made, several notes were written about difficulties, comments based in theories about the presence of the translator and his voice in the text, about the ethnographic translation theories and the use of footnotes, and also about the differences between the culture of the Gypsies described in the book and other Gypsy groups. When the translation process was completed, was designed a table in which the original text and the translation could be compared, and the notes made during the translation were added as footnotes that commented this compared translation. Once all that concerned to the translation was finished, it was united with theoretical and ethnographic discussions to make the complete version presented in this End-of-course-paper.

Key Words: Commented Translation; Gypsies; Ethnographic Translation.

¹ Se optou usar o termo ciganos no sentido de pluralidade de identidades étnicas não homogêneas.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Apresentação da monografia.....	10
1.2 Descrição e análise de <i>Gypsies: The Hidden Americans</i>	12
1.2.1 Gênero textual.....	14
1.2.2 O léxico utilizado.....	14
1.2.3 Texto discursivo ou dialógico?.....	16
1.3 A etnografia como disciplina acadêmica.....	18
1.4 Os ciganos.....	22
1.4.1 As origens dos ciganos.....	22
1.4.2 A origem dos nomes “gypsy” e “cigano”.....	25
1.4.3 Ciganos na literatura, e o uso do nome como um termo pejorativo.....	26
1.5 Um pouco da história dos ciganos em terras brasileiras.....	29
CAPÍTULO II: O ACERVO SOBRE CIGANOS DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DESTE TRABALHO.....	30
2.1 Breve história e visão geral do acervo.....	30
2.2 O acervo sobre ciganos.....	30
2.3 Reflexões teóricas.....	31
2.3.1 A presença e visibilidade do tradutor no texto.....	31
2.3.2 O texto etnográfico e o tradutor.....	36
2.3.3 O que é a tradução etnográfica? O que é um tradutor etnográfico?.....	38
2.3.4 O uso de notas de rodapé.....	40
CAPÍTULO III: A TRADUÇÃO.....	43
3.1 Apresentação da tradução e programas utilizados na sua escrita.....	43
3.2 Qual o propósito e o leitor alvo da tradução?.....	44
3.3 Tradução e comentários.....	46
3.4 Comentários adicionais.....	75
3.4.1 Reflexões sobre o nome Rom.....	75
3.4.2 A questão do tempo verbal.....	77

CAPÍTULO IV: CONCLUSÃO.....79

BIBLIOGRAFIA.....81

ANEXO.....70

Lista de figuras

Figura 1.....página 11

Figura 2.....página 24

Figura 3.....página 30

Figura 4.....página 31

Figura 5.....página 31

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação da Monografia

Esta monografia, escrita para a disciplina Projeto de Conclusão de Curso de Letras Tradução Inglês, surgiu de uma conversa com minha mãe, Maria Marlene Rodrigues da Silva, que me pediu para ajudá-la a traduzir diversos textos sobre ciganos para sua tese de doutorado. Enquanto fazia isso, descobri que existiam poucas obras etnográficas sobre ciganos, tanto escritas por autores nativos da língua portuguesa quanto aquelas traduzidas para nosso idioma.

Conforme acompanhava o desenvolvimento da tese, esta assunto se tornava mais curioso: os primeiros ciganos brasileiros chegaram ainda nas primeiras décadas da colonização, deportados pelo rei de Portugal numa demonstração de que ele se preocupava com a ordem e moralidade pública (COSTA, 2007, *apud* SILVA, 2018). Os ciganos não são um fenômeno novo no Brasil, embora pareçam ser.

Isto se deve a dois fatores: primeiro, os ciganos em geral desejam ser deixados em paz, e estão dispostos a usar a sua reputação como ladrões e desonestos para espantar possíveis ameaças. Segundo, os primeiros estudos sobre as comunidades ciganas brasileiras datam apenas de poucas décadas atrás, enquanto os estudos de outros povos e comunidades tradicionais são estudadas há bem mais tempo.

Apesar de preferirem se manter separados, os ciganos não são necessariamente avessos a visitantes: de fato, um “forasteiro” que for amigável e puder ajudá-los será bem recebido. Minha mãe e suas colegas do grupo de pesquisa em Sociolinguística - SOLEDUC foram bem-recebidas nas comunidades dos ciganos Calon na Rota do Cavalo e do Córrego do Arrozal, Sobradinho, DF. Minhas próprias interações com os ciganos da Rota do Cavalo foram bastante amigáveis.

Vendo essa falta de estudos e as condições da comunidade da Rota do Cavalo (que eu visitei em algumas ocasiões e ajudei minha mãe a gravar entrevistas com membros da comunidade), percebi que essa escassez de conhecimento criava um círculo vicioso, em que as comunidades ciganas no Brasil continuariam sendo ignoradas pela maioria dos estudiosos

brasileiros. E, entre as várias consequências desse quadro, estava a perpetuação da ausência de políticas públicas de educação e saúde voltadas para os ciganos.

Ao mesmo tempo, também percebi que usar minha monografia para chamar a atenção para a existência dos ciganos brasileiros e suas necessidades, poderia fazer uma diferença para eles. Posso não ser um etnógrafo para formular conhecimento etnográfico, ou um pedagogo para propor políticas educativas, mas como tradutor, posso trazer estudos de outras línguas para o português e, por meio disso, fornecer as condições para que pesquisas focadas nos ciganos brasileiros possam ser produzidas em números maiores.

Assim, tenho dois objetivos nesta monografia:

1. Levantar a disponibilidade de obras etnográficas sobre os povos ciganos na biblioteca da UnB, tanto em português quanto em inglês;
2. Traduzir e comentar o capítulo “Methodology” do livro “*Gypsies: The Hidden Americans*”, de Anne Sutheland, professora emérita da Universidade da Califórnia em Riverside;
3. Mostrar que é necessário que estudiosos brasileiros de Tradução dediquem alguma atenção à tradução de obras sobre ciganos;
4. Fazer considerações sobre os resultados da tradução: estranhamentos que o texto provocou, previsões de possíveis problemas que podem surgir, o que significa fazer uma tradução etnográfica entre outros elementos.

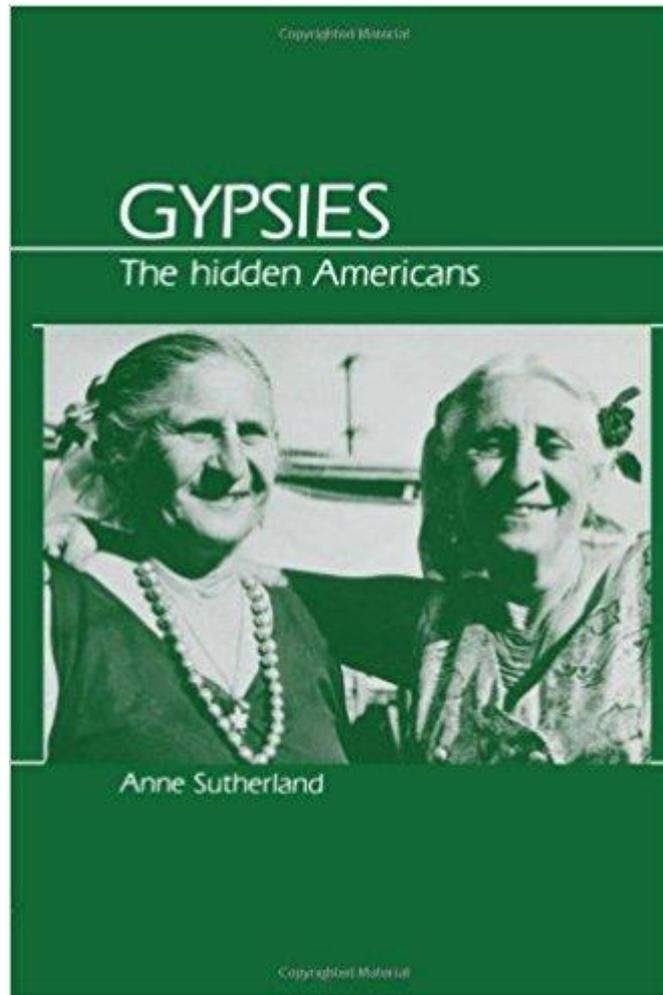


Figura 1: Capa de *Gypsies, the Hidden Americans*.

1.2. Descrição e análise de *Gypsies: The Hidden Americans*

Publicado em 1975 e reimpresso em 1986, *Gypsies: The Hidden Americans* é um estudo etnográfico sobre os ciganos Rom dos Estados Unidos, utilizando como grupo de estudo a *kumpania* (comunidade) de Barvale na Califórnia, Estados Unidos. O livro foi escrito em primeira pessoa de forma que a autora possa apresentar sua perspectiva, análises e vivências. Possui nove capítulos, sem contar a introdução e anexos, que incluem a transcrição de uma entrevista gravada com líderes ciganos, notas sobre a língua cigana, além de listas de imagens e tabelas. É importante acrescentar que o uso da primeira pessoa é uma das características dos textos etnográficos.

A obra *Gypsies: The Hidden Americans* faz parte do acervo de Ciências Sociais da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, e uma das poucas etnografias de ciganos disponíveis. Nas décadas de 1970 e 1980, havia muita informação sobre ciganos para consulta de pesquisadores dos Estados Unidos, mas em geral, ela era sobre a etnia Rom em um universo muito maior de outras etnias:

A literatura sobre grupos ciganos é extremamente ampla. "Cigano", numa definição abrangente, pode incluir qualquer grupo de pessoas que são ou foram nômades e que falam ou falaram alguma forma da língua romani. Estritamente falando, ela costuma se referir aos Rom nômades. Na maior parte das fontes sobre ciganos a palavra não é definida. (SUTHERLAND, 1986, p. 18)²

Entretanto, deve-se notar que muito pouco da informação disponível nos Estados Unidos era confiável:

Eu passei grande parte de um ano lendo a literatura sobre ciganos, principalmente os rom, e apesar deste exercício ter sido útil em providenciar insights sobre como me aproximar dos grupos que eu estudava e que comportamentos a esperar deles em geral, foi desapontador em termos de gerar informações confiáveis para propósitos comparativos. Quando reduzida a fontes confiáveis, a literatura é na verdade um tanto parca. (SUTHERLAND, 1986, p. 19)³

Para preparar esta monografia, obtive permissão da autora (Anexo I) para traduzir o capítulo *Methodology*. Além dos métodos utilizados para processar a informação e as condições de campo, isto é, como os ciganos Rom da *kumpania* (comunidade) de Barvale, Califórnia, reagiram à presença da pesquisadora entre eles e como ela conseguiu se inserir no grupo, esse capítulo inclui definições para termos como cigano e Rom (uma das etnias ciganas), traduções de certas palavras importantes na língua dos Rom (romanês) como *kris* (julgamento) e *marime* (que, de acordo com o contexto, pode significar tanto “impureza” quanto “pária”), descrições resumidas da estrutura social, das roupas e da ética e habilidades valorizadas pelos Rom.

Para facilitar a leitura e a comparação com o texto original da tradução que fiz, incluí no capítulo que apresenta minha tradução uma tabela de duas colunas, uma para o texto

² “The literature on Gypsy groups is extremely large. ‘Gypsy’, loosely defined, may include any group of people who are or were nomadic and who speak or did speak some form of Romany language. Strictly defined, it usually refers to the nomadic Rom. In most sources on Gypsies the word is never defined.”

³ “I spent the best part of a year reading the literature on Gypsies, primarily on the Rom, and although this exercise was helpful in providing insights into how to approach the groups I studied and what kinds of general behaviour to expect from them, it has been disappointing in terms of providing reliable data for comparative purposes. When reduced to the reliable sources the literature is actually quite paltry.”

original e outra para a tradução, sendo que cada parágrafo recebeu uma célula ao lado de sua versão traduzida.

O objetivo dessa seção é fazer uma análise de diversos elementos do texto original do capítulo, como as escolhas sintáticas e morfológicas feitas pela autora, o léxico utilizado, a organização do capítulo, seus parágrafos e frases, entre outros aspectos linguísticos.

1.2.1 Gênero textual

O texto pertence ao gênero textual denominado etnografia, produto da área do conhecimento de mesmo nome, e tem como objetivo descrever culturas e sociedades de maneira detalhada. De acordo com Angrosino (2009, p. 32):

Os resultados de certas formas de coleta de dados etnográficos podem ser reduzidos a tabelas, gráficos e diagramas, mas ao todo o relatório etnográfico acaba tomando a forma de narrativa, uma longa história cuja meta principal é reproduzir para o leitor a experiência de interação e vivência do etnógrafo numa determinada comunidade. A forma de narrativa mais comum é a prosa [...].

Tendo isso em mente, percebe-se que o livro *Gypsies: The Hidden Americans*, adota o formato de narrativa mais frequentemente usado nas obras de seu gênero, com a autora narrando diversas ocasiões entre as explicações que faz. Este formato se mantém por todo o livro, complementado por imagens, árvores genealógicas e tabelas.

1.2.2 O léxico utilizado

A linguagem utilizada pela autora é relativamente simples, e termos específicos da antropologia são raros. Por outro lado, palavras do idioma romanês aparecem com bastante frequência e, às vezes, elas são introduzidas muito antes da explicação sobre seu significado. O parágrafo citado abaixo apresenta uma dessas ocorrências:

A *kumpania* de Barvale é apenas uma em um grande número de *kumpaniyi* na Califórnia e no resto da América do Norte. Esta *kumpania* é dominada por uma *vitsa* Kalderash chamada Kashtare mas é aberta a outros Rom que obtenham permissão prévia do líder ou *rom bara* ("grande homem") ou que sejam parentes de membros da *kumpania*. Não há monopólio econômico em Barvale já que as principais fontes de renda são benefícios sociais e trabalho agrícola sazonal. Entretanto, nem todas as *kumpaniyi* tem este mesmo formato. Algumas, especialmente as Machwaya, são fortemente reguladas por uma *familia* ou *vitsa* que tem o monopólio da leitura da sorte através de licença exclusiva ou suborno, enquanto outras *kumpaniyi* são bastante abertas, frouxamente organizadas e pessoas vem e vão livremente, utilizando qualquer recurso econômico na área. A *kumpania* é o grupo econômico

mais importante, e tem o direito de salvaguardar os recursos econômicos de seu território e criar regras sobre como e o quanto que eles devem ser explorados. Se necessário, transgressores podem ser expulsos através de recurso à lei estadunidense. (SUTHERLAND, 1986, p. 11)⁴

Neste parágrafo ocorre a primeira menção a *vitsa* (uma união de famílias estendidas ligadas por laços sanguíneos próximos). Este conceito é muito importante, devido à sua influência na organização das comunidades Rom e nas políticas dentro delas, mas seu significado só é explicado vários parágrafos depois. Era necessário que o leitor prestasse atenção no significado de cada palavra para não ficar confuso.

Lendo o texto do capítulo através do programa de análise de corpus Antconc⁵ (versão 3.4.4), constatou-se que o termo “Rom” aparece 104 vezes, enquanto “cigano” foi utilizado em apenas 65 ocorrências. Isto se deve a três motivos: i), existe a necessidade de se delimitar a etnia Rom como o foco da etnografia; ii) o texto ressalta que as várias etnias ciganas (referidas como “Gypsies groups” no texto) são diferentes entre si. Para destacar isso, a autora incluiu descrições resumidas de algumas das maiores etnias ciganas, como os ciganos húngaros, ou que frequentemente interagem com os Rom de Barvale, como os Boyash; por fim, iii) “cigano” pode ser usado um termo discriminatório ou figurativo, como será explicado posteriormente.

Embora menos relevantes que o uso de termos romanescos ou que o uso de cigano e Rom, duas escolhas lexicais da autora são dignas de nota. “Other” é a trigésima palavra mais utilizada, em aproximadamente metade das vezes (vinte de quarenta e três ocorrências) ela é usada para se posicionar os Rom a parte de outros ciganos. Como é explicado no capítulo, os Rom possuem uma postura bastante isolacionista em relação não só aos não-ciganos (*gaje* em romanês), mas também em relação aos ciganos de outras etnias. Durante meus encontros com os ciganos da etnia Calon, da Rota do Cavalo me foi contado que, durante muito tempo, os ciganos brasileiros, entre eles os Rom brasileiros, se mantinham separados uns dos outros,

⁴ The Barvale *kumpania* is only one of a large number of *kumpaniyi* in California and the rest of North America. This *kumpania* is dominated by a Kalderash *vitsa* called Kashtare but is open to other Rom who obtain prior permission from the leader or *rom baro* (‘big man’) or who are relatives of members of the *kumpania*. There is no economic monopoly in Barvale as the main sources of income are welfare and summer farm work. Not all *kumpaniyi* take this same form, however. Some are tightly controlled by one *familia* or *vitsa* who have a monopoly on fortune-telling establishments either through exclusive licences or bribery. This kind of closed *kumpania* is typically Machwaya. Other *kumpaniyi* are quite open and loosely organized and people come and go freely, utilizing any economic resources in the area. The *kumpania* is the most important economic group. A *kumpania* has the right to safeguard the economic resources of its territory and make rules about how and how much they are to be exploited. Trespassers can be expelled through recourse to American law, if necessary.

⁵ ANTHONY, L. AntConc, Versão 3.4.4. Tóquio, Japão: Waseda University, 2016. Software de computador. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/software>.

com cada etnia cuidando de seus próprios problemas. Ao longo da última década, estas barreiras diminuíram, com as diversas etnias passando a trabalhar juntas para defenderem seus direitos.

Uma outra escolha lexical notável é a prevalência do uso de “but” (42 ocorrências) ao invés de “however”, “nevertheless” ou quaisquer outros termos que expressam alternância. O segundo termo mais usado nesse sentido, “although”, registrou apenas 15 registros no Antconc. A explicação mais provável é que esta seja uma marca da oralidade da autora.

1.2.3. Texto discursivo ou dialógico?

De modo geral, o texto tem um tom discursivo, com a autora simplesmente narrando e descrevendo o modo de vida em Barvale e, por vezes, apresentando suas teorias e percepções sobre determinados temas. Ocasionalmente, ela faz transcrições de conversas e declarações, sendo esses os momentos em que o texto toma uma abordagem mais dialógica. O parágrafo abaixo é um dos mais variados em termos de discurso. Nele existem tanto descrições objetivas (no que essa palavra se aplica a etnografias) quanto a opinião da autora sobre a visão de outras etnias ciganas pelos Rom e a de um membro da *kumpania* sobre casamentos realizados entre as etnias Rom-Boyash.

I suspect that the term *Rom Ameriko* is a catch-all term for Gypsy groups that the Rom do not understand but consider Americanized and for individuals who claim to be Gypsy but are not affiliated through their families with any Rom *vitsa*. The Boyash are a separate group of sedentary ‘Rumanian Gypsies’ and speak a secret language, Ruthenian (Lee 1968: 15). There are several Boyash families in California. Since they had been living there longer than the Rom they had the only fortune-telling licences in some cities. They rarely mixed with the Rom, came to any of their social functions, or intermarried. The three or four Boyash-Rom marriages that I knew of lasted less than one year, and as one *romni* remarked: ‘It never works if you don’t marry your own kind.’ The English Gypsies or Romanitchal in America are also a separate group in their own right, but many are becoming assimilated either with the Rom, through intermarriage and through learning inflected *Romanes*, or with the *gaje*, through marrying *gaje*. According to Ronald Lee (1968: 13) the Lee-Adams family of Los Angeles, for example, is composed of Romanitchal families (Lee) who married with Machwaya Rom (Adams). (SUTHERLAND, 1986, p. 16-17)⁶

⁶ Eu suspeito que o Rom Ameriko é um termo geral para etnias ciganas que os Rom não entendem mas consideram americanizados e para indivíduos que alegam ser ciganos mas não são ligados por via familiar a nenhuma *vitsa* Rom. Os Boyash são "ciganos romenos" sedentários e falam uma língua secreta, o rutênio (Lee, 1968, p. 15) Existem várias famílias Boyash na Califórnia. Como elas vivem lá a mais tempo que os Rom, elas possuem as únicas licenças para ler a sorte em algumas cidades. Eles raramente se misturam com os Rom, disputam suas funções sociais ou casam entre si. Os três ou quatro casamentos Boyash-Rom que eu descobri duraram menos de um ano, e um *romni* frisou: "Nunca dá certo se você não casa com alguém do seu povo." Os ciganos ingleses ou Romanitchal nos Estados unidos também são uma etnia distinta, mas muitos estão sendo

A autora utilizou diversos tempos verbais para transmitir a informação, com diferentes tipos aparecendo num mesmo parágrafo. A autora frequentemente descreve (em primeira pessoa) situações que ela vivenciou ou detalhes de como a pesquisa foi feita usando o *simple past*. Abaixo existem dois exemplos, no primeiro há o relato dos contatos iniciais da autora com os Rom de Barvale; o segundo sobre a pesquisa. No primeiro, existem nove ocasiões em que o *simple past* foi usado, enquanto outros tempos verbais, especificamente o *past continuous* e o infinitivo, foram usados apenas sete e duas vezes, respectivamente.

The first Gypsy I **met was** a young woman of my own age who **smiled** at me, talking soothingly and ingratiatingly, but when I **asked** to speak with her father, she **lunged** at me, grabbing my face with her fingernails, screaming and cursing, 'WHAT DO YOU WANT?'. The second Gypsy I **talked** with vehemently **denied** that he **was** a 'Gypsy' (what better technique for not answering questions!), and the third **feigned** imbecility, mumbling to herself and staring wildly into space. (SUTHERLAND, 1986, p. 21, grifos meus)

O segundo tempo verbal mais usado foi o *simple present*, que era usado na maioria das descrições. Nos exemplos a seguir, retirados das descrições da aparência de homens e das roupas das mulheres, ele alterna com o *simple past*.

In appearance men **are** almost indistinguishable from the rest of the population. Men generally **wear** either dude cowboy clothes, or, among older men, the 1930s style large-lapelled suits **are** common. Older men **sport** a handlebar moustache, a hat, and tie. The neckscarf (*diklo*) was not commonly worn except among a few young boys. Some old men **dress** very colourfully. Miller George wore a faded brown suit with chalk on the lapels, a wide colourful tie, and was always found leaning on a pool cue. Most older men **are** overweight and **have** gold teeth or a few snaggle teeth left. Many men **wear** gold rings, diamond tie clasps, and other jewellery, such as a gold sheriff's badge (for the *rom baro*) or a diamond studded gold buckle on their cowboy belt. (SUTHERLAND, 1986, p.27, grifos meus)

The traditional 'Gypsy' dress worn by most women, **is** a long pleated skirt which **contains** seven to twelve yards of material. The length of the skirt varies with the age and the occasion but **is** always below the knee. Older women **wear** ankle- or ground-length skirts, and younger women like them down to the calf. For parties and rituals all ages **wear** them long though young marriageable girls **like** to have their skirts as short as they **can** get away with, which **is** just below the knee. (SUTHERLAND, 1986, p.27, grifos meus)

O tamanho de cada parágrafo varia de médio a grande, fazendo com que algumas páginas sejam compostas de apenas dois parágrafos. Dentro deles, os períodos costumam ser longos e o uso de pontos finais e vírgulas gera um ritmo pausado. Praticamente todas as

assimilados quer pelos Rom, através de casamento ou do aprendizado de romanês ou pelos gaje através do casamento. De acordo com Ronald Lee (1968, p. 13) a família Lee-Adams de Los Angeles, por exemplo, é composta de famílias Romanitchal (Lee) que casaram com Rom Machwaya (Adams).

orações são coordenadas: raramente elas necessitam umas das outras para fazerem sentido. Elas também obedecem a estrutura-padrão da língua inglesa: o sujeito precedendo o verbo que por sua vez precede o objeto. No parágrafo abaixo, os períodos do texto original foram delimitados por barras para evidenciar essa falta de relações subordinadas entre elas.

“The Rom are the largest group of Gypsies and exist in every part of the world. // They recognize the existence of other Gypsy groups but consider these people to be morally and socially inferior to the Rom. // The Rom are divided into four nations or tribes called *natsiyi* (sing, *natsia*). // These are, in order of social status, the Machwaya, Lowara, Kalderasha, and Churara. // This work deals with persons from all but the Lowara *natsia* who occupied the *kumpania* in Barvale, but since this area was dominated by certain Kalderash families, most information could be said to be derived from them. // The distinctions between the various *natsiyi* include dialect differences and certain variations in custom and appearance, but these differences are not significant in terms of the social structure except that they are manifestations of the status of each *natsia*. // The difference in social status is an extremely important term of reference for behaviour especially in conflict situations when these statuses are most openly expressed. // The different statuses are symbolized in myth by the sun (Machwaya), moon (Lowara), stars (Kalderash), and a knife (Churara).” (SUTHERLAND, 1986, p. 10)

1.3 A etnografia como disciplina acadêmica

A etnografia (escrita da cultura) é uma área da Antropologia dedicada a descrever uma população. Ela surgiu na transição do século XIX para o século XX, quando “os antropólogos começaram a utilizar o método etnográfico para estudo dos grupos humanos, a partir da convicção de que as especulações acadêmicas dos filósofos sociais eram inadequadas para entender como viviam as pessoas reais”. (ANGROSINO, 2009, p. 16). Os primeiros etnógrafos, entre os quais se destacaram nomes como Bronislaw Malinowski e Franz Boas, costumavam pesquisar culturas e povos ditos “primitivos”, como os habitantes da Polinésia e as tribos indígenas norte-americanas. Eventualmente, a etnografia também passou a pesquisar a cultura de segmentos da sociedade moderna como as tribos urbanas (punks, góticos, etc), denominações religiosas (candomblecistas, espíritas, etc), e associações de trabalhadores da mesma profissão (enfermeiros de um hospital, firmas de advogados, etc).

Existem várias vertentes e modelos de pesquisa etnográfica, mas todos eles compartilham algumas premissas básicas:

- Uma busca por modelos começa com observações cuidadosas de comportamentos vívidos e entrevistas detalhadas com gente da comunidade em estudo. Quando os etnógrafos falam de “cultura”, ou “sociedade”, ou “comunidade”, é importante ter

em mente que eles estão falando em termos que são abstrações gerais baseadas em numerosas informações que fazem sentido para o etnógrafo que tem uma visão panorâmica global do todo social ou cultural que as pessoas que nele vivem podem não ter.

- Os etnógrafos precisam prestar muita atenção aos processos de pesquisa de campo. É preciso estar sempre aberto aos modos pelos quais se tem acesso ao campo, ao modo como se estabelecem afinidades com as pessoas que lá vivem, e se ele se torna um membro ativo daquele grupo.

(ANGROSINO, 2009, p. 30)

No capítulo *Methodology* há um exemplo do segundo ponto levantado acima: a professora Sutherland tinha até certo ponto se inserido na *kumpania* de Barvale e se envolvido no dia a dia da comunidade como professora da escola romani, que ela explica na seção *Field Conditions*. Quanto ao primeiro ponto, ele estava contido nos capítulos 2 a 8 do livro, divididos em tópicos como casamento, economia e liderança.

Ainda de acordo com Angrosino, o método etnográfico é composto pelos seguintes elementos. Alguns deles podem ser aplicados também à tradução e ao tradutor etnográfico.

- Ele é *baseado em pesquisa de campo* (conduzido no local em que as pessoas vivem e não em laboratórios onde o pesquisador controla os elementos do comportamento a ser medido ou observado).
- É *personalizado* (conduzido por pesquisadores que, no dia a dia, estão face a face com as pessoas que estão estudando e que, assim, são tanto participantes quanto observadores das vidas em estudo).
- É *multifatorial* (conduzido pelo uso de duas ou mais técnicas de coleta de dados – os quais podem ser de natureza qualitativa ou quantitativa – para triangular uma conclusão, que pode ser considerada fortalecida pelas múltiplas vias com que foi alcançada; (...)).
- Ele requer um compromisso de *longo prazo*, ou seja, é conduzido por pesquisadores que pretendem interagir com as pessoas que eles estão estudando durante um longo período de tempo (embora o tempo exato possa variar, digamos, de algumas semanas a um ano ou mais).
- É *indutivo* (conduzido de forma a usar um acúmulo descritivo de detalhes para construir modelos gerais ou teorias explicativas, e não para testar hipóteses derivadas de teorias ou modelos existentes).
- É *dialógico* (conduzido por pesquisadores cujas conclusões e interpretações podem ser discutidas pelos informantes na medida em que elas vão se formando).
- É *holístico* (conduzido para revelar o retrato mas completo possível do grupo em estudo).

(ANGROSINO, 2009, p. 31)

Os resultados da pesquisa costumam ser apresentados na seguinte estrutura, que foi incluída aqui para maior compreensão acerca de como as etnografias são compostas.

- Em primeiro lugar, deve haver uma *introdução* na qual a atenção do leitor é capturada e na qual o pesquisador explica por que seu estudo tem valor analítico.

- Então pode haver uma *caracterização da cena* na qual o pesquisador descreve o campo onde faz a pesquisa e explica o que ele fez para coletar os dados naquele cenário; muitos autores usam o termo *descrição densa* para indicar a maneira pela qual a cena é mostrada (embora o leitor deva ter cautela, pois este termo também é usada de várias outras maneiras que fogem da nossa discussão nessa seção). “*Descrição densa*” é a apresentação de detalhes, contexto, emoções e as nuances de relacionamento social a fim de evocar o “sentimento” de uma cena e não apenas seus atributos superficiais.
- Em seguida vem uma análise na qual o pesquisador descreve em numerosos detalhes um conjunto de padrões socioculturais coerentes que ajudam o leitor a entender as pessoas e sua comunidade, e isto relaciona este estudo etnográfico específico à aqueles produzidos em outras comunidades mais ou menos semelhantes.
- Finalmente, há uma conclusão na qual o pesquisador resume os principais pontos e sugere as contribuições deste estudo para seu campo de conhecimentos. (ANGROSINO, 2009, p. 32 e 33)

Em contraste radical com os tradutores, que se esforçam para não serem percebidos pelos leitores (ou são forçados a se esforçar, como veremos mais adiante), os etnógrafos querem mostrar a seus leitores que estiveram em campo, conviveram com a população descrita e, portanto, têm a autoridade necessária para falar daquela cultura. Clifford (2008) chama as maneiras utilizadas para dar essa legitimidade de “*autoridade etnográfica*”, e elas costumam ser divididas em quatro modos: o *experencial*, o *interpretativo*, o *dialógico* e o *polifônico*.

O modo *experencial*, ocorre quando o etnógrafo busca passar o que se chama de “*realismo etnográfico*” através de uma escrita objetiva e em terceira pessoa, apagando qualquer envolvimento emocional que tenha tido com seus colaboradores de pesquisa. Clifford (2008, p. 25) cita que, “antes da terceira década do século XX”, um pesquisador chamado Frank Hamilton Cushing desviou-se deste método e isto resultou em discussões sobre se seu trabalho sobre o povo zuni tinha validade científica, ele baseava-se no “*conhecimento intuitivo e excessivamente pessoal de Cushing*”.

Em comparação, o modo *interpretativo* passou a aceitar que o etnógrafo pudesse incluir sua visão na pesquisa, como resultado dos trabalhos de Malinowski e outros, que incluíram dados detalhados que comprovavam suas narrativas, prevenindo a controvérsia que Cushing sofreu. Um curioso detalhe é que, após certo período, a quantidade de detalhes incluídos por etnografia começou a minguar, sendo implícitos por declarações que indicavam o período de estudo. Mais que isso: era aceito que o trabalho em campo ocorresse num breve período e que o etnógrafo conhecesse apenas o necessário da língua local para se comunicar. Observação e abstração eram conceitos importantes. Por meio da primeira, o pesquisador poderia *abstrair* o significado cultural de costumes e crenças.

Outros dois modos de autoridade etnográfica surgiram após o fim do neocolonialismo europeu após a década de 1950 e da repercussão das teorias culturais das décadas de 1960 e 1970, acontecimentos que resultaram no fim da pretensão Ocidental de fonte de todo o conhecimento antropológico, na “reversão do olhar europeu em decorrência do movimento de negritude” e em uma “crise de *conscience* da antropologia em seu bem em relação a seu *status* liberal no contexto da ordem imperialista” (CLIFFORD, 2008, p.18), tornou-se necessário pensar a etnografia inserida num contexto em que se presume uma cultura hermética, fechada em si mesma e sem interações e trocas com outras culturas.

Com essa necessidade de se considerar as relações de troca entre culturas, incluindo entre a que o etnógrafo traz consigo, assim como a agência dos membros da cultura estudada, surgiu o modo *dialógico*, é pensado “não como a experiência e a interpretação de uma ‘outra’ realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois – e muitas vezes mais – sujeitos conscientes e politicamente significativos.” (ANGROSINO, 2008, p. 41), e o modo *polifônico*, em que vários dos informantes do etnógrafo são chamados para partilhar suas percepções sobre os fenômenos vivenciados pelo grupo a que pertencem. Desta forma, a etnografia passa a ser um trabalho de vários autores, com o etnógrafo sendo apenas um deles.

De modo geral, a autoridade etnográfica expressa em *Gypsies: The Hidden Americans* pode ser classificada como dialógica, visto que (i) em diversos momentos a autora inclui citações dos Rom (ou seja “suas vozes”), mas não a ponto de que trechos do livro tenham sido redigidos pelos membros da comunidade, e (ii) a autora ter contado para os líderes da comunidade que ela pretendia reunir as informações coletadas para publicar um livro sobre eles. Considerando que eles não a expulsaram da comunidade, e as reações de diversos Rom à ideia de um livro sobre eles, negociações sobre o que poderia ou não ser contado certamente ocorreram. O trecho abaixo é o que descreve todas essas reações:

(...) mas eu pude eventualmente explicar para os anciões que eu queria escrever um livro sobre eles (...). Reações a isto variaram. John Marks, que acreditava na importância de dispersar noções falsas através da escrita, e mulheres idosas, que queriam preservar costumes moribundos, ficaram entusiasmados e falavam abertamente comigo. Alguns concordavam que eu devia escrever sobre como os ciganos são maravilhosos mas não deveria contar nada "mau" sobre eles. Outros

desconfiavam tanto da escrita que eles temiam qualquer coisa que fosse impressa sobre eles.⁷

1.4. Os ciganos.

1.4.1. As origens dos ciganos.

“Cigano” é um termo muito abrangente, servindo para se referir a um povo que se divide em três grandes grupos, que por sua vez estão divididos em um número muito maior de subgrupos, todos distintos entre si. Estes três grupos principais são chamados de Rom (ou Roma), Sinti e Calon (kalé).

Os Rom são originários dos Balcãs, mas migraram de lá e se espalharam por toda a Europa e de lá para as Américas. São falantes de uma língua chamada romani. Os Sinti, cujo idioma chama-se sintó, estão concentrados na Alemanha, França e Itália. Por último, os Calon falam a língua caló ou chibi, são mais numerosos na Península Ibérica, e dela emigraram para as Américas e outras partes da Europa.

Entretanto, os ciganos como um todo não são provenientes de nenhuma dessas regiões. Devido à falta de registros, suas origens são confusas. De acordo com Silva (2018), o livro de Frans Moonen *apud* Silva (2018) divide a pesquisa sobre as origens dos ciganos em três linhas teóricas, que geralmente consideram que os primeiros ciganos vieram da Índia e migraram para o ocidente ao longo de séculos.

A primeira linha de investigação é baseada na cultura dos ciganos. Silva (2018) escreveu que,

De acordo com a teoria centrada em questões culturais, há semelhanças entre costumes ciganos e indianos, assim como também existem semelhanças entre as culturas ciganas e egípcias. No entanto, esta teoria não se sustenta uma vez que elementos culturais podem ser transmitidos a povos distantes geograficamente por via indireta, sem que, necessariamente, possam tais povos terem contato direto um com outro. (SILVA, 2018, p. 135)

Um exemplo de transmissão de elementos culturais por via indireta que é citado por Silva e Moonen é que populações ciganas da Grécia e da extinta Iugoslávia passaram a adotar

⁷ (...) but I was able to eventually explain to the elders that I write a book about them (...). Reactions to this varied: John Marks, a believer in the importance of dispelling false notions in print, and elderly woman who wanted dying customs preserved, were enthusiastic and spoke openly to me. Some agreed that I should write how wonderful the Gypsy people are but not tell any ‘bad’ things about them. Others mistrusted the written word so much that they fear anything that goes into print about them.

adereços e costumes indianos após ouvirem que a Índia era a sua “pátria mãe”. Dessa forma, não se pode dizer que a investigação cultural seja muito utilizada.

A segunda linha de investigação baseia-se na fisionomia similar entre ciganos e indianos. Entretanto, Moonen aponta diversas falhas nessa linha de pensamento. Primeiro, não existem muitos estudos sobre a fisionomia dos indianos. Segundo, diversos povos sem relação nem com os ciganos nem com os indianos possuem características físicas e biológicas similares (por exemplo, cabelos pretos, formato do nariz, tipo sanguíneo predominante, etc). E terceiro, essa teoria desconsidera que os ciganos se miscigenaram com diversos povos com quem entraram em contato durante sua migrações.

A terceira e última linha de investigação sobre os ciganos é baseada na linguística de seu idioma, e é a mais aceita pelos estudiosos. Ela se baseia nos estudos comparados de gramática e vocabulário entre os idioma romani e hindi (uma variação do sânscrito). Tal estudo foi realizado por Stephan Valyi no século XVIII. Embora os linguistas estejam divididos em relação ao quanto o romani tem de semelhante com o hindi e outras línguas que descendem do sânscrito, essa teoria é reforçada por estudos de etnógrafos e antropólogos acerca dos hábitos de certas tribos nômades do noroeste da Índia, como os laubatides, em comparação com os dos ciganos. Como consequência dessas evidências favoráveis,

(...) a maioria dos ciganólogos (pessoas que estudam a origem dos ciganos) afirmam que é possível que os ciganos tenham surgido no Noroeste da Índia, atual Paquistão e que a razão de sua dispersão se deu por não mais aceitarem o sistema de castas, indo para regiões mais inóspitas da Índia e séculos depois foram expulsos pelos mulçumanos, época em que começariam suas peregrinações pelo mundo. (SILVA, 2018, p. 137)

Uma evidência que reforça a teoria da origem indiana dos ciganos é retirada do *Shahnameh*, também conhecido como *Livro dos Reis*. O *Shahnameh* é um livro persa (iraniano) escrito no século X por Ferdusi para preservar a história e a mitologia dos persas após a conquista árabe. Ele é dividido em três partes: a primeira é a Mítica, que conta sobre a criação do mundo, a origem do homem, os xás (reis) que teriam reinado sobre o mundo inteiro, e sobre como esse império chegou ao fim. A parte seguinte é a Heroica, que narra o período entre o reinado do xá Manuchehr, o primeiro xá do Irã, até a conquista de Alexandre o Grande. Grande parte dessa seção é dedicada aos feitos do herói Rostam. Por fim vem a parte Histórica, que conta sobre os reinados de Alexandre, dos Selêucidas e dos Sassamidas até a derrota dos últimos pelos árabes.

De acordo com Silva (2018, p. 139), os ciganos (ou, pelo menos, seus ancestrais, visto que os eventos relatados a seguir pré-datam os acontecimentos que teriam causado a partida dos ciganos da Índia) aparecem neste trecho da parte histórica do *Shahnameh*, que conta como eles teriam sido convocados da Índia para a Pérsia para trabalhar como músicos durante o reinado do xá Bahram Gur:

Cada um dos governadores locais de Bahram Gur revelou a ele que o descontentamento estava crescendo porque os ricos bebiam com acompanhamento de música, enquanto os pobres não podiam [...]. O sábio xá imediatamente despachou por dromedário uma carta para [seu sogro] Shengil, na Índia, pedindo 10 mil luris, homens e mulheres, que soubessem tocar alaúde. Quando os luris chegaram o xá foi a seu encontro e deu para cada um deles um boi e um burro, e para o grupo todo mil cargas de grão – na esperança de que eles se estabelecessem e cultivassem as terras de seu reino. Os luris logo comeram o grão e os bois, e partiram para a capital [...]. Com, as faces encovadas, voltaram no fim de um ano e o xá disse: “Não deviam ter desperdiçado as sementes. Agora têm apenas seus burros. Preparem seus instrumentos, coloquem em cada um uma corda de seda, carreguem seus burros”. Esses luris ainda hoje vagam pelo mundo, mendigando a sobrevivência, dormindo com os lobos, vivendo como cães, sempre na estrada, roubando dia e noite.

No contexto do *Gypsies: the Hidden Americans*, Sutherland adota a teoria linguística para ajudar a definir os Rom em particular, como é mostrado no seguinte trecho:

De acordo evidências linguísticas, foi postulado que os Rom deixaram a Índia por volta de 1000 D.C (...) (SUTHERLAND, 1986, p. 15)⁸

Como dito antes, a teoria mais aceita pelos ciganólogos diz que os ciganos teriam migrado para o noroeste da Índia e foram expulsos de lá em decorrência de uma invasão mulçumana. Essa invasão teria sido a de Mamude de Gázni do Império Gaznévida à Índia, que coincide com a data atribuída ao início da diáspora cigana. Entretanto, outros estudos propõem que ela começou pelo menos um século antes da invasão, ainda que Clébert (1967, p. 45) note que “os documentos que se referem especificamente a esses nômades antes do ano 1000 D.C são desconcertantes em sua escassez”.⁹

Uma vez iniciada a diáspora, os ciganos teriam atravessado o Irã, alcançado o Egito e de lá teriam entrado na Europa em algum momento entre os séculos X e XIV. Essa teoria também ajuda a explicar a origem do nome cigano, como será visto mais adiante.

⁸ Based primarily on linguistic evidence, it has been postulated that the Rom left India approximately AD 1000 (...)

⁹ The documents which specially refer to these nomads before the year A.D 1000 are disconcerting in their scarcity. (CLÉBERT, 1967, p. 45)

Uma vez na Europa, supõe-se que ocorreram três ondas migratórias. A primeira, ocorrida no século XV foi rumo à Europa Ocidental. A segunda teria ocorrido no começo do século XIX, com os ciganos indo o Leste Europeu para o oeste. A última teria ocorrido no decorrer do século XX, quando os ciganos alcançaram o Canadá. Ressalto que esta foi uma migração em grandes números: já haviam comunidades ciganas nas Américas desde que a colonização começou, mas os ciganos que as fundaram vieram em pequenos grupos. O mapa abaixo mostra essas ondas migratórias:



Figura 2 – Diáspora dos ciganos *Gypsy Migrations*. 2011.

Disponível em <https://dnaconsultants.com/gypsy-migrations/>. Acesso em 20/02/2016

1.4.2. A origem dos nomes “gypsy” e “cigano”

A maioria dos estudos sugerem que o termo “gypsy” se originou de “Egyptian” (“egípcio”). Por exemplo, Sutherland (1986) escreveu:

Upon entering Western Europe, they represented themselves as ‘Egyptians’ and from this word, the name ‘Gypsy’ has been derived. (SUTHERLAND, 1986, p. 15)

Ao entrarem na Europa Ocidental, eles se apresentaram como “egípcios” e desta palavra derivou o nome “gypsy”.

Para a língua portuguesa, o dicionário Houaiss diz que as origens do nome “cigano” seria o termo francês “cigain”, que por sua vez seria derivado do grego “athígganos”, nome de uma seita que, assim como os ciganos, era conhecida por evitar estranhos:

1. (Indivíduo) dos ciganos, povo itinerante que emigrou da Índia para o mundo, com talento para a música e a magia; zíngaro 2. *p. ext. pej* que(m) tem visa incerta e errante; boêmio [ETIM: fr. *cigain* (atual *tsigane* ou *tizigane*), do gr. biz. *athígganos* “intocável”, nome de um bando de heréticos da Ásia Menor, que evita o contato com estranhos, a que os ciganos foram comparados].

A explicação de Silva, de maneira similar à de Sutherland, postula que “gypsy” e o termo espanhol “gitano” se originam de “egipcíaco”, uma variação de “egípcio”, mas “egipcíaco”, assim como “cigain”, também teria tido origens na língua grega:

Em um determinado momento do século XIV, acreditou-se ser os ciganos originários do Egito, terra em que provavelmente tenha sido o destino de uma das primeiras diásporas do cigano pelo mundo. Devido a esse fato, eles começaram a ser chamados de egipcíacos, palavra derivada do grego *giphtoi* e *aigyptiaki*, dando origem aos termos *gipsy* ou *gypsy* (inglês) e *gitano* (espanhol). (SILVA, 2018, p. 127)

Com base nessas fontes, pode-se dizer que os nomes “gypsy” e “cigano”, apesar de possuírem um mesmo referencial semântico, possuem origens e evoluções linguísticas distintas, sendo que o termo português recebeu influência do francês. É digno de nota que ambos parecem ter suas origens na língua grega falada no Império Bizantino, que controlava a região que os ciganos teriam desembarcado na Europa.

1.4.3. Ciganos na literatura, e o uso do nome como um termo pejorativo.

Os ciganos recebem dois tipos de representação na literatura: a primeira é uma que realça sua imagem exótica, que os apresenta como um povo alegre, livre e místico, e a outra é degradante, que classifica os ciganos como um bando de trapaceiros, bandidos e ladrões. Silva (2018) incluiu exemplos de ambas representações em sua tese, retirados das literaturas portuguesa, espanhola e francesa. Os trechos copiados abaixo, cuja representação é a mais hostil aos ciganos, foram retirados de *Memórias de Um Sargento de Milícias*, de Manoel Antônio de Almeida,

Com os emigrados de Portugal veio também para o Brasil a praga dos ciganos. Gente ociosa e de poucos escrúpulos, ganharam eles aqui reputação bem merecida dos mais refinados velhacos: ninguém que tivesse juízo se metia com eles em negócios, porque tinha certeza de levar carolo. A poesia de seus costumes e de suas

crenças, de que muito se fala, deixaram-na na outra banda do oceano; para cá só trouxeram maus hábitos, esperteza e velhacaria [...]. Viviam em quase completa ociosidade; não tinham noite sem festa (ALMEIDA, 1854: 29-30).

e de *Tocaia Grande*, de Jorge Amado.

O que se dizia na costa e no sertão, todos sabem: cigano é outra nação, duvidosa [...] Nação à parte, casta de bruxos e gatunos, os ciganos vivem de enganos e embustes, de trapaças. Levados pelas aparências há quem diga e até escreva que os ciganos são o resto da corte real da Babilônia. [...] Um povo sem chão, onde já se viu ninguém pode confiar (AMADO, 1985: 24, 25).

Como exemplo da representação mais exótica, há este trecho de *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Marquez:

Eram ciganos novos. Homens e mulheres jovens que só conheciam a sua própria língua, exemplares formosos de pele oleosa e mãos inteligentes, cujas danças e músicas semearam nas ruas um pânico de alvoroçada alegria, com suas araras pintadas de todas as cores que recitavam romances italianas, e a galinha que punha uma centena de ovos de ouro ao som do pandeiro, e o macaco amestrado que adivinhava o pensamento, e a máquina múltipla que servia ao mesmo tempo para pregar botões e baixar a febre, e o aparelho para esquecer as más recordações, e o emplasto para perder o tempo, e mil outras invenções tão engenhosas e insólitas, que José Arcádio Buendía gostaria de inventar a máquina de memória para poder se lembrar de todas. Num instante transformaram a aldeia (MARQUEZ, 2003 p. 20-21).

Como o foco deste trabalho é um texto oriundo da língua inglesa, foi feita uma pesquisa sobre como os ciganos são representados na literatura daquela língua. De modo geral, o padrão observado por Silva também ocorre na literatura inglesa. No próprio *Gypsies: The Hidden Americans* é dito que os ciganos têm “um tremendo apelo romântico para muitas pessoas”¹⁰, que existe uma “visão comum dos ciganos como um povo exótico e romântico”, e que isto seria um dos fatores que tornam muito do que foi escrito sobre ciganos “incorreto, falso, vago, exagerado ou místico”¹¹. Exemplos dos ciganos como um povo alegre, “mágico” e amante da liberdade podem ser encontrados em *Emma* de Jane Austen e *Jane Eyre* de Charlotte Brontë. Alguns exemplos da representação dos ciganos como perigosos e sinistros incluem o livro *Thinner*, de Stephen King, traduzido para o português com o título *A Maldição do Cigano*, sobre um advogado que é amaldiçoado por um cigano após matar a filha deste num acidente de carro, configurando um exemplo que mescla ao mesmo tempo os ciganos como um povo místico e perigoso, e *Dracula*, de Bran Stoker, em qual um grupo de ciganos trabalha como comparsas do vampiro.

¹⁰ Second, they clearly hold a tremendous romantic appeal to most people. (SUTHERLAND, 1986, p. 19)

¹¹ This commonly held view of the Gypsies as an exotic and romantic people, (...), also partly accounts for the problem that a great deal of what has been written is misleading, false, vague, exaggerated, or mystical. (SUTHERLAND, 1986, p. 19)

Por fim, há as definições presentes em dicionários. Em geral, a definição que se limita a descrever as características dos ciganos como um todo é a mais comum, mas tanto a descrição “romântica” quanto a degradante podem ser encontradas. Por exemplo, o *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa* possui definições que pertencem tanto às categorias de descrição quanto as que associam ciganos com malandros:

Cigano: *s.m* **1.** Indivíduo de um povo nômade, provavelmente originário da Índia e emigrado em grande parte para a Europa Central, de onde se disseminou, povo este que tem um código ético próprio e se dedica à música, vive do artesanato, de ler a sorte, barganhar cavalos, etc. [Sin: *boêmio, gitano*] **2.** Indivíduo erradio, de vida incerta. **3.** *Fig.* Indivíduo trapaceiro, velhaco. **4.** *Fig.* Vendedor ambulante. **5.** Um dos carneiros de guia • *Adj* **6.** Errante, nômade. **7.** Ladino, astuto; trapaceiro. (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988)

Por sua vez, o *Dicionário Houaiss Conciso* inclui também a definição que associa ciganos com liberdade e magia, além de uma explicação para a origem do nome diferente das apresentadas anteriormente:

1. (Indivíduo) dos ciganos, povo itinerante que emigrou da Índia para o mundo, com talento para a música e a magia; zíngaro **2.** *p. ext. pej* que(m) tem visa incerta e errante; boêmio [ETIM: fr. *cigain* (atual *tsigane* ou *tzigane*), do gr. biz. *athígganos* “intocável”, nome de um bando de heréticos da Ásia Menor, que evita o contato com estranhos, a que os ciganos foram comparados].

Em comparação com os exemplos anteriores, a definição dada pelo *Dicionário Escolar da Academia Brasileira De Letras* é bastante simples:

adj. **1.** Relativo aos ciganos, próprio dos ciganos: música cigana, dança cigana • *s.m.* **2.** Pessoa de povo nômade, presente em vários países e que tem cultura e ética próprias.

O melhor exemplo que obtive de como os ciganos são descritos em dicionários ingleses veio do *Longman Dictionary of Contemporary English*. Como pode se ver abaixo, ela ressalta o caráter nômade de algumas etnias ciganas:

1 a member of dark-haired race that is thought to be of of Indian origin, who usually live and travel around in CARAVANS **2** someone who does not like to stay in the same place for a long time;

1.5. Um pouco da história dos ciganos em terras brasileiras

Anteriormente, foi dito que os ciganos não são novidade no Brasil, apesar da falta de trabalhos acadêmicos sobre eles. Esta seção dedica-se a explicar como os primeiros ciganos vieram de Portugal para o Brasil, como se estabeleceram aqui e como vivem nos dias atuais.

Os primeiros ciganos teriam chegado de Portugal como degredados durante o século XVI. Naquela época, os ciganos já tinham adquirido a reputação de encenqueiros pela Europa, e os governantes de diversos países faziam o possível para impedi-los de estabelecerem-se em suas terras, em geral expulsava-os para outros lugares.

Em Portugal não foi diferente. Com a criação da lei do degredo em Portugal em 28 de agosto de 1592, foi decidido que “os homens deveriam se integrar à sociedade ou abandonar o Reino, em no máximo quatro meses, caso contrário estariam sujeitos à pena de morte, enquanto suas mulheres seriam degredadas de forma perpétua para o Brasil.” (SILVA, 2018, p. 147)

Em 18 de janeiro de 1677, também foi decretado que ciganos que fossem submetidos à pena de degredo seriam enviados para diversas capitânicas, como Paraíba, Rio de Janeiro e Maranhão, e havia a possibilidade (aplicada diversas vezes) de que homens e mulheres fossem separados, numa tentativa de extinguir os ciganos como um povo distinto dos outros colonos. Para muitos ciganólogos, casos de perseguição semelhantes teriam ocorrido em diversas ocasiões, mas a maioria não foi documentada.

Como os ciganos da etnia Calon são nativos da Península Ibérica, a maioria dos ciganos brasileiros são descendentes deles. As outras etnias também estão presentes em território nacional. Segundo Silva (2018), os Rom que emigraram para cá pertencem a cinco sub-etnias: Matchuaia (Machwaya, na grafia usada por Sutherland), Caldaraxa (Kalderash), Lovara (Lowara), Rudari (Rom romenos) e Rorarrané (originários da Grécia e da Turquia). Os Sinti chegaram ao Brasil relativamente há pouco tempo, fugindo da perseguição dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial ou da penúria que a Europa enfrentou no pós-guerra.

CAPÍTULO II: O acervo sobre ciganos da Biblioteca Central da Universidade de Brasília e a fundamentação teórica deste trabalho

No capítulo anterior foram apresentadas as ideias por trás desta monografia e informações sobre a área da etnografia e sobre os povos ciganos. Este capítulo tem dois propósitos: examinar o acervo da BCE sobre ciganos e apresentar as reflexões teóricas que influenciaram a tradução do capítulo *Methodology* do livro *Gypsies: The Hidden Americans*, de Anne Sutherland.

2.1. Breve história da BCE e visão geral do acervo

A Biblioteca Central (BCE) foi fundada junto da Universidade de Brasília em 1962, sendo que sua construção foi prevista na Lei nº 3.998/1961, que criou a Fundação Universidade de Brasília. A construção do prédio que ela ocupa atualmente começou em 1970 e foi concluída em 12 de março 1973. Antes disso, ela esteve localizada na Sala Papyrus da Faculdade de Educação e depois no prédio SG-12 da Faculdade de Tecnologia.

De acordo com o Relatório de Atividades de 2017 da BCE, o acervo de obras impressas é composto de 1,5 milhão de livros, periódicos e outras publicações, sem contar as coleções das bibliotecas dos *campi* nas regiões administrativas de Planaltina, Ceilândia, Gama e outras instalações.

2.2. O acervo sobre ciganos na BCE

A BCE tem seu próprio sistema de consulta automática ao catálogo. Existem quatro parâmetros de busca: por título, por assunto, por autor e livre. Além disso, pode-se procurar pelo acervo de uma unidade de informação (por exemplo, pelo acervo da biblioteca do *campus* de Planaltina), por tipo de obra (especificamente por periódicos, livros ou dissertações), data do texto, entre outras possibilidades.

Foi feita uma pesquisa utilizando como termos de referência as palavras “ciganos” e “gypsies” e com os parâmetros livre, por assunto e por título comparar os resultados. O parâmetro por autor não foi computado após se verificar que os resultados podiam se afastar muito dos objetivos da busca.

Quando o termo de referência era “cigano”, o maior número de resultados (78) ocorria quando o parâmetro utilizado era livre, seguido pelo parâmetro por assunto (72). Muitas das obras que resultaram da pesquisa com esses parâmetros não tinham relação com a antropologia ou com a etnografia, pertencendo à literatura, ciências naturais e outras áreas. Algumas nem sequer eram textos, e sim discos musicais. Quanto as que tinham, algumas nem sequer mencionavam os ciganos, a menos que fosse em comparações com a cultura estudada.

Os resultados mais confiáveis e específicos eram os que buscavam por “ciganos” no título, mas seu número era muito pequeno em comparação com os outros parâmetros. Quando este parâmetro de pesquisa era selecionado, o número de resultados caía para dezenove, uma queda de aproximadamente 76% em relação aos resultados livres e 74% aos por assunto. As figuras abaixo mostram os resultados de cada pesquisa

The screenshot displays the search interface of the UnB | BCE Pergamum system. At the top, there is a navigation bar with links for 'Pergamum Mobile', 'Meu Pergamum', 'Elogios, sugestões, etc', 'Sugestões para aquisição', and 'Ajuda', along with a 'Login' button. The main search area is titled 'Pesquisa Geral' and contains a search box with the term 'ciganos'. Below the search box are buttons for 'Pesquisar' and 'Limpar'. The interface includes various filters and options for search results, such as 'Opções de consulta' (with radio buttons for 'Palavra' and 'Índice'), 'Ordenação' (set to 'Título'), 'Unidade de Informação', 'Tipo de obra', and 'Coleção'. The search results section shows 'Termo pesquisado: "ciganos"' and 'Resultados: 78'. A single result is displayed: '1. Amazonas aos yanomami : Fragmentos de um discurso exotizante, Das / 1995 - (Dissertações) BORGES, Maria Ines Smiljanic. Das amazonas aos yanomami: Fragmentos de um discurso exotizante. Brasília, 1995. 84 f Tese(M)-unb/dan. Número de chamada: 39(811=082)(043) B732d'. The interface also includes a 'Refinar sua busca' section and navigation links for 'Primeira página', 'Anterior', '1-20', 'Próxima', and 'Última página'.

Figura 3: resultados para busca livre

Fonte: <https://consulta.bce.unb.br/pergamum/biblioteca/index.php>, acesso em: 13/06/17

The screenshot shows the 'Pesquisa Geral' (General Search) interface. The search term 'ciganos' is entered in the search box. The search options are set to 'Palavra' (Word) and 'Assunto' (Subject). The search results show 72 results. The first result is 'AMAZONAS AOS YANOMAMI: fragmentos de um discurso exotizante, 11as / 144s - (1 Dissertações)' by BORGES, Maria Ines Smilonic. The number of calls is 39(811-082)(043) B732d.

Figura 4: resultados para busca por assunto

Fonte: <https://consulta.bce.unb.br/pergamum/biblioteca/index.php>, acesso em 13/06/17

The screenshot shows the 'Pesquisa Geral' (General Search) interface. The search term 'ciganos' is entered in the search box. The search options are set to 'Palavra' (Word) and 'Título' (Title). The search results show 19 results. The first result is 'Brumas da História: Ciganos & Escravos no Brasil / 2012 - (Livros)' by OLIVEIRA, Assêde de Paiva. The number of calls is 397(81) P149c.

Figura 5: resultados para busca por título

Fonte: <https://consulta.bce.unb.br/pergamum/biblioteca/index.php>, acesso em: 13/06/17

Por sua vez, as buscas que tinham como termo de referência a palavra “gypsies” chegaram aos seguintes número de resultados: 37 para buscas livres, 29 por assunto e 7 para resultados por título. Um detalhe curioso era que, para os dois primeiros parâmetros, a maioria dos resultados estava em português, e foram selecionados por que incluíam a keyword “gypsies”.

Esse levantamento sugere que: i) o arquivo da BCE é bastante limitado quanto ao estudo sobre os ciganos, ii) a maior parte das obras disponíveis está em português, e iii) um pesquisador interessado em fazer um trabalho sobre os ciganos terá menos problemas em

separar as fontes que deseja das que não lhe são úteis se usar como parâmetro “título” no sistema de busca eletrônica da BCE.

2.3 Reflexões teóricas

2.3.1. A presença e visibilidade do tradutor

O quanto o tradutor está presente na tradução? O quanto ele pode se fazer presente? O quanto ele pode usar a tradução para defender suas escolhas e seu projeto de tradução?

Pensemos primeiro nas “concepções tradicionais” dos primeiros estudos da tradução, muito influenciados pela linguística, a ponto de poderem ser chamadas de “concepções linguístico-cientificistas”. De acordo com Silva (2011, p. 31), foi com o *Essay on the Principles of Translation*, de Alexandre Fraser Tytler, que “ganhou força a versão mais moderna de tradução como transparente, neutra e fiel”. Para Tytler, a tradução deveria reproduzir totalmente as ideias, o estilo e a fluência do original. Ele também afirmava que, devido à natureza de cada língua, nem sempre era possível realizar correspondência, embora isso pudesse ser contornado “se o tradutor incorporasse o autor”.

Mas no que consistiria este “incorporamento” do autor? Na tradução que Silva (2011, p. 32) faz das palavras de Tytler, seria o tradutor “adotar a própria alma de seu autor, que deve falar por meio de seus próprios órgãos”¹², ou seja, não se oferece uma resposta que possa ser aplicada na prática. Os objetivos da reprodução de ideias (ou seja, o significado do texto), estilo (a forma) e fluência seriam muito mais fáceis de se alcançar do que este incorporamento.

Mas, após alguma reflexão, atender estas expectativas se mostra impossível. Elas se baseiam na premissa de que o tradutor conseguirá transmitir a mensagem do autor sem nada subtrair ou adicionar, que encontrará uma forma de imitar o original de uma maneira tão perfeita que nem pareceria uma tradução, ainda que a questão da “natureza de cada língua” sugira que as línguas não são apenas códigos que podem ser trocados sem dificuldades entre si.

Apesar de, em retrospecto, essas concepções se mostrarem falhas, elas foram muito influentes, visto sua posição como pioneiras no estudo da tradução. As propostas de

¹² (...) he must adopt the very soul of his author, which must speak through his own organs (Silva, p. 32)

reprodução fiel de Tytler foram a base das teorias de Catford, Nida e outros. Para estes teóricos, a ideia de equivalência, de que era possível extrair o conteúdo de uma mensagem de uma língua em outra, foi um ponto central de seus estudos. Em geral, essas ideias de equivalência estavam divididas em dicotomias, de uma forma similar às de Saussure. Por exemplo, a divisão catfordiana da equivalência em equivalência textual e correspondência formal. Paulo Rónai, um membro dessa corrente teórica, foi o primeiro estudioso a considerar que outros elementos, além da língua e da mensagem podiam ser relevantes para o processo tradutório, mas em geral, as teorias da corrente linguístico-cientificista acabam sendo o que Silva (2011, p. 39) descreve como:

[...] construtos teóricos que não abarcam a complexidade da língua e, portanto, da tradução, como é o caso da noção de equivalência que, embora tenha sido expandida e desdobrada por vários autores, acabou se provando nebulosa e ineficaz.

Nesta escola de pensamento tradutório, que tem ambições de criar essas traduções que se passam por originais, o tradutor deve permanecer sem ser visto. Afinal, ele é apenas um intermediário. Qualquer influência que o tradutor exerça sobre a tradução é um desvio em relação ao original, e algo que ele venha a acrescentar ou remover, na forma ou no sentido, seria uma falha dele.

Por sua vez, Silva (2011, p. 40) comenta que as teorias posteriores, que ele chama de contemporâneas começam a questionar e até rejeitar a influência da linguística nas reflexões da tradução. Diferente das teorias tradicionais, não é possível agrupar todas essas teorias num grupo, existindo diversas linhas de pesquisa e teoria. Dentre os autores citados por Silva, Rosemary Arrojo considera que o significado de cada palavra ou de um texto é uma coisa mutável, transitória, que varia a cada leitura, intermediada pelo contexto histórico-social do leitor (SILVA, 2011, p. 45). Dessa forma, não se poderia pensar numa tradução como uma defesa (impossível) do significado original, mas sim como uma criação de novos significados, dos quais o tradutor é o criador.

Outro dos autores citados, Theo Hermans também move o tradutor dos bastidores para o palco quando diz que “os textos traduzidos (como os outros textos, só que mais) são sempre, inerentemente plurais, instáveis, descendentes, híbridos; a voz do ‘outro’, a voz do tradutor,

está sempre lá” (tradução de SILVA, 2011, p. 47)¹³. E por fim, Solange Mittman, além de criticar o ideal de mensagem como algo que pode ser codificado, decodificado e recodificado entre línguas, diz que toda tradução é um novo texto, uma nova produção de discurso e sentidos, da mesma forma que o leitor também cria sentidos ao ler a tradução (SILVA, 2011, p. 52).

Como se vê, os teóricos tradicionais creem que o tradutor deve permanecer sem ser visto, já que seu trabalho seria apenas a decodificação, transferência e recodificação da mensagem, enquanto os mais contemporâneos reconhecem que o trabalho dos tradutores é mais que isso, e até os põem numa posição comparável à do autor como fonte de significados.

Mas apesar desses avanços em relação à importância e complexidade da função do tradutor, ainda se espera que ele se mantenha invisível no texto. Para Silva (2011, p. 70), pelo menos parte desta expectativa seria causada por que, assim como a fidelidade, a necessidade de se ocultar do leitor o *status* de tradução de uma obra, estaria enraizado na consciência popular tanto quanto está em muitos tradutores. Outro fator apontado por Silva (2011, p. 66) é que Venuti chama de “o conceito individualista de autoria”, ou seja, a primazia que o autor e o original têm, que torna preferível ler o “original” para se obter a informação sem interferências de terceiros (SILVA, 2011, p. 66).

Silva não foi o único estudioso da tradução a perceber esta questão. Na introdução de *A Poética do Traduzir* (2010, p. XXIII), Henri Meschonnic comenta que “traduzir não se limita a ser o instrumento de comunicação e de informação de uma língua para a outra, de uma cultura a outra, tradicionalmente considerado como inferior à criação original em literatura”. Ele identificou cinco tipos de olhar sobre a tradução: um deles derivado da experiência dos tradutores (o olhar empírico), outro baseado no discurso e na escrita (o poético), e nada menos que três baseados língua como código: o empirista, o fenomenológico-hermenêutico e o da linguística da tradução.

Considerando as expectativas a que um tradutor está sujeito, se mantém o que Meschonnic comparou a uma geopolítica, em que o olhar empirista, com sua rejeição absoluta da teoria em favor da experiência e seus “preceitos de fidelidade e apagamento do tradutor diante do texto”, e o olhar fenomenológico-hermenêutico da “compreensão” e da “verdade”

¹³ My point is that the translated texts – like other texts, only more so – are always, inherently, plural, unstable, de-centred, hybrid. The other voice, the translator’s voice, is always there.

seriam as grandes potências, já que o tradutor continua a eliminar os traços de sua passagem com diversas técnicas, a ponto que “essa manobra muitas vezes é tão bem executada que, embora a voz do tradutor esteja derramada em cada página de uma obra traduzida, na frente de nossos olhos, simplesmente não a enxergamos” (Silva, p. 67).

2.3.2 O texto etnográfico e o tradutor

“O texto é o laboratório do etnógrafo”. Esta frase contém um conceito importante para a tradução de etnografias: a forma em que um texto etnográfico está estruturado costuma refletir o raciocínio do etnógrafo e de como ele realiza o trabalho de campo. Também se pode dizer que o texto também é o laboratório do tradutor, pois ele também põe suas ideias e teorias a prova quando traduz, e uma tradução acabada irá refletir a lógica do tradutor e as circunstâncias em que seu trabalho foi realizado.

Voltemos a falar dos elementos que compõe o método etnográfico da etnografia descritas por Angrosino citadas no capítulo anterior. Um deles é que o método etnográfico é “personalizado”, desenvolvido pelo pesquisador enquanto interage com a população estudada. Assim, não se pode presumir que o texto de um etnógrafo será igual em forma ao de outro, sequer semelhante. Um etnógrafo que trabalhe com, digamos, os índios Canela do Maranhão, provavelmente irá adaptar seu trabalho de forma a expor ao máximo suas observações sobre eles, e esse formato pode se provar absolutamente inadequado para se estudar as comunidades candomblecistas de Salvador na Bahia ou uma de ciganos Calon de Brasília. Como disse Roy Wagner em *A Invenção da Cultura* (1981, p. 49): “o pesquisador de campo produz uma espécie de conhecimento **como resultado de suas experiências**, um produto que pode ser mascateado no mercado acadêmico como ‘qualificação’ ou inscrito em livros” (grifo meu).

De modo semelhante, é muito raro que se entregue um texto para dois tradutores e que a tradução seja igual. Seria exagero dizer que os dois textos seriam muito distintos (ainda que isso seja uma possibilidade), visto que ambos têm um referencial comum, mas o “método tradutório” que um tradutor utiliza com bons resultados pode prejudicar a produção de outro. Não é o “método tradutório” que é importante (na maioria das vezes), e sim o resultado, que pode ser compartilhado, discutido e utilizado para que um tradutor possa aprender com as experiências de outro.

Evans-Pritchard ilustra bem como cada etnógrafo trabalha de maneira diferente em um dos anexos¹⁴ de *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*, quando conta sobre as respostas que vários estudiosos e professores sobre o que ele deveria ou não fazer quando estivesse fazendo a pesquisa de campo. Cada um deles deu um conselho diferente, que iam desde dicas de saúde a um simples “não faça nenhuma bobagem”. É bastante provável que, se o tradutor que está iniciando na área fosse até vários veteranos, mestres em seu ofício, e lhes pedisse conselhos sobre como fazer uma tradução, todos os conselhos seriam diferentes. A importância da experiência pessoal para o trabalho de um tradutor é tamanha que nela se baseiam dois dos pontos de vista sobre tradução discutidos por Mechonnic, o empírico e o empirista.

Além disso, Wagner dedica um bom pedaço de seu primeiro capítulo a descrever e refletir sobre o chamado “choque cultural”. De acordo com ele, o choque seria resultante de diversos fatores: o confronto com a dinâmica daquela cultura, que é muito diferente da impressão imutável criada por quaisquer estudos que ele tenha lido; da reação dos nativos, que também sofrem um choque cultural ao receberem um forasteiro em seu meio que conhece pouco ou nada de seus costumes e interações, e podem criar barreiras como forma de se protegerem até acostumarem-se com ele; da sensação de não se encaixar enquanto o choque dura; e também do confronto da cultura do próprio etnógrafo com a que ele está se relacionando.

Para Wagner, ao crescer, o indivíduo adota certas coisas como um padrão, toma-as como valores. Ainda que tenha ouvido a perspectiva de alguém que não tem esses mesmos padrões, a pessoa só irá perceber o quanto estes valores são importantes para sua leitura de mundo, para usar as palavras de Paulo Freire, apenas quando é “forçado” a deixá-los de lado, por que agora, na comunidade em que ele busca se inserir, aqueles valores são alienígenas.

De certo modo, o etnógrafo precisa (re)construir sua cultura após entrar em contato direto com outra. Assim, ele poderá usá-la como “referencial” para estudar a cultura que está em contato. Da mesma forma, ele também estaria inventando a cultura que estuda. Como Wagner diz (1981, p. 41), “o objeto de estudo (...) é inventado por meio de analogias que incorporam articulações cada vez mais abrangentes, de modo que um conjunto de impressões é recriado como um conjunto de significados”.

¹⁴ *Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo*. IN: *Bruxaria, Oráculos e Magia*. Zahar, 2004

Se é assim, modificar a forma de um texto etnográfico pode causar muita perda de sentido. A voz do tradutor, ao se juntar com a do etnógrafo, não se juntaria em harmonia, mas sim em cacofonia, ambas competindo para falar suas impressões sobre uma cultura. Neste caos, quem sairá perdendo é o leitor.

2.3.3 O que é a tradução etnográfica? O que é um tradutor etnográfico?

O que seria uma tradução etnográfica? O que a distingue das traduções “comuns”? Ferreira (2017) questionou se dizer que certa obra era uma tradução literária ou científica serviria para identificar o tipo do texto. Ela também apresentou uma outra perspectiva: o adjetivo descrevendo não a obra traduzida, mas sim como ela foi feita. A reflexão sobre esta ideia, que transforma o adjetivo em advérbio, será o foco desta seção.

Mas antes disso, deve-se falar um pouco sobre as considerações de Meschonnic sobre o traduzir, visto que ele é uma importante influência no artigo de Ferreira. Primeiro, deve-se prestar atenção na escolha das palavras. Diz-se “o traduzir”, não “a tradução”, por que é a ação, o ato de fazer uma tradução, que é o foco das reflexões de Meschonnic.

O cerne do traduzir deveria ser a escrita, pois nela estaria o discurso. Por que a língua é referente a um conjunto de ideias e experiências compartilhadas por um grupo, e isso não pode ser compartilhado. Tentar traduzir de uma língua para outra, por mais útil que essa concepção seja em alguns casos, implicaria apagar toda a identidade (porque “a língua é mistura inextricável entre uma cultura, uma literatura, um povo, uma nação, indivíduos, e aquilo que fazem dela”¹⁵) e a história de um povo, no seio do qual o texto original foi escrito.

Se é a escrita e o discurso que devem ser traduzidos, então passa a existir um diálogo entre as línguas, pois um discurso subentende um outro que está ouvindo e reage ao que é dito. Mesmo um monólogo pode ter um outro: afinal, quantas vezes na vida temos discussões internas, entre duas ou mais partes de nossa psique? É esse o ponto de vista de Ferreira: a tradução etnográfica como o encontro e o diálogo de duas entidades através da tradução. Um diálogo tanto entre culturas, sem fazer com que uma apague a outra (ou seja, sem fazer a balança pender nem para a estrangeirização quanto para a domesticação) e entre original e tradução. A tradução etnográfica seria aquela que proporciona esse diálogo.

¹⁵ MESCHONNIC, Henri. *Poética do Traduzir*, p. XX

Quanto ao tradutor etnográfico, vários etnógrafos chamaram atenção para as semelhanças entre seu ofício e o do tradutor. Por exemplo, Vicent Crapanzano (1986) escreveu:

Como tradução, a etnografia também é uma certa maneira provisória de se conciliar as diferenças entre as linguagens – de culturas e sociedades. Porém, o etnógrafo não traduz textos como o faz tradutor. Primeiro, ele deve produzi-los. (Tradução livre)¹⁶

O tradutor etnográfico está num meio termo. Ele não é um etnógrafo no sentido de que vai a campo por um longo período de tempo, entrevista os membros da cultura estudada e formula uma teoria com as informações que adquiriu. Porém, sua responsabilidade em transmitir um retrato fiel das pessoas pesquisadas para os leitores é tão grande quanto a que o etnógrafo teve quando apresentou suas conclusões para seus pares. Neste compromisso há uma ponte com o aspecto holístico do método etnográfico. Se o etnógrafo conduz seus estudos de maneira que a descrição resultante seja a mais completa possível, em seu ofício o tradutor faz tudo o que pode para transmitir a informação. A tradução etnográfica é um dos ramos da tradução em que o tradutor está mais próximo do autor. É curioso como etnógrafo e tradutor são tão semelhantes e tão diferentes ao mesmo tempo. Em um artigo intitulado *O Etnólogo, o tradutor e o escritor*, François Laplatine foi capaz de resumir tudo isso:

A etnografia ou a tradução –atividade ela também translinguística e transcultural se é que há- não dispõem provavelmente, no que lhes diz respeito, da mesma liberdade. (...), o tradutor como o etnógrafo estão eles, confrontados a um referente: um texto *já* escrito no primeiro caso, uma sociedade *já* existente no segundo, dos quais é preciso dar conta. Se a tentação do primeiro consiste provavelmente a querer a todo custo “colar ao texto”, a inclinação do segundo me parece aparentar-se ao neorealismo. (LAPLATINE, 1995, p. 10)

Ao mesmo tempo, o tradutor etnográfico também está mais perto do leitor, caso a população pesquisada seja uma que ele não pertence ou convive. E mesmo se ele seja um membro destes grupos (digamos, um tradutor soteropolitano traduzindo uma etnografia francesa sobre as festas de Iemanjá em Salvador), ele estaria lidando com a visão e as análises

¹⁶ Like translation, ethnography is also a somewhat provisional way of coming to terms with the foreignness of languages – of cultures and societies. The ethnographer does not, however, translate texts the way the translator does. He must first produce them. (In: *Writing Culture*, p. 51)

de alguém que é um estrangeiro, independente do período que ele passou dentro da sociedade que estudou. Todo etnógrafo tinha uma cultura prévia antes de misturar-se com a que decidiu estudar, retorna para ela quando seu período em campo se acaba, e é pensando nos membros de sua cultura que ele escreverá suas conclusões.

Em poucas palavras, o tradutor etnográfico é, acima de tudo, um tradutor consciente de sua cultura. Ele sabe como seus pares pensam e que fatores os levam a pensar assim. E, assim como fez o etnógrafo antes dele, ele irá observar a cultura descrita no texto que traduz, identificar onde estão as diferenças, e produzirá uma tradução que produza na “cultura de chegada” tanto estranhamento e explicações para ele quanto o texto original gerou na cultura do autor.

2.3.4 O uso de notas de rodapé e de comentários

Na Universidade de Brasília, existe uma disciplina de mestrado chamada Seminário Avançado: Tradução Etnográfica, do curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (POSTRAD). Esta matéria não se limita apenas a discutir a tradução de etnografias ou o que seria uma tradução etnográfica, mas também as estratégias e problemas que existem para que uma tradução deste tipo ocorra.

Em uma das aulas desta disciplina, durante a leitura do ensaio *Filosofia da Tradução — Tradução da Filosofia: O Princípio da Intraduzibilidade*, de Márcio Seligmann, se discutiu bastante sobre o uso de notas de rodapé e de comentários, visto que as traduções feitas por Rubens Rodrigues Torres Filho de textos de Novalis, que são o foco da discussão de Seligmann (que nega estar fazendo uma análise, apenas que os textos selecionados são os mais adequados para seus propósitos), estão repletas de comentários e notas de rodapé.

Eventualmente, a discussão se virou para a intertextualidade que é expressa pelos comentários e a função central que eles têm na tradução filosófica (que, diferente da perspectiva sugerida por Ferreira (2017) para definir “tradução etnográfica”, se refere ao tipo de texto traduzido, ou seja, textos de filosofia, e não ao método de tradução). Foi ressaltada uma colocação de Seligmann (1998, p. 29): “O próprio termo ‘rodapé’ remete à *prosa* — que vem de *prosa oratio, provorsa*, ou seja, ‘caminhar para frente’, em oposição ao verso, que implica na *volta* ritmada”.

Com essa expressão em mente, a turma discutiu sobre a importância da tradução como uma maneira de levar o original “para a frente”, até novos leitores, de fora da comunidade em que o original foi escrito. No contexto de um texto filosófico, a nota é uma forma de se intertextualizar o texto com os que o antecederam, pois na filosofia “a intertextualidade é não apenas uma constante, mas, pode-se dizer, constitui o seu cerne (como se passa, aliás, em qualquer gênero literário).” (SELIGMANN, 1998, p. 29). No contexto de uma tradução, a nota é um canal através do qual o tradutor pode estabelecer a intertextualidade (na verdade, torna-la explícita, se pensarmos na tradução como um gênero textual, da mesma forma que Seligmann pensa na filosofia) entre o texto original (e o contexto sociocultural no qual ele foi escrito) e a tradução (e o contexto que propiciou a tradução).

O que ocorre na maioria das traduções é que essa intertextualidade é mantida ou tornada implícita, devido à tendência dominante de que o tradutor apague as evidências de sua interferência no texto para “criar” um original numa outra língua. Usar notas de rodapé seria um confronto direto em essa tendência a disfarçar a voz do tradutor, e também a qualquer tentativa de se criar algo tão “incontestável” quanto um original. Ao revelar os pontos de vista (subjetivos e passíveis de discussão) do tradutor, o texto da tradução, não só seu conteúdo mas ele mesmo, deixa de ser objetivo e absoluto.

Um detalhe interessante sobre o modelo de comentários em notas de rodapé que Seligmann analisa é que ele traça nove tipos de nota, sendo que alguns grupos possuem divisões internas. De maneira resumida, os grupos são:

- (i) Indicações do termo ou trecho original;
- (ii) Que esclarecem certos conceitos;
- (iii) Que destacam as “relações de assonância e eufonia do termo original”;
- (iv) Notas que indicam detalhes, correções, adendos ou rasuras do manuscrito, ou que apontam para erros ou variantes das diferentes edições” (SELIGMANN, 1998, p. 34);
- (v) Usos de estrangeirismos no original;
- (vi) Explicações sobre pessoas, autores e obras citados anteriormente;
- (vii) Que destacam que um certo trecho do texto original estava numa língua estrangeira diferente;

- (viii) Outras possibilidades de tradução ou de interpretação;
- (ix) Notas irônicas;

CAPÍTULO III: A tradução do capítulo *Methodology*, com comentários

3.1 Apresentação da tradução e programas utilizados na sua escrita

Este capítulo é dedicado a apresentar a tradução do capítulo *Methodology* do livro *Gypsies: The Hidden Americans* de Anne Sutherland. *Methodology* é o segundo capítulo do livro, e contém uma visão geral sobre os ciganos e sobre a etnia Rom em especial, informações sobre como a pesquisa foi feita, tanto em campo quanto no que concerne à bibliografia, e sobre os problemas de se fazer pesquisas sobre o idioma dos Rom. O texto foi posto em duas tabelas: a da esquerda é dedicada ao texto original, e à sua direita está a versão traduzida. Abaixo estão notas de rodapé que incluem diversas reflexões e explicações do tradutor.

Para que a tradução fosse realizada, o capítulo que seria traduzido foi digitalizado e depois convertido em um documento Word através do programa ABBY Fine Reader de reconhecimento óptico de caracteres (OCR). Este documento Word foi então revisado para corrigir palavras escritas de forma errada, colocar a formatação na maneira adequada para um texto acadêmico e remover caracteres estranhos.

Com o processo de revisão concluído, foi feita uma primeira versão traduzida do texto, com o auxílio do programa de tradução Wordfast Pro 3, versão 3.4.13. Uma vez que ela estava pronta, um novo documento Word foi criado com uma tabela. O texto original foi então separado por parágrafos e inserido na tabela, com cada parágrafo recebendo uma célula própria com seu equivalente traduzido na coluna ao lado. Com os textos lado a lado, foram feitas diversas correções que levaram à versão final da tradução.

Foi feito um esforço para que as linhas de ambas os textos coincidissem o máximo possível, através de mudanças no espaçamento e “quebras” nos parágrafos. Entretanto, em diversas ocasiões isso não foi possível ou os resultados não foram capazes de sanar desencontros.

3.2 Qual o propósito e o leitor alvo da tradução?

Quando o processo de tradução do capítulo *Methodology* de *Gypsies: The Hidden Americans* começou, havia a pergunta: “para quem estou traduzindo?” Estou tentando fazer uma tradução com um texto simples de ler, que pudesse ser recebido por diversos leitores. Estou consciente de que a maior parte das pessoas que leriam a tradução são aquelas que têm um interesse específico nos ciganos, mas seria bom se a informação da tradução pudesse ser facilmente difundida. O prefácio da segunda edição do livro original contém dois casos de leitores que não eram etnógrafos ou antropólogos, e gostaria que a tradução também tivesse um grande alcance.

Façamos uma comparação com os índios brasileiros. Anualmente são realizados pelo menos uma dúzia de etnografias, estudos linguísticos sobre os diferentes povos indígenas, mas em geral elas são voltadas para a academia. Isso significa que, um brasileiro comum continua a pensar nos indígenas de forma geral e indistinto, como um grupo homogêneo, ao invés de reconhecer as diferenças entre os Mundurucus, os Gamela e os Yanonami. A grande discussão que houve nas redes sociais sobre os Guarani-Kaiowá, e que resultou em artigos defendendo a inclusão da Carta dos Guarani-Kaiowá¹⁷ entre as obras da literatura brasileira contemporânea chamou a atenção para o caso de um povo específico, mas poucos sabiam dizer o que define um Guarani-Kaiowá.

Os ciganos, da mesma forma que os indígenas, constituem uma variedade de etnias e povos, e quase nada é conhecido sobre o que os diferencia ou como eles realmente vivem. São considerados no imaginário coletivo como um bloco. No entanto, existe uma diferença: todos sabem que existem índios no Brasil, mas poucos sabem dos ciganos brasileiros.

Aqui posso fazer um paralelo entre meu trabalho e o da professora Sutherland. No prefácio da segunda edição do livro, ela afirma que “seu objetivo principal ao escrever o livro era desfazer alguns equívocos (por exemplo, os ciganos como uma metáfora para liberdade e como ladrões) e trazer alguma objetividade ao tópico dos ciganos¹⁸”. Nossos propósitos coincidem, uma vez que acredito que a tradução reproduz em parte os objetivos do texto-fonte.

¹⁷ *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 44, p. 165-191, jul./dez. 2014.

¹⁸ “My primary objective in writing this book was to dispel the misconceptions (i.e. Gypsy as metaphor for freedom; Gypsies as thieves) and to bring some objectivity to the subject of Gypsies” (SUTHERLAND, 1986, p. XI)

As diferenças são apenas de contexto (os Estados Unidos dos anos 1970 e 1980, e Brasil atual) e de grau de contato com os ciganos.

Ainda assim, é importante dizer que levei em conta que este texto seria apresentado a uma banca avaliadora da Universidade de Brasília. Embora a tradução do capítulo tenha sido redigida como se fosse parte de uma tradução que seria vendida em livrarias, acessível para o brasileiro comum, nunca me saiu da memória que ela estava incluída (de fato, era o carro-chefe) em um trabalho de conclusão de curso. Por vezes, esse pensamento me levou a mudar várias palavras e reescrever alguns trechos que a princípio eu tinha estado confortável, com o propósito de fazer com, quando o original e a tradução fossem espelhadas, ambas ficassem bastante fáceis de comparar.

Também chamo a atenção para algumas destas reescritas, as que alteraram dois ou mais períodos. A princípio, pensei que tanto a banca quanto os hipotéticos leitores iriam preferir se o texto usasse períodos mais longos em alguns trechos que a professora Sutherland preferiu usar vários períodos curtos. Entretanto, os alertas de vários colegas e novas leituras de textos que usei na arte teórica me fizeram reconsiderar esse pensamento. Iria apagar detalhes do discurso e do método etnográfico de Sutherland e substituiria pelos meus.

Então, para esta versão final, eu desfiz praticamente todas as reescritas de forma, mas anotei nas notas de rodapé onde eu queria mudar, para que os leitores dessa monografia, tanto da banca quanto colegas da graduação possam discutir se haveria mérito nas mudanças planejadas.

3.3. Tradução e comentários

A tradução está acompanhada de diversos comentários em nota de rodapé. O formato em que elas estão distribuídas foi influenciado pela classificação de nove tipos de comentários que Seligmann (1998) fez das traduções filosóficas de Torres Filho. No caso desta tradução, existem i) notas textuais, que explicam certos detalhes da forma que o texto está exposto, além de onde eu pensei em modificar o texto e como, ii) notas etnográficas, onde registro meus estranhamentos em relação à cultura descrita no texto, iii) notas terminológicas, que comentam a escolha de palavras, e iv) notas de pensamento, em que revelo pensamentos pertinentes ao meu processo de tradução.

Texto original	Texto traduzido
Methodology	Metodologia
This book is an ethnographic description of a group of American Rom ¹⁹ living in Barvale, California. It is based on two years field-work in this community or <i>kumpania</i> ²⁰ (pl. <i>kumpaniyi</i>) and is supplemented with extensive reviews with one Rom leader. Since the literature on American Rom is paltry and unreliable in general, very little written material has been used. However, when certain kinds of data ²¹ were unobtainable, either because of my particular role in the community, or because of my sex, published material has been used to supplement the field notes, welfare records and reports, newspaper articles, and taped interviews.	Este livro é uma descrição etnográfica de um grupo de Roms estadunidenses em Barvale, California. Ele baseia-se em dois anos de pesquisa de campo nesta comunidade ou <i>kumpania</i> (pl. <i>kumpaniyi</i>) e é complementada com entrevistas detalhadas com um líder Rom. Como normalmente a literatura sobre os Roms americanos é escassa e pouco confiável, pouco material escrito foi usado. Porém, quando certos tipos de dados não puderam ser obtidos, quer devido ao meu papel em particular na comunidade, quer por causa de meu sexo, material publicado foi usado para suplementar as notas de campo, registros e relatórios de assistência social, artigos de jornais e entrevistas filmadas.

¹⁹ Nota etnográfica: esta é uma coisa que eu gostaria de frisar: os ciganos são um povo formado por muitas etnias e culturas diferentes. Existem vários estereótipos (os ciganos como nômades ou como leitores de mão, por exemplo), mas eles não são necessariamente verdade. Sutherland menciona ciganos húngaros que são sedentários. Os Calon da Rota do Cavalo no DF são evangélicos e por isso não fazem leitura de mãos, uma grande diferença dos Rom de Barvale, que detestam não terem as licenças para realizar a leitura da sorte, enquanto os ciganos Romanichal da mesma área têm.

²⁰ Nota etnográfica/pensamento: Quando eu li livro pela primeira vez, eu fiquei um tanto perplexo com a autora usar o romanês no texto, especialmente por ela explicar o significado de várias palavras. Os Calon do DF se recusam a ensinar qualquer palavra de sua língua, o “chibi”, para estrangeiros, e mais adiante nesse capítulo a autora comenta que os Rom pararam de ensinar a professora Sutherland depois de um tempo. Manter a língua em segredo é uma excelente forma de proteção. Eu precisei reler algumas vezes para processar que existem estudos e até cursos por correspondência de romanês nos Estados Unidos e que a professora Sutherland tivesse incluído alguns detalhes da língua em seu livro. Ler que os próprios Rom ensinaram ela algumas palavras com certeza me fez aceitar melhor.

²¹ Nota etnográfica: também vale a pena mencionar que eu interagia com os Calon mais como um linguista do que como um etnógrafo. Dessa forma, embora eu tenha algum conhecimento sobre como os Calon vivem, eu não tenho muitos detalhes sobre sua cultura, e não posso mensurar o quanto que teria sido ocultado de mim. Por outro lado, os Calon são mais abertos que os Rom, e embora eles também mantenham barreiras com os *gajin* (uma das poucas palavras da língua chibi que eu conheço, justamente por que se parece com a palavra romani *gaje*, muito usada nesse texto), eles aceitam mais visitantes em seu meio.

The Rom are the largest group of Gypsies and exist in every part of the world. They recognize the existence of other Gypsies groups but consider this peoples to be morally and socially inferior²² to the Rom. The Rom are divided in four nations or tribes called *natsiyi* (sing. *natsia*). These are, in order of social status, the Machwaya, Lowara, Kalderasha, and Churara²³. This work deals with persons from all but the Lowara *natsia* who occupied the *kumpania* in Barvale, but since this area was dominated by certain Kalderash families, most of the information could be said to be derived from them. The distinctions between the various *natsiyi* include dialects and certain variation in custom and appearance, but these differences are not significant in terms of the social structure of each *natsia*. The difference in social status is an extremely important term of reference²⁴ for behaviour especially in conflict situations when these statuses are most openly expressed. The different statuses are symbolized in myth by the sun (Machwaya), moon (Lowara), stars (Kalderash), and a knife (Churara).

Os Rom são a maior etnia cigana e estão em todas as partes do mundo. Eles reconhecem a existência de outras etnias mas as consideram moral e socialmente inferiores a eles. Os Rom

estão divididos em quatro nações ou tribos chamadas *natsiyi* (sing. *natsia*). Elas são, em ordem de status social, a Machwaya, Lowara, Kalderasha, e Churara. Este trabalho inclui pessoas de todas elas, com exceção da *natsia* Lowara, que ocupavam a *kumpania* em Barvale, mas como essa área era controlada por certas famílias Kalderash, pode-se afirmar que a maior parte da informação originou-se delas. As distinções entre as várias *natsiyi* incluem diferenças de dialeto e certas variações em costumes e aparência, mas elas não são significativas em termos de estrutura social de cada *natsia*. A diferença em status social é um referencial extremamente importante para comportamento, especialmente em situações de conflito em que estes status são expressados mais abertamente. Em mitos, os diferentes status são simbolizados pelo sol (Machwaya), lua (Lowara), estrelas (Kalderash) e uma faca (Churara).

The Barvale *kumpania* is only one of a large number of *kumpaniyi* in California and the rest of North America. This *kumpania* is dominated by a Kalderash *vitsa* called Kashtare but is open to other Rom who

A *kumpania*²⁵ de Barvale é apenas uma em um grande número de *kumpaniyi* na Califórnia e no resto da América do Norte. Esta *kumpania* é dominada por uma *vitsa* Kalderash chamada Kashtare mas é aberta a

²² Nota etnográfica: Um cigano que conheci no DF certa vez me disse que costumava haver uma certa “falta de simpatia”, por assim dizer, entre os Calon e outras etnias, em parte por que os Calon, em comparação com as outras etnias do Brasil, eram mais pobres, apesar de serem os mais numerosos e os primeiros a chegar. Outro fator era que as etnias tinham pouco contato que todas as etnias tinham entre si. De acordo com esse informante, um encontro de ciganos em 2013 teria melhorado as relações entre elas, pois os ciganos brasileiros começaram a entender uns aos outros melhor e passaram a trabalhar em conjunto para defender seus direitos. Considerando que outras partes do texto dizem que a postura dos Rom também é baseada em parte pela falta de contato, me pergunto se ela teria mudado nos quarenta anos que se passaram entre a publicação da primeira edição desse livro.

²³ Nota etnográfica: até onde sei, não existem divisões em tribos/nações ou em *vitsa* entre os Calon. Eles parecem dividir sua sociedade de acordo com o acampamento e com a família. Embora houvesse indícios que relações de família estendida eram significativas, elas não pareciam chegar ao nível das *vitsa* dos Rom.

²⁴ Nota terminológica: a primeira versão traduziu “term of reference” palavra por palavra (“termo de referência”), e o resultado não me agradou. Prejudicava o espelhamento na versão da monografia e soava prolixo, e eu estava certo de que, com um pouco de reflexão, eu poderia encontrar uma tradução mais sucinta para o termo. Após pensar bastante e consultar dicionários em busca de sinônimos, eu decidir utilizar “referencial”.

²⁵ Nota tradutória: na primeira versão, eu não tinha estabelecido um parâmetro definir que artigos, pronomes, numerais, etc, para as palavras em romanês. Só fui perceber a necessidade de um padrão quando li que tinha posto a palavra *kris* como feminina em um lugar e como masculina em outro. Na segunda versão, eu decidi que o artigo seria escolhido com base no que a palavra significa. *Kris*, que na maior parte das ocorrências significava “juízo”, passou a usar apenas pronomes masculinos. Se ela aparecesse no sentido de “tradição”, eu usaria formas femininas. Existem muitas palavras na língua dos Rom que tem mais de um sentido (aliás, Rom pode ser tanto o nome da etnia quanto significar “homem adulto” ou “marido”), e eu precisei tomar cuidado com elas.

obtain prior permission from the leader or *rom bara* ("big man") or who are relatives of members of the *kumpania*. There is no economic monopoly in Barvale as the mains sources of income are welfare and summer farm work. Not all *kumpaniyi* take this same form, however. Some are tightly controlled by one *familia* or *vitsa* who have a monopoly on fortune-telling establishments either through exclusive license or bribery. This kind of closed *kumpania* is typically Machwaya. Other *kumpaniyi* are quite open and loosely organized and people come and go freely, utilizing any economic resource in the area. The *kumpania* is the most important economic group. A *kumpania* has the right to safe-guard the economic resources of its territory and make rules about how and how much they are to be exploited. Trespassers can be expelled through recourse to American law, if necessary.

outros Rom que obtenham permissão prévia do líder ou *rom baro*²⁶ ("grande homem") ou que sejam parentes de membros da *kumpania*. Não há monopólio econômico em Barvale já que as principais fontes de renda são benefícios sociais e trabalho agrícola sazonal²⁷. Entretanto, nem todas as *kumpaniyi* tem este mesmo formato. Algumas são fortemente reguladas por uma *familia* ou *vitsa* que tem o monopólio da leitura da sorte através de licença exclusiva ou suborno. Esse tipo de companhia é tipicamente Machwaya. Outras *kumpaniyi* são bastante abertas, pouco organizadas e pessoas vem e vão livremente, utilizando qualquer recurso econômico na área. A *kumpania* é o grupo econômico mais importante, e tem o direito de salvaguardar os recursos econômicos de seu território e criar regras sobre como e o quanto que eles devem ser explorados. Se necessário, transgressores podem ser expulsos através de recurso à lei estadunidense.

The *kumpania* is also the area of residence and is composed of so many households or *tsera* (tents). Barvale has thirty-three households with approximately three hundred Rom, the average family size being seven. However, because there are households in residence, it should not be

A *kumpania* também é a área de residência e é composta de diversas residências²⁸ ou *tsera* (tendas). Barvale tem trinta e três residências com cerca de trezentos Rom, as famílias sendo compostas em média por sete membros. Porém, como existem moradores temporários²⁹, não se deve assumir que estas

²⁶ Nota etnográfica: não sei dizer se existe uma posição similar à do *Rom Baro* entre os Calon. Mas o acampamento da Rota do Cavalo e o que existia no Córrego do Arrozal sempre tinham um cigano que falava pelo grupo com autoridades ou visitantes.

²⁷ Nota terminológica: Na tradução do trecho que descreve as principais fontes de renda dos Rom de Barvale, a principio traduzi "welfare" e "summer farm work" como "assistência social" e "trabalho nas fazendas no verão", e estava satisfeito com minhas escolhas. "Summer farm work", em particular, tinha sido o foco de bastante reflexão minha, e inclusive fiz uma pesquisa sobre o trabalho agrícola no Brasil para ver se havia algo que se encaixasse. Eu pensei bastante em colocar "trabalho como boia-fria", eventualmente descartando essa hipótese já que boia-fria, estritamente falando, não se refere apenas a trabalhadores que só trabalham durante a colheita ou uma estação: o termo pode se referir a qualquer operário agrícola que se desloque da cidade para o campo para trabalhar. Em retrospecto, também poderia ter traduzido como "trabalho em fazendas durante o verão" mas, como a tradução seria apresentada espelhada com original, eu decidi que essa opção iria bagunçar o espelhamento devido a seu tamanho. Porém, durante uma das reuniões que tive com minha orientadora, a Professora Doutora Alessandra R. O. Harden, eu mostrei o trecho em questão e ela me sugeriu colocar "benefícios sociais" e "trabalho agrícola sazonal". Como disse, os termos já da primeira versão tinham me satisfeito, mas havia uma chance pequena que "assistência social" pudesse ser entendida como "os Rom de Barvale trabalham no ramo da assistência social". Não existe ambiguidade no original, então eu decidi pela opção que também não deixava ambiguidades. Por sua vez, "trabalho agrícola sazonal" é mais sucinto e técnico que "trabalho nas fazendas no verão".

²⁸ Nota terminológica/etnográfica: quando fiz a primeira tradução, o parágrafo que descreve como é a *kumpania* como local foi bastante complicado devido à sinonímia do termo "household". Ele pode significar tanto o local de moradia quanto as pessoas que moram nesse local. Eu primeiro vi se era possível usar uma única palavra, como domicílio ou família, da mesma forma que "households" era usada no original. Isto se provou impossível. Então decidi traduzir pelo contexto, usando as vezes "moradia" (termo que foi o último de uma série de opções experimentadas) e as vezes "família", que produziu resultados melhores.

²⁹ Nota terminológica/textual: Gostaria de dar uma menção especial para "moradores temporários", que no original era "household in residence". Este termo se refere a aqueles Rom que estão apenas de passagem na

assumed that these are stable or permanent units. The mobility of each household is quite considerable. Some travel as much as 60 per cent of the time, coming and going so frequently that it is difficult to know if they belong to the *kumpania*. The majority of households stay in Barvale over the winter and leave to camp and work in nearby fields during summer months besides additional trips to attend rituals and visit relatives during the year. The average amount of travelling time in Barvale was 42 percent of total time. Some households, especially those headed by very elderly and infirm persons, travel only when absolutely necessary, such as for a funeral feast (*pomana*) or an illness. Travelling is a social imperative on many occasions, and it is a major form of social control. When there is a conflict, the families involved leave town for a period of time until the gossip has quietened down.

unidades são estáveis ou permanentes. A mobilidade de cada família é bastante considerável. Algumas viajam até 60% do tempo³⁰, indo e vindo com tanta frequência que é difícil saber se eles pertencem à *kumpania*. A maioria das famílias fica em Barvale durante o inverno e parte para acampar e trabalhar em fazendas próximas durante os meses de verão,³¹ além de viagens adicionais para participar de rituais e visitar parentes durante o ano. Em Barvale, em geral 42% do tempo total era gasto viajando. Algumas famílias, especialmente aquelas lideradas por pessoas muito idosas e enfermas, viajavam apenas quando absolutamente necessário, como para um banquete fúnebre (*pomana*) ou por causa de uma doença. Viajar é um imperativo social em muitas ocasiões, e é uma forma importante de controle social. Quando ocorre um conflito, as famílias envolvidas deixam a cidade por um período de tempo até que o caso tenha esfriado.³²

Politically, the *kumpania* also has a very important role. Each large extended family (*familia*) is headed by the eldest functioning adult who has considerable power over family members, and together, through discussion and consensus, these elders make important decisions on matters of social, economic and moral concern to the

Politicamente, a *kumpania* também tem um papel muito importante. Cada grande família estendida (*familia*) é liderada pelo adulto apto mais velho, que tem um poder considerável sobre os membros da família, e juntos, através de discussão e consenso, estes anciões tomam importantes decisões em questões sociais, econômicas e morais da

comunidade. Eu pesquisei os censos brasileiros para ver se havia um termo específico para este tipo de pessoa que vive na estrada, mas não há. Eu achei esse termo tão complicado que cheguei a desistir de traduzi-lo, reescrevendo a frase de modo que ficasse “Porém, como os moradores vem e vão (...)”. A necessidade de reescrever, junto de minha percepção de que eu poderia manipular mais a forma do texto, me levaram a juntar o período em que essa frase está incluída com o seguinte, iniciado por “A mobilidade de cada família”. Mas, numa conversa com a professora Daniela Felix, ela me lembrou que “o texto era o laboratório do etnógrafo”. Isso, junto de algumas (re)leituras que fiz para terminar a monografia, me levaram a desfazer essa junção e outras. Quando desfiz essa junção, eu aproveitei para mudar a tradução de “households” para “moradias” (antes estava “residências”), e percebi que podia traduzir “households in residence” como “moradores temporários”.

³⁰ Nota etnográfica: outra distinção entre os Rom e os Calon é que, até certo ponto, os Calon são sedentários. De acordo com os Calon, eles só levantam acampamento se existe algum problema, como um conflito com donos de terra ou a polícia, ou se algum membro da comunidade falece. Neste último caso, os ciganos irão partir assim que tiverem concluído os ritos funerários. Algo importante a se dizer é que os Calon do DF parecem adotar quase os mesmos costumes religiosos dos não ciganos da área. Por exemplo, o batismo de crianças e o casamento são realizados por padres da região que vem até o acampamento. O primeiro não parece divergir em nada do que ocorre entre os não ciganos, enquanto o segundo difere apenas no que ocorre no noivado (por exemplo, os noivos não devem interagir antes do dia do casamento). Assim, o costume Rom de *pomana* (banquete fúnebre, tradução minha com base na definição de Sutherland) provavelmente não está presente.

³¹ Nota textual: incluí uma vírgula aqui. Teria que remover “além” (que traduz “besides”) se não colocasse ela. Essa é uma de duas modificações na forma que coloquei.

³² Nota terminológica/de pensamento: quando li o trecho “(...) until the gossip has quietened down”, decidi traduzi-lo como “(...) até que o caso tenha esfriado”. De modo geral, eu estava satisfeito, mas me perguntei se deveria procurar por uma alternativa, pois a expressão me parecia muito informal. Entretanto, ao refletir um pouco sobre a frase original, decidi que não havia muita diferença no grau de formalidade. Talvez esta nota também pudesse ser considerada etnográfica, afinal é um questionamento se a expressão é mais ou menos informal entre os “anglos” e os “lusos”, mas isto é uma fuga do assunto.

kumpania. In a *kumpania* such as Barvale, there is also a *rom baro* or leader who, besides controlling his family, has claim some authority over the other families in the *kumpania* and represents them to outside agencies and officials (*gaje*). The *rom baro* claims to have influence with these important *gaje* and uses this influence both to establish his authority with the Rom as well as to obtain economic benefits for his people and ease legal difficulties. The *rom baro* also has another role and that is to arbitrate in fights and solve internal conflict as well as see that moral and social rules³³ are upheld. He may also, with the support of the *kumpania*, punish infractions of these rules. Sometimes mobilization of opinion and arbitration are not sufficient and recourse to stronger legal methods, the *kris romani* (Romani trial), is necessary. The strongest leader in an area will also be the judge at these trials thus the *kumpania* is also the smallest *public* moral and political unit which can make decisions on matters beyond more personal family concerns.

The Rom have a cognatic terminology and trace descent through both males and females. An extended cognatic family covering three to four generations is called a *familia* and is headed by the edest member who may be either a male (*phuro*) or female (*phuri*). Members of a *familia* feel a very strong loyalty to each other, often live together, though there may be five to ten households, and cooperate economically, sharing with and aiding one another at all times. There is also a larger unit of cognatic kin composed of several *familiyi* (headed by brothers and cousins) called the *vitsa*. Membership in a *vitsa* is cognatic by right but restricted in practice primarily to

kumpania. Em uma *kumpania* com a Barvale, também existe um *rom baro* ou líder que, além de controlar sua família, obteve alguma autoridade sobre as outras famílias da *kumpania* e as representa perante agências e oficiais não ciganos (*gaje*). O *rom baro* alega ter influência com esses *gaje* importantes e usa esta influência para estabelecer sua autoridade entre os Rom e para obter benefícios econômicos para seu povo e resolver dificuldades jurídicas. O *rom baro* também tem outro papel, que é arbitrar disputas, resolver conflitos internos, assim como garantir que as regras morais e sociais sejam mantidas. Ele também pode punir infrações dessas regras com o apoio da *kumpania*. Às vezes, mobilização da opinião e arbitragem não são suficientes e é necessário recorrer a métodos judiciais mais severos, o *kris romani* (julgamento Romani). O líder mais forte numa área será o juiz nestes julgamentos, portanto a *kumpania* é também a menor unidade moral e política *pública* que pode fazer decisões sobre questões além de problemas familiares.

Os rom têm uma terminologia cognática³⁴ e traçam descendência através de homens e mulheres. Um família estendida cognática cobrindo três a quatro gerações é chamada de *familia* e é chefiada pelo membro mais velho que pode ser homem (*phuro*) ou mulher (*phuri*). Membros de uma *familia* sentem forte lealdade uns aos outros, frequentemente vivem juntos, independente se são cinco ou dez moradores, e cooperam economicamente, sempre compartilhando e ajudando uns aos outros. Também existe uma unidade maior de parentes cognáticos composta de várias *familiyi* (liderada por irmãos e primos) chamada de *vitsa*. Associação a uma *vitsa* é cognática por direito, mas na prática é restrita

³³ Nota textual: Como dito na seção 3.1, devido às limitações causadas pelo formato espelhado, várias vezes as linhas não coincidiam nos dois textos. Entre outras medidas, uma tentativa de tornar a leitura comparada mais confortável, eu por várias vezes “quebrei” o texto. Peço desculpas por quaisquer incômodos que essa prática causou.

³⁴ Nota terminológica/etnográfica/de pensamento: eu já conheci esse termo e seu significado de tanto jogar *Crusader Kings II*. Significa que a genealogia de uma pessoa é traçada considerando ancestrais de ambos os sexos. Mas eu queria ter algo além da minha experiência pessoal para embasar a explicação que eu iria por sobre este termo (até onde sei, culturas tradicionais cognáticas são uma minoria em comparação com as que são agnáticas, que traçam a linhagem a partir do pai). Então comecei a pesquisar em dicionários de português, por que essa “cognático” é uma daquelas palavras que não aparece na maioria dos dicionários bilíngues que um estudante consegue comprar. No Aurélio, “cognático” não aparecia, apenas “cognato”, uma outra forma adjetiva, e cognação, que é o substantivo que deu origem a ambas.

descendants of males. Since post-marital residence is normally

patrilocal, males generally choose to call themselves by their father's *vitsa*, and females eventually call themselves by their husband's (and children's) *vitsa*. However, no one loses the right to join the *vitsa* of his or her mother. Like the *natsia*, each *vitsa* has a status and a name; the status is partially determined by the status of the *natsia* to which the *vitsa* belongs and partially by its own reputation, size, power, and wealth. Because these latter four factors fluctuate over time, the status of a *vitsa* is not as immutable as the status of *natsia*, and a considerable amount of information is required to evaluate its position. This information, plus the name of a person's father (and therefore *familia*), is used to identify another Rom and determine what attitude and behavior is appropriate with him. Members of one's own *vitsa* are relatives (*niamo*), and behavior towards relatives is appropriately cooperative and friendly.

aos descendentes de homens.³⁵ Como a residência pós-casamento é normalmente patrilocal³⁶, homens geralmente identificam-se pela *vitsa* de seus pais, e mulheres eventualmente o fazem pela *vitsa* de seus maridos (e filhos)³⁷. Apesar disso, ninguém perde o direito de juntar-se à *vitsa* de sua mãe. Como a *natsia*, cada *vitsa* tem um status e nome; o primeiro é parcialmente determinado pelo status da *natsia* à qual a *vitsa* pertence e parcialmente por sua reputação, tamanho, poder e riqueza. Como estes quatro últimos fatores oscilam ao longo do tempo, o status de uma *vitsa* não é tão imutável quanto o status de uma *natsia*, e é necessário uma quantidade considerável de informação é para avaliar sua posição. Esta informação, junto com o nome do pai de uma pessoa (e portanto *familia*), é usada para identificar outro Rom e determinar que atitude e comportamentos são apropriados com ele. Membros de uma mesma *vitsa* são parentes (*niamo*), e o comportamento em relação a eles é apropriadamente cooperativo e amigável.

Marriage can take place between any two Rom; however, there is a preference for marriage with a second cousin of one's own *vitsa* or the *vitsa* of a female ancestor (mother or grandmother). This preference for endogamous marriage is consistent with a suspicion of *streyino* Rom (those whose *vitsa* is not familiar) and the loyalty and mutual aid expected between kin. Affines are persons to whom one owns certain

Casamento pode ocorrer entre quaisquer dois Rom; porém, há uma preferência por casamentos com primos em segundo grau da mesma *vitsa* ou da *vitsa* de uma ancestral³⁸ (mãe ou avó). Esta preferência por casamentos endógamos é consistente com uma suspeita de *streyino* Rom (aqueles cuja *vitsa* não é familiar) e a lealdade e auxílio mútuo esperados de parentes. Parentes por afinidade³⁹ são pessoas a quem são devidas

³⁵ Nota textual: Eu pretendia unir esse período com o anterior da seguinte forma: “Também existe uma unidade maior de parentes cognáticos composta de várias *familiyi* (liderada por irmãos e primos) chamada de *vitsa*, **cuja** associação é cognática por direito, mas na prática é restrita aos descendentes de homens”. Como se vê, cuja serviria como conectivo, e *vitsa* apareceria só uma vez.

³⁶ Nota terminológica/de pensamento: eu tinha a impressão que essa palavra era a mesma tanto em português quanto em inglês, por isso deixei-a como encontrei. E também por que não encontrei em “patrilocal” em nenhum dos dicionários que eu tinha em casa. Mas eu sou que nem São Tomé, queria uma confirmação, e então comecei uma nova pesquisa quando fiz a primeira revisão da tradução. A princípio, eu encontrei apenas explicações em dicionários virtuais, os quais eu não confiava 100%, já que eles eram o “trabalho de leigos”, sem afiliação com a Academia Brasileira de Letras ou outra organização confiável. Depois de muita pesquisa, encontrei um dicionário Houaiss que confirmava tanto minha suspeita quanto o que os dicionários online afirmavam.

³⁷ Nota textual: Nessa parte em que se fala sobre identificações por *vitsa*, eu eliminei o verbo choose (escolher) e a segunda ocorrência de identify (identificam-se). Na minha opinião, “generally/geralmente” deixa implícito que um homem pode *escolher* se identificar pelo nome da *vitsa* de sua mãe (que, como se vê na frase seguinte, ainda é aberta para afiliação), e “o fazem” também deixa implícito que eventualmente as mulheres passam a usar o nome da *vitsa* de seus maridos e filhos.

³⁸ Nota textual: No original se dizia “female ancestor”, literalmente “ancestral mulher”. Eu não traduzi “female” por que o artigo “uma” especifica o sexo da ancestral.

³⁹ Nota terminológica: Minha escolha para traduzir “affine” como “parente por afinidade” tem menos a ver com a sonoridade das palavras do que com a ideia por trás e com minha vivência de mundo. Em minha família

obligations and respect rather than affection, but affines who are also kin are said to create stronger marriage bonds. This is particularly emphasized in the *Xanamik* (co-parent-in-law) relationship which is fraught with tension and the source of much internal conflict. The stated preference for endogamous marriage is not merely an ideal but is practiced in approximately half of the marriages.

certas obrigações e respeito ao invés de afeição, mas se diz que parentes por afinidade que também são por sangue criam laços da casamento mais fortes. Isto é particularmente enfatizado no relacionamento *Xanamik* (co-sogro), que é repleto de tensão e a fonte de muito conflito interno. A preferência declarada por casamentos endógamos não é apenas um ideal, e sim o que se pratica em aproximadamente metade dos casamentos.

Marriage is prohibited between cognatic members of a *familia* which includes kin up to the first cousin. It is also prohibited with non-Gypsies (*gaje*) who are the social and moral opposites of the Rom and is highly frowned upon when with members of non-Rom Gypsy groups. However, this prohibition is more strictly interpreted for women than for men. Women are outcast (*marime*) from the group if they have sexual relations with a *gajo*, whereas men are only temporarily *marime* (polluted) on condition that they incorporate their non-Gypsy woman into their family and teach her proper rules of submission to her mother-in-law and cleanliness behavior. Even so, these Rom-*gaji* marriage constitute only 5 per cent of all marriages.

É proibido o casamento entre membros cognáticos de uma *familia* caso eles sejam primos em primeiro grau ou mais próximos. Também é proibido com não-ciganos (*gaje*) que são social e moralmente opostos aos Rom, e muito reprovado com ciganos que não sejam Rom⁴⁰. Porém, esta proibição é interpretada mais firmemente para mulheres do que para homens. Mulheres são expulsas (*marime*) de grupo se tem relações sexuais com um *gajo*, enquanto homens temporariamente se tornam *marime* (poluídos), desde que eles incorporem sua mulher não-cigana em sua família e a ensinem as regras apropriadas de submissão à sua sogra e comportamentos de purificação⁴¹ ⁴². Mesmo assim, estes casamentos Rom-*gaji* constituem apenas 5% de todos os casamentos.

existem pessoas que são consideradas parentes devido a compromissos como apadrinhamento (padrinhos são considerados tios postiços, enquanto seus filhos são considerados primos), por amizades excepcionalmente longas e fortes ou por que um membro sanguíneo da família ajudou muito na criação e educação dos filhos de um amigo. Costumamos nos referir a estas pessoas, entre outros nomes, como “parentes de afinidade”. De todo o leque de opções que tinha disponível, escolhi “parente por afinidade” por que era o menos prosaico e o mais usado num contexto “formal”.

⁴⁰ Nota textual: Eu pretendi colocar todos os tipos de pessoas com as quais um Rom não pode casar numa única frase, escrevendo “É proibido o casamento entre membros cognáticos de uma *familia* caso eles sejam primos em primeiro grau ou mais próximos e também com não-ciganos (*gaje*)”

⁴¹ Nota terminológica/etnográfica: Eu procurei mais detalhes no livro sobre o que é este “cleanliness behavior” (que na primeira versão eu traduzi de maneira provisória como “comportamentos de purificação”), mas este é um tópico amplo. Os conceitos de impureza (*marime*), pureza (*wuzho*) e o estado intermediário *melalo* estão presentes em diversas maneiras na cultura Rom, e definem as regras para como realizar a higiene pessoal, guardar e vestir roupas, as interações entre as nações/tribos (*natsiyi*) dos Rom, com outros ciganos e com os não ciganos, entre muitas outras coisas. Pode ser que uma esposa não-cigana (*gaji romni*) tenha que aprender todas elas ou apenas uma parte. Como eu não tinha uma definição para “cleanliness behavior”, eu precisei escolher um termo que fosse abrangente e não especificasse. Decidi que “comportamentos de purificação” era capaz de ocupar a lacuna suficientemente bem para que a mensagem fosse transmitida, mas continuei procurando por mais alternativas. Com a ajuda de minha orientadora, pesquisei a ablução que os muçulmanos fazem antes das orações, e comportamentos de judeus e hindus para purificar algo. Esses resultados foram insatisfatórios por que reduziam a questão uma comparação, “que nem essa outra cultura”, e mesmo assim não conseguiam representar a ideia por trás. Até superei minha preocupação de ofender os Calon e perguntei se eles também tinham costumes similares, e a resposta foi que eles não tinham nada semelhante, embora soubessem que alguns Rom fizessem. Assim, o neologismo “comportamentos de purificação” se tornou definitivo.

⁴² Nota de pensamento: Uma coisa que me incomoda *muito* sobre minhas reflexões teóricas é o quanto que as concepções tradicionais ainda estão enraizadas em mim. Continuo falando e pensando em termos de “mensagem”, “significado” e “equivalência”, e sei muito bem que estes termos são limitados.

Not only marriage with *gaje* but all social relations with them are in a sense *marime*. The only truly acceptable relations with *gaje* are situations of economic exploitation or political manipulation. *Marime* is a very broad concept (meaning both pollution and rejection from the society) which is an effective form of coercion. The ultimate punishment by the society is when a person declared *marime* in a trial is denied commensality and normal social intercourse even with his own relatives. The effectiveness of *marime* in political or coercive contexts is due partly to its broad application to many other categories of persons, concepts, and beliefs that are evil, lowly, rejected, harmful, or negative in some way. *Marime*, its opposite concept *wuzho* (purity), and a third, intermediary concept of dirt, *melalo*, form the basis of a whole system of related categories which include social boundaries and status, body symbolism, sex, age, health, luck, and supernatural beings. This symbolic system has an enduring quality and may be the key to the Rom survival as a group.

De certa forma, todas as relações com *gaje* são *marime*, não apenas casamento. As únicas relações realmente aceitáveis com *gaje* são situações de exploração econômica ou manipulação política. *Marime* é um conceito bastante amplo (significando tanto poluição quanto rejeição da sociedade), o que o torna uma forma de coerção eficaz. A punição mais severa pela sociedade é quando uma pessoa é declarada *marime* em um julgamento que lhe nega comensalidade e relações sociais normais até com seus parentes. A eficácia do *marime* em contextos políticos ou coercivos é devida em parte à sua ampla aplicação a muitas outras categorias de pessoas, conceitos e crenças que são malignas, vis, desprezíveis, prejudiciais ou negativas⁴³ de alguma maneira. *Marime*, seu conceito oposto *wuzho* (pureza) e *melalo*, um estado intermediário de corrupção, formam a base de um sistema de categorias que incluem limites sociais e de status, simbolismo corporal, sexo, idade, saúde, sorte e seres sobrenaturais. Este sistema simbólico tem uma qualidade duradoura e pode ser a chave para a sobrevivência dos Rom como um grupo.

Definition of a Rom

There are many distinct groups of people who are brought together under the word ‘Gypsy’ or in some way refer to themselves as ‘Gypsy’ or ‘Romanies’. In America some of these groups are the Kalderash, Machwaya, Lowara, Xoraxai, Romanitchal (English Gypsies), Gitanos (*Kale*), Boyash, Ungaritzza (Hungarian Gypsies), and so on, and in Europe there are also the Rudari, Sinte (or Manush), Aurari, Ursari, Churara, Irish and Scottish travellers (Tinkers), and others.¹ Besides these groups there are also references to Gypsies according to a certain

Definição de Rom

Existem muitos grupos distintos de pessoas que são descritos pela palavra "cigano" ou que se referem a si mesmas como "ciganos" ou "Romanies". Nos Estados Unidos, alguns destes grupos são os Kalderash, Machwaya, Lowara, Xoraxai, Romanitchal (ciganos ingleses), Gitanos (*Kale*), Boyash, Ungaritzza (ciganos húngaros) e assim em diante, e na Europa também existem os Rudari, Sinte (ou Manush), Aurari, Ursari, Churara, os viajantes irlandeses e escoceses (Tinkers), e outros.¹ Além destes grupos há referências a ciganos franceses, ingleses, italianos

⁴³ Nota terminológica: por si só, traduzir este adjetivos é fácil: por outro lado, encontrar as palavras certas para enfatizar quão desprezíveis são as “pessoas, conceitos e crenças” que são *marime* é complicado, e muito divertido também. Minhas primeira tentativas foram tímidas, tentando não me afastar das palavras que a professora Sutherland usou, resultando em sequências como “malignas (ou más), baixas, rejeitadas, prejudiciais ou negativas”. Depois de ler a tradução da professora Alice Maria do artigo “L’ethologue, le traducteur et l’écrivain” de Laplatine, que encontrou algumas séries de palavras na língua original e decidiu traduzir essas séries com base no som que se repetia e com palavras que passassem a ideia de umidade, eu me tornei mais ousado, e comecei a escolher palavras cada vez mais evocativas. Assim, a segunda versão substituiu “baixo” por “vil”, e comecei a procurar por outras palavras. “Rejected”, foi traduzido literalmente na primeira versão, mas na segunda eu pensei em “desprezadas”, pois desprezo sugere um aversão, uma rejeição, especialmente veemente. “Harmful” e “negative”, por sua vez, foi mais difíceis. Para o primeiro, eu pensei em procurar termos médicos. Para o segundo, negatividade. Usando o *Dicionário Houaiss de Sinônimos e Antônimos*, escolhi “nocivo” como tradução de “harmful”, e “lesivo” para “negative”, quando o dicionário não ofereceu uma opção que já não tivesse sido usada ou fosse alguma variação de “daninho”, que é muito associado a plantas.

area such as French Gypsies, English Gypsies, Italian Gypsies (*Zingari*), Spanish Gypsies, Hungarian Gypsies, Russian Gypsies, Mexican Gypsies, and so on. Designations by country actually tell very little and do not necessarily identify the group, since there may be Kalderash in Italy, Russia, or Sweden with very little difference between them, except that their second language is the one of that country.

(*Zingari*), espanhóis, húngaros, russos, mexicanos⁴⁴ e assim em diante. Na verdade, designações por país revelam muito pouco e não necessariamente identificam o grupo, já que podem existir Kalderash na Itália, Rússia ou Suécia que tenham muito poucas diferenças entre eles, exceto que sua segunda língua é a daquele país.

There is a great deal of debate amongst gypsiologists over who should and who should not be designated a ‘true Gypsy’ and several criteria have been suggested for doing so. Some are inclined to include all ‘travellers’ or ‘nomadic’ people in western society as Gypsies, other look for Romani origins or ‘blood’ and extent of intermarriage with non-Gypsies, and others (including many Gypsies) feel that knowledge of some dialect of the language is the best criterion. While I do not wish to become involved in a general definition of ‘Gypsy’, since it is a fairly arbitrary choice where one draws the boundaries, it is very important here (1) to place the people I shall be describing into some broader classificatory system in relationship to the other groups of Gypsies and (2) to present their own classification of other Gypsies.

Há muito debate entre ciganólogos⁴⁵ sobre quem deveria ou não ser designado como "cigano legítimo"⁴⁶ e vários critérios foram sugeridos para tal. Alguns tendem a classificar todos os povos "viajantes" ou "nômades" na sociedade ocidental como ciganos, enquanto outro procuram por origens ou "sangue" Romani e a extensão de casamentos com não-ciganos, e outros (incluindo muitos ciganos) acham que conhecer algum dialeto do idioma é o melhor critério. Embora eu não queira me envolver em uma definição geral de "cigano", já que escolher os limites é de tanto arbitrário, é muito importante (1) incluir as pessoas que eu descreverei aqui em algum sistema classificatório amplo em relação aos outros grupos de ciganos e (2) apresentar classificação delas mesmas de outros ciganos.

Although the general term ‘Gypsy’ is very ambiguous it is relatively easy to single out the Rom as a group. They are basically those people who call themselves O Rom and who speak an inflected, Sanskrit-based language which they call *Romanes*. The Rom are divided into four tribes which they call *natsia* (nation) or *rasa* (race). These are the Kalderash, Machwaya, Lowara, and

Apesar do termo geral "cigano" ser muito ambíguo, é relativamente simples especificar os Rom como grupo. Eles são basicamente aquelas pessoas que se denominam O Rom e falam um idioma declinativo baseado no sânscrito que eles chamam *Romanes*. Os Rom são divididos em quatro tribos que eles chamam de *natsia* (nação) ou *rasa* (raça). Essas são os Kalderash, Machwaya, Lowara,

⁴⁴ Nota terminológica/textual: no original, todos estes adjetivos pátrios eram “(adjetivo pátrio) gypsies”. Mas se eu colocasse “ciganos” em todas as vezes em que “gypsies” apareceu, teria ficado muito repetitivo. Eu não ia repetir todas as vezes. Restava decidir se iria colocar “ciganos” apenas antes de “franceses”, ou se eu iria por um antes de “espanhóis” (que foi escolhido por que era tanto na “metade” da lista quanto por que vinha depois de uma palavra que não era um adjetivo pátrio). Como colocar apenas antes de “franceses” ficou bom, então não incluí “ciganos” antes de “espanhóis”.

⁴⁵ Nota terminológica: a princípio, eu iria traduzir “gypsiologist” como “ciganologista”. Um neologismo criado a partir dessa lógica: “Qual é o nome dado ao estudioso de culturas indígenas? Indianista. Sendo assim, o estudioso de ciganos pode ou deve ser chamado de ciganologista.” Mas então eu li a tese de doutorado de Maria Marlene R. da Silva, que usava o termo “ciganólogo” para quem estuda ciganos. Já que esta segunda opção tinha um fonte sustentando-a, eu dei primazia a ela.

⁴⁶ Nota terminológica: Eu pensei em muitas opções para traduzir “true gypsy”: “cigano real”, “cigano verdadeiro” e “cigano legítimo”. A primeira foi descartada por que existem menções de líderes ciganos que se auto intitularam “rei dos ciganos”. As outras duas são mais ou menos iguais, mas eu favoreci “cigano legítimo” pensando em que podem existir “meias-verdades”, mas nunca ouvi falar de algo “meio-legítimo”. Por outro lado, um líder cigano do acampamento da Rota do Cavalo usava “cigano verdadeiro”. Dessa forma, a questão de “cigano verdadeiro” e “cigano legítimo” acaba sendo de gosto.

<p>Churara.² Each tribe is further divided into sub-units called <i>vitsi</i> (or <i>tshera</i> by the Lowara) and each <i>vitsa</i> into <i>familiyi</i>.</p>	<p>e Churara.² Por sua vez, cada tribo é dividida em sub-unidades chamadas <i>vitsi</i> (ou <i>tshera</i> entre os Lowara) e as <i>vitsa</i> em <i>familiyi</i>.</p>
<p>Based primarily on linguistic evidence, it has been postulated that the Rom left India approximately ad 1000 (Clebert 1963: 38-46), and entered Western Europe at the beginning of the fifteenth Century (Clebert 1963: 54-62). Upon entering Western Europe, they represented themselves as ‘Egyptians’ and from this word, the name ‘Gypsy’ has been derived. It is also speculated that some nomadic Rom have mixed with other nomadic or travelling people and have altered their society considerably (for example, the travellers of Great Britain). Some Rom settled in one place and changed considerably, forming sedentary groups such as the Hungarian Gypsies, who are often musicians, or the <i>Gitanos</i> (<i>Kale</i> speakers) of Spain who are flamenco dancers. These sedentary groups have changed so much that they are no longer considered Rom, though still ‘Gypsies’. The nomadic Rom themselves have spread throughout the world, and though they may occasionally bring in women who are outsiders, they have remained Rom and still keep the tribal and <i>vitsa</i> organization of the Rom. They consider themselves a distinct group, culturally and racially, from other Gypsy groups.</p>	<p>De acordo evidências linguísticas, foi postulado que os Rom deixaram a Índia⁴⁷ por volta de 1000 D.C (CLEBERT 1963, p. 38-46)⁴⁸, e entraram na Europa Ocidental no começo do século XV (CLEBERT 1963, p. 54-62). Ao entrarem na Europa Ocidental, eles se apresentaram como "egípcios"⁴⁹ e desta palavra derivou o nome “gypsy”, inglês para cigano. Especula-se que alguns Rom nômades se miscigenaram com outros povos nômades e alteraram sua sociedade consideravelmente (como, por exemplo, os viajantes da Grã-Bretanha). Um processo similar ocorreu com os Rom que se assentaram em um local, formando grupos sedentários como os ciganos húngaros, que frequentemente são músicos, ou os <i>gitanos</i> (falantes do dialeto <i>kale</i>) da Espanha que são dançarinos de flamenco. Esses grupos sedentários mudaram tanto que não são mais considerados Rom, apesar de ainda serem “ciganos”. Os Rom nômades em si se espalharam pelo mundo e, apesar de às vezes assimilarem mulheres de fora, eles mantiveram-se Rom e ainda mantém a organização tribal e de <i>vitsa</i>. Eles se consideram um grupo distinto dos outros ciganos, tanto cultural quanto racialmente.</p>
<p>The Gypsies with which this study is concerned, call themselves Rom, which they translate as ‘the Gypsies’, ‘the people’, or ‘the public’, and all of which mean ‘we the Rom’ as opposed to the <i>gaje</i>, which is normally translated as ‘Americans’. The use of Rom to refer to themselves as a people must be distinguished from <i>o rom</i> meaning adult man or husband, and I have indicated this in the spelling.</p>	<p>Os ciganos que são o foco deste estudo chamam a si mesmos de Rom, que eles traduzem como "os ciganos", "o povo" ou "o público", e que significam "nós os Rom" em oposição aos <i>gaje</i>, que é normalmente traduzido como "americanos". O uso de Rom para referirem-se a eles mesmos com um povo deve ser distinguido de <i>o rom</i>, no sentido de homem adulto ou marido, e eu indiquei isso na grafia.</p>
<p>In general, these Rom classified other Gypsy</p>	<p>Em geral, esses Rom colocavam as outras</p>

⁴⁷ Nota de pensamento: Eu acho engraçado como tem muita gente que pensa que os ciganos tem algo a ver com os romanos ou os romenos por que a maior etnia de ciganos se chama Rom.

⁴⁸ Nota textual: eu decidi converter essas referências bibliográficas do sistema inglês (Clebert 1963: 38-46) para o português quando descobri que há uma cópia do livro em questão, intitulado *The Gypsies*, na BCE.

⁴⁹ Nota terminológica: eu vou morrer pensando se deveria colocar “egípcio”, “egipiciaco”, “egipiciano” ou mesmo a palavra do grego bizantino *anthígannos*. Os três últimos me pareciam mais próximos sonoramente de “cigano”. Dentre eles, excluí *anthígannos* por que, embora ele tenha contribuído, e talvez tenha sido a origem do termo “cigano” em português, ele se refere a um grupo cultural e religioso distinto dos ciganos. Embora eu preferisse usar “egipiciaco” ou “egipiciano”, minha decisão final foi usar “egípcio”, por que é o termo mais conhecido, mais usado nos textos em português que li sobre as origens dos ciganos, e por que Clébert (1963) diz que os primeiros ciganos a chegarem na Europa se intitularam “Duques do Pequeno Egito”. Pequeno Egito seria uma área do que era Iugoslávia que tem um terreno arenoso, reforçando a associação com o Egito.

groups on the borderline between themselves and the *gaje* (non-Gypsies). While they recognize that these people are not *gaje*, because they have certain things in common with the Rom, they also feel that they are somehow not the same either and not Rom (in English, they would say ‘not real Gypsies’). However, in certain individual cases, some members of other Gypsy groups were accepted as a ‘real Gypsy’ depending on the situation. For example, a boy who wanted to marry a Romanitchal girl was likely to insist that she was a ‘real Gypsy’. Consequently, it is often difficult to know how an individual in any one context is classified though it may be fairly clear how the group he comes from is classified.

etnias ciganas como estando entre si e os *gaje* (não-ciganos). Embora eles reconhecessem que essas etnias não são *gaje*, visto que elas têm certas coisas em comum com os Rom, eles também sentem que elas, de alguma forma, não eram iguais aos Rom (em inglês, eles diriam "not real Gypsies"). Porém, em certos casos individuais, alguns membros de outras etnias ciganas foram aceitos como "ciganos legítimos" de acordo com a situação. Por exemplo, um rapaz que quisesse casar com uma moça Romanitchal provavelmente insistiria que ela era uma "cigana legítima". Por tanto, frequentemente é difícil saber como um indivíduo em contexto qualquer é classificado, apesar de ser bem claro como é etnia da qual ele provém.

It is possible for a group of Rom to become a borderline group (according to other Rom) by taking up a sedentary life, by losing the Romanes language, or by marrying too frequently with *gaje*. It is also possible for individual families in a borderline group to become assimilated with the Rom through marriage over several generations. For example, certain families of Romanitchal in America have so intermarried with Kalderasha Rom that they are dying out as a distinct group and have effectively become Rom. The opposite is also possible. Families who marry frequently with *gaje* and take up the *gaje* way of life will become *gaje* over a few generations.

É possível que um grupo de Rom se torne um grupo limítrofe⁵⁰ (de acordo com outros Rom) ao adotar uma vida sedentária, perder a língua Romanes ou casando com muita frequência com *gaje*. Também é possível que famílias individuais em um grupo limítrofe sejam assimiladas pelos Rom através do casamento durante várias gerações. Por exemplo, certas família de Romanitchal nos Estados Unidos casaram tanto com Rom Kalderasha que elas estão morrendo como um grupo distinto e efetivamente se tornaram Rom. O oposto também é possível:⁵¹ famílias que casam frequentemente com *gaje* e adotam a forma de vida *gaje* se tornarão *gaje* em algumas gerações.

In the strictest sense it is not possible for an individual Rom to ‘become’ a *gajo* or an individual *gajo* to ‘become’ a Rom as these are seen to be opposite racial and social categories. A *gaji* who marries a Rom and lives in the Rom community (*kumpania*) is called a *gaji romni* (non-Gypsy wife) and even her children in some instances may be called *gaje*. Other than the *gaji romni*, non-

A grosso modo, não é possível que um Rom em particular "se torne" um *gajo* ou que um *gajo* "se torne" um Rom, já que essas parecem ser categorias sociais e raciais distintas. Uma *gaji* que case com um Rom e viva na comunidade Rom (*kumpania*) é chamada de *gaji romni* (esposa não-cigana) e mesmo seus filhos podem ser chamados de *gaje* em algumas ocasiões. Além das *gaji*

⁵⁰ Nota terminológica: No original, se dizia “borderline group”. Assim como “gypsiologist”, eu nunca tinha encontrado a expressão “borderline group”. O seu significado é claro: ele se refere às outras etnias ciganas, que os Rom consideram como não sendo nem tão ciganos quanto eles, mas também não tão não ciganos para serem *gaje*. Eu não encontrei nenhum texto que oferecesse uma tradução para “borderline group” (de fato, não encontrei nenhum texto que tivesse um conceito similar), então criei o termo “grupo limítrofe” a partir da tradução literal do termo inglês.

⁵¹ Nota textual/de pensamento: Como dito antes, depois que a professora Daniela Felix me falou que a forma de um texto etnográfico era um registro do pensamento do etnógrafo (“o texto é o laboratório do etnógrafo”, frase que já tinha ouvido, mas que eu não tinha percebido a importância dessas palavras), eu eliminei a maior parte das mudanças de forma que fiz no texto. Deixei apenas esta e a vírgula que adicionei na nota nº 28. No original, havia um ponto final após “possível” (possible). O dois ponto também cria uma pausa no discurso, ainda que menor que a de um ponto final.

Gypsies do not generally enter the Rom community.³ On the other hand, although a Rom never becomes a *gajo*, he may decide to leave the community, and if he does this he becomes *marime* (defiled, outcast) and it is said 'he went over to *gaje*'

romni, não-ciganos geralmente não entram na comunidade Rom. Por outro lado, apesar de um Rom nunca se tornar um *gajo*, ele pode decidir deixar sua comunidade, e se o fizer ele se torna um *marime* (impuro, pária) e é dito que ele "se juntou aos *gaje*".

The Barvale Rom have a very ambivalent and contradictory attitude towards other Gypsy groups, partly because they are generally ignorant of their ways and have very little contact with them. They had generally heard of most of the other Gypsy groups but knew precious little about them. The terms that they familiarly used to describe Gypsies other than themselves were: *Rom Ameriko* (American Gypsies), *Boyash*, and *Romanitchal* (English Gypsies). A sample of statements about these Gypsies includes:

Os Rom de Barvale têm uma atitude muito ambivalente e contraditória em relação às outras etnias ciganas, em parte por que em geral eles são ignorantes sobre como elas vivem e tem muito pouco contato com elas. Geralmente, eles já ouviram falar da maioria das outras etnias ciganas, mas conhecem muito pouco sobre elas. Os termos que eles costumavam usar para descrever ciganos além deles mesmo eram: *Rom Ameriko* (ciganos estadunidenses), *Boyash* e *Romanitchal* (ciganos ingleses). Uma amostra de opiniões sobre estes ciganos incluem:

'There is the Rom Ameriko which includes the Gypsies who have lost their language and the Boyash. They are not Gypsies any more.'
'American Gypsies, Boyash, and English Gypsies do not speak Romanes or go by our traditions (romania).'
'Scotch Gypsies and English Gypsies are not Gypsies. People just call them Gypsies. The Rumanian Gypsies (Boyash) are different too. They don't speak the language.'

"Também existem os Rom Ameriko, que incluem os ciganos que esqueceram sua língua e os Boyash. Eles não são mais ciganos".
"Ciganos americanos, Boyash e ciganos ingleses não falam romanês ou seguem nossas tradições (romania)".
"Ciganos escoceses e ingleses não são ciganos. Eles só são chamados de ciganos. Os ciganos romenos (Boyash) também são diferentes. Eles não falam a língua".

I suspect that the term *Rom Ameriko* is a catch-all term for Gypsy groups that the Rom do not understand but consider Americanized and for individuals who claim to be Gypsy but are not affiliated through their families with any Rom *vitsa*. The *Boyash* are a separate group of sedentary 'Rumanian Gypsies' and speak a secret language, *Ruthenian* (Lee 1968: 15). There are several *Boyash* families in California. Since they had been living there longer than the Rom they had the only fortune-telling licences in some cities. They rarely mixed with the Rom, came to any of their social functions, or intermarried. The three or four *Boyash*-Rom marriages that I knew of lasted less than one year, and as one *romni* remarked: 'It never works if you don't marry your own kind.' The English Gypsies or *Romanitchal* in America are also a separate group in their own right, but many are becoming assimilated either with the Rom, through intermarriage and through learning inflected *Romanes*, or with the *gaje*, through marrying

Eu suspeito que *Rom Ameriko* é um termo geral para etnias ciganas que os Rom não entendem mas consideram americanizadas e para indivíduos que alegam ser ciganos mas não são ligados por via familiar a nenhuma *vitsa* Rom. Os *Boyash* são "ciganos romenos" sedentários e falam uma língua secreta, o *rutênio* (Lee, 1968, p. 15) Existem várias famílias *Boyash* na Califórnia. Como elas vivem lá a mais tempo que os Rom, elas possuem as únicas licenças para ler a sorte em algumas cidades. Elas raramente se misturaram com os Rom, frequentam seus eventos sociais ou casaram entre si. Os três ou quatro casamentos *Boyash*-Rom que eu descobri duraram menos de um ano, e uma *romni* frisou: "Nunca dá certo se você não casa com alguém do seu povo." Os ciganos ingleses ou *Romanitchal* nos Estados unidos também são uma etnia distinta, mas muitos estão sendo assimilados quer pelos Rom, através de casamento ou do aprendizado do *romanês* ou pelos *gaje* através do casamento. De acordo com Ronald Lee (1968, p. 13) a

<p>gaje. According to Ronald Lee (1968: 13) the Lee-Adams family of Los Angeles, for example, is composed of Romanitchal families (Lee) who married with Machwaya Rom (Adams).</p>	<p>família Lee-Adams de Los Angeles, por exemplo, é composta de famílias Romanitchal (Lee) que casaram com Rom Machwaya (Adams).</p>
<p>For the Rom use of the language Romanes and acceptance of <i>romania</i> (law and tradition), including shame (<i>lashav</i>) and <i>marime</i> as embodied in the <i>kris</i>, are the most important conditions for accepting someone as a Rom. Anyone failing this test is liable to be labelled Boyash, Rom Ameriko, or 'not Gypsy'. Therefore even though the Romanitchal and Boyash are groups in their own right, they are not considered 'true' Gypsies by the Rom.</p>	<p>Para os Rom, falar o idioma romanês e a aceitar a <i>romania</i> (lei e tradição), incluindo vergonha (<i>lashav</i>) e <i>marime</i> como definida no <i>kris</i>, são as condições mais importantes para aceitar alguém como Rom. Qualquer um que não atenda estes requisitos é declarado Boyash, Rom Ameriko ou "não-cigano". Portanto, apesar dos Romanitchal e dos Boyash serem etnias ciganas, eles não são considerados "ciganos legítimos" pelos Rom.</p>
<p>It must be emphasized that these classifications rarely appear as clear-cut in conversation as I have presented them here. Statements by informants on classifications always depend on at least two factors: (1) how the informant himself is classified, and (2) the context being discussed; for example, whether the informant feels friendly towards the person he is classifying (in which case he is likely to be 'more Gypsy') or whether he is engaged in some disagreement (in which case the person is likely to be 'less Gypsy').</p>	<p>Deve-se enfatizar que essas classificações raramente aparecem tão bem definidas em conversas como eu apresentei aqui. Declarações de informantes sobre classificações sempre dependem de pelo menos dois fatores: (1) como o próprio informante é classificado e (2) o contexto da discussão; por exemplo, se o informante é amigável em relação à pessoa que ele está classificando (caso em que seria mais provável que ele seja "mais cigano") ou caso ele tenham algum desentendimento (em que ele seria "menos cigano").</p>
<p>To illustrate, in a conversational context the following contradictory statements were given by the same woman, a Kalderasha <i>romni</i>, on the same day, but to two different Rom:</p>	<p>Isso é ilustrado em um contexto conversacional pelas declarações contraditórias dadas pela mesma mulher, uma <i>romni</i> Kalderasha, no mesmo dia, mas para dois Rom diferentes:</p>
<p>1. English Gypsy is not Boyash. Emma is English Gypsy, not Boyash. She is <i>gaji</i>. You take Boyash, they are something like us. They know what shame is. They know what's right and what's wrong. Boyash knows a little of the language. Emma is English Gypsy. She understands a little but she only knows a few words.</p>	<p>1. Ciganos ingleses não são Boyash. Emma é uma cigana inglesa, não uma Boyash. Ela é <i>gaji</i>. Você pode aceitar os Boyash, eles são um pouco como nós, eles sabem o que é vergonha. Eles sabem o que é certo e o que é errado, sabem um pouco da língua. Emma é uma cigana inglesa. Ela entende um pouco, mas conhece apenas umas poucas palavras.</p>
<p>2. Boyash!!! They're not Gypsies. They have no shame.</p>	<p>2. Boyash!!! Eles não são ciganos. Eles não tem vergonha.</p>
<p>In the first statement the speaker was involved in a conversation with another old lady whose daughter-in-law was causing her much grievance, and she blamed this on the fact that the daughter-in-law's grandmother, Emma, is an English Gypsy, even though the daughter-in-law's father and grandfather are Rom. The speaker did not want to displease the old lady and wanted to show that she took her side against the daughter-in-law. Her</p>	<p>Na primeira declaração, a falante estava envolvida em uma conversa com outra senhora cuja nora estava causando-lhe muita consternação, e ela culpava isto no fato de Emma, a avó da nora, ser uma cigana inglesa, apesar do pai e do avô da nora serem Rom. A falante não queria desagradar a senhora e queria mostrar que estava do lado dela contra a nora. Sua descrição enfática e desdenhosa</p>

<p>emphatic and disdainful description of an English Gypsy and defence of the Boyash was all the more necessary since the old lady herself had married a Boyash and the married son in question was himself half-Boyash. It is quite apparent that without all this background information the statements, taken at face value, would be very misleading.</p>	<p>de um cigano americano e defesa dos Boyash era ainda mais necessária já que a própria senhora tinha casado com um Boyash e o próprio filho casado era meio-Boyash. É bastante aparente que essas declarações seriam muito confusas sem essas informações.</p>
<p>In the second statement, the same speaker was discussing the Boyash in Barvale who have fortune-telling licences whereas the Rom do not, and she was disgusted that they should have obtained them although they were 'not Gypsies'.</p>	<p>Na segunda declaração, a mesma falante estava discutindo sobre os Boyash de Barvale, que tinham licenças para ler a sorte enquanto os Rom não tinham, e ela estava revoltada que ele as obtiveram apesar de "não serem ciganos".</p>
<p><i>The Literature</i></p>	<p><i>A Literatura</i></p>
<p>The literature on Gypsy groups is extremely large. 'Gypsy', loosely defined, may include any group of people who are or were nomadic and who speak or did speak some form of Romany language. Strictly defined, it usually refers to the nomadic Rom. In most sources on Gypsies the word is never defined.</p>	<p>A literatura sobre etnias ciganas é extremamente ampla. "Cigano", numa definição abrangente, pode incluir qualquer grupo de pessoas que são ou foram nômades e que falam ou falaram alguma forma da língua romani. Numa mais restritiva, costuma se referir aos Rom nômades. A palavra não é definida na maioria das fontes sobre ciganos.</p>
<p><i>A Gypsy Bibliography</i>, published in 1914 by George Black, contains 4,577 items but claims that 'a complete bibliography of the subject, it is needless to say, is almost impossible, the indirect material being so abundant' (Black 1914: v). The Catalogue of the Romany Collection at the University of Leeds (1962) lists 1,234 items, and the Catalogue to the Scott Macfie Collection at Liverpool is similarly large. There are also two journals that deal exclusively with material on Gypsies. The Gypsy Lore Society has been publishing a journal more or less continuously since its foundation in 1888, and the French journal <i>Etudes Tsiganes</i> has been published since 1955.</p>	<p><i>A Gypsy Bibliography</i>, publicado em 1914 por George Black, contém 4.577 itens mas afirma que "é desnecessário dizer que uma bibliografia completa sobre o tema é quase impossível, já que há muito material secundário" (Black, 1914, V). O Catalogue of the Romany Collection da Universidade de Leeds (1962) lista 1.234 itens, e o Catalogue of the Scott Macfie Collection da Universidade de Liverpool tem tamanho similar. Também existem dois periódicos que trabalham exclusivamente com material sobre ciganos. A Gypsy Lore Society tem publicado um periódico de maneira mais ou menos continua desde sua fundação em 1888, e o periódico francês <i>Etudes Tsiganes</i> é publicado desde 1955.</p>
<p>There are several reasons for the immense quantity of publications on Gypsies. First, they live in almost every part of the world; consequently, there is something written about Gypsies in almost every language, including several dialects of Romany. Second, they clearly hold a tremendous romantic appeal to most people. This commonly held view of the Gypsies as an exotic and romantic people, combined with their own secrecy and elusiveness in relations with non-Gypsies, also partly accounts for the problem that a great deal of what has been written is misleading, false, vague,</p>	<p>Existem várias razões para a imensa quantidade de publicações sobre ciganos. Primeiro, eles vivem em quase todos os cantos do mundo; consequentemente, há algo escrito sobre os ciganos em quase todos os idiomas, incluindo vários dialetos do romani. Segundo, eles claramente possuem um tremendo apelo romântico para muitas pessoas. Essa visão comum dos ciganos como um povo exótico e romântico, combinada com seu sigilo e elusividade em relações com os não-ciganos, também é parcialmente responsável pelo problema de muito do que foi escrito é incorreto, falso,</p>

exaggerated, or mystical.	vago, exagerado ou místico.
I spent the best part of a year reading the literature on Gypsies, primarily on the Rom, and although this exercise was helpful in providing insights into how to approach the groups I studied and what kinds of general behavior to expect from them, it has been disappointing in terms of providing reliable data for comparative purposes. When reduced to the reliable sources the literature is actually quite paltry. ⁴	Eu passei grande parte de um ano lendo a literatura sobre ciganos, principalmente os Rom, e apesar deste exercício ter sido útil em providenciar <i>insights</i> sobre como me aproximar dos grupos que eu estudava e que comportamentos a esperar deles em geral, foi desapontador em termos de gerar informações confiáveis para propósitos comparativos. Quando reduzida a fontes confiáveis, a literatura é na verdade um tanto parca. ⁴
The most reliable and detailed sources on European Rom ⁵ are Maximoff's novels <i>The Ursitory</i> (1949) and <i>Savina</i> (1957) and other articles on his fellow Kalderash in France. His work is particularly interesting because he writes as an insider. Tillhagen's series of articles on Swedish Kalderash published in the <i>Journal of the Gypsy Lore Society</i> , though based on information from only one informant, is also quite useful. But perhaps the best European source is Jan Yoor's <i>The Gypsies</i> (1967), which is an account of his experiences with the Lowara Rom as a young boy.	As fontes mais confiáveis e detalhadas sobre Rom europeus ⁵ são os romances <i>The Ursitory</i> (1949) e <i>Savina</i> (1957) de Maximoff e outros artigos sobre seus compatriotas Kalderash na França. Seu trabalho é particularmente interessante porque ele escreve como uma fonte interna. As série de artigos de Tillhagen sobre os Kalderash suecos publicados no <i>Journal of the Gypsy Lore Society</i> , apesar de baseados em apenas um informante, também são muito úteis. Mas talvez a melhor fonte europeia seja <i>The Gypsies</i> (1967) de Jan Yoor, que são um relato de suas experiências com os Rom Lowara quando garoto.
The literature on North American Rom is also extremely small when reduced to the few reliable sources, and a major work on the American Rom is yet to be written. The most thorough and detailed descriptions of Rom are to be found in a handful of unpublished theses. ⁶ There are also several useful articles. Ronald Lee's <i>The Gypsies in Canada</i> (1967-9) is perhaps the most informative since, according to his own statements, he is of English Gypsy parentage but has taken the path of the Kalderash in order to survive as a Romany (1968: 14). Unfortunately, his descriptions of Kalderash customs do not provide any great detail, and several of his statements were challenged by my own informants. Nevertheless, I have used some of the information to supplement my own data.	A literatura dos Rom norte-americanos também é extremamente pequena quando reduzida a fontes confiáveis, e um trabalho relevante ⁶ sobre os Rom americanos ainda está para ser escrito. As descrições mais completas e detalhadas dos Rom estão em um punhado de teses não-publicadas. Também existem vários artigos úteis. ⁵³ “The Gypsies in Canada” de Ronald Lee (1967-9) é talvez o mais informativo pois, de acordo com suas próprias declarações, ele é descendente de ciganos ingleses mas adotou os modos dos Kalderash para sobreviver como um romani (1968, p. 14). Infelizmente, suas descrições dos costumes dos Kalderash não fornecem grandes detalhes, e várias de suas declarações foram contraditas por meus próprios informantes. Não obstante, eu usei algumas dessas informações para suplementar as minhas.

⁵² Nota terminológica: para traduzir “major”, eu precisei abstrair. Eu primeiro pesquisei por sinônimos de “major” usando o dicionário online Merriam-Webster. No sentido desta frase, eram listados como sinônimos termos como “eventful”, “significant”, “substantial”, etc. Foi a partir de um deles, “meaningful” que eu escolhi o termo “relevante” para servir de tradução.

⁵³ Nota textual: eu planejava unir os períodos “The most thorough and detailed descriptions of Rom are to be found in a handful of unpublished theses” e “There are also several useful articles” em um só, para que a ideia de quais foram as fontes mais úteis fosse expressada de uma vez.

<p>There are, in addition, a few articles that take an anthropological approach to the subject.⁷ But like everything written on Gypsies, all these sources must be approached with scepticism and caution in order to separate the wheat from the chaff.</p>	<p>Adicionalmente, existem alguns artigos que adotam uma abordagem antropológica do tema. Mas como tudo escrito sobre os ciganos, estas fontes devem ser abordadas com ceticismo e cautela para separar o trigo do joio.</p>
<p>Even in these few more reliable sources, the information gained is meagre and the depth of analysis disappointing. There is a tendency to generalize about 'Gypsies' from the little information gleaned from a few informants or friends. Even Cohn's recent analysis of the 'Gypsies' as a pariah group generalizes to all Gypsy groups information gained basically from a few Canadian Rom informants (Cohn: 1970). Worse still, only a few sources actually identify which group they are talking about. This may be because they wish to protect the secrecy of their contacts, but often it is because they are confused about the relationship between various groups. This confusion stems, of course, from the very contradictory and confusing picture that the Gypsies present of themselves and other 'Gypsies' to an outsider.</p>	<p>Mesmo nessas poucas fontes confiáveis, a informação obtida é escassa e a profundidade da análise é desapontadora. Há uma tendência de generalização sobre "ciganos" a partir da informação dada por alguns poucos informantes ou amigos. Mesmo a análise recente de Cohn sobre os "ciganos" como um grupo pária aplica para todas as etnias ciganas informações obtidas de alguns poucos informantes entre os Rom canadenses. (Cohn: 1970) Para piorar, apenas algumas fontes identificam sobre qual etnia que estão falando. Isto pode ser por que eles buscam proteger os segredos de seus contatos, mas frequentemente isto é por que eles estão confusos sobre as relações entre diversos grupos. Esta confusão se origina, é claro, da imagem contraditória e confusa que os ciganos apresentam de si mesmos e de outros "ciganos" para um estrangeiro.</p>
<p>In general, reliability, whether of written sources or one's own informants' statements, is the major problem in a study of the Rom or any other Gypsy group. This problem is due to the nature of the people themselves, their skill at deception, and their disdain for outsiders. However, if one has at hand all the circumstances in which a piece of information was obtained - the group membership of the informant, his position in his community, the role of the <i>gajo</i> etc. - then it is possible to judge more accurately the veracity of the statements.⁵⁴</p>	<p>Em geral, confiabilidade, quer de fontes escritas ou das declarações de informantes, é um dos principais problemas em um estudo sobre os Rom ou qualquer outro grupo cigano. Este problema se deve à natureza do povo em si, sua habilidade para enganar e seu desdém por estrangeiros. Porém, se consideradas todas as circunstâncias em que as informações foram coletadas - a filiação do informante, sua posição na comunidade, o papel do <i>gajo</i>, etc - então é possível julgar mais precisamente a veracidade das declarações.</p>
<p><i>Field Conditions</i></p>	<p><i>Condições de Campo</i></p>
<p>As a general example of how to study a secretive, closed group hostile to outsiders, for the interest of others who wish to work with Gypsies, and so that my own work can be judged fairly for its failures as well as its achievements, it is important to understand the field conditions that I faced in this study.</p>	<p>Como um exemplo geral de como estudar um grupo fechado, sigiloso e hostil a estrangeiros, para o interesse de outros que planejam trabalhar com ciganos, e para que meu próprio trabalho seja julgado justamente por seus defeitos assim como suas conquistas, é importante entender as</p>

⁵⁴ Nota de pensamento: foi nesse parágrafo que eu percebi que tinha chegado num ponto que eu sempre detesto chegar: o em que eu não tenho mais tantas dúvidas e coisas para fazer reflexão quanto antes. Suponho que seja de se esperar: textos, assim como pessoas, são estranhos quanto você começa a lê-los, e com o tempo você passa a conhecer todas as peculiaridades deles, ou pelo menos encontra menos coisas que te chamem a atenção. Talvez, num outro gênero textual, ou quiçá no de outros etnógrafos haja mais "reviravoltas" conforme o texto prossegue. Aliás, há uma boa quantidade de coisas que chamaram a atenção e que renderiam boas reflexões nos outros capítulos do livro, mas dei minha palavra para a autora de que não iria traduzir nada além do que eu pedi para ela, que foi este capítulo.

The first Gypsy I met was a young woman of my own age who smiled at me, talking soothingly and ingratiatingly, but when I asked to speak with her father, she lunged at me, grabbing my face with her fingernails, screaming and cursing, 'WHAT DO YOU WANT?'. The second Gypsy I talked with vehemently denied that he was a 'Gypsy' (what better technique for not answering questions!), and the third feigned imbecility, mumbling to herself and staring wildly into space.

From this and subsequent experiences - such as polite imperviousness, pretence of mental retardation, deafness or blindness, mocking lies, to simply disappearing from sight - I concluded that the question-answer approach was unprofitable if only because the Gypsies do not consider it a reliable means of communicating with each other, much less with the *gajo*.⁵⁵ Attempts to employ questionnaires, formal interviewing schedules, testing (even tests that account for illiteracy), eliciting word pairs, and other standard techniques of gathering information would be met with even less success. The sight of a tape recorder in most instances was liable to provoke panic and close channels of communication.

It soon became clear that these are people who, through centuries of experience in avoiding the prying questions of curious outsiders, have perfected their techniques of evasion to an effortless art. They delight in deceiving the *gajo*, mostly for a good reason, but sometimes just for the fun of it or to keep in practice. Ambiguity and unpredictability surround their behaviour with the *gajo*, hence the attraction to the romantics. For example, the further I penetrated into their customs and habits, the more at ease they felt in my presence, but the more conscious they were of having to conceal. My relationship with them was in one sense a constant fluctuation between pleasure that I 'understood' them

condições de campo que encontrei neste estudo. A primeira cigana que encontrei foi uma mulher jovem, da mesma idade que eu, que falava de maneira suave e cativante, mas quando eu pedi para falar com o pai dela, ela saltou para cima de mim, agarrando meu rosto com suas unhas, gritando e xingando, "O QUE VOCÊ QUER?" O segundo cigano que eu falei negou veementemente que fosse um "cigano" (que maneira ótima para não responder perguntas!), e a terceira fingiu imbecilidade, murmurando para si mesma e encarando o nada. A partir dessa e de experiências posteriores - como educada impermeabilidade, fingir retardo mental, surdez ou cegueira, mentiras zombeteiras e simplesmente desaparecer da vista - eu conclui que a abordagem pergunta-resposta não era rentável por que os ciganos não a consideram uma forma confiável de comunicação entre si e ainda menos com os *gajo*. Tentativas de utilizar questionários, agendar entrevistas formais, testes (mesmo aqueles que consideravam analfabetismo), obtenção de pares de palavras e outras técnicas típicas de reunir informação obtiveram ainda menos sucesso. Em muitas ocasiões, a visão de um gravador poderia provocar pânico e fechar canais de comunicação.

Logo ficou claro que essas são pessoas que, através de séculos de experiência em evitar as perguntas de estrangeiros curiosos, aperfeiçoaram suas técnicas de evasão a uma arte que não necessita esforço. Eles se deleitam em enganar os *gajo*, geralmente por um bom motivo, mas as vezes só pela diversão ou para manter a prática. Ambiguidade e imprevisibilidade permeiam seu comportamento em relação aos *gajo*, originando a atração dos românticos. Por exemplo, quanto mais eu penetrava em seus costumes e hábitos, mais a vontade eles ficavam na minha presença, mas mais conscientes eles ficavam de ter que ocultar. De certa forma, meu relacionamento com

⁵⁵ Nota textual: Eu planejava separar esse período, composto de uma única frase, em um de três frases usando vírgulas para marcar os finais de cada frase: o resultado seria "A partir dessa e de experiências posteriores - como educada impermeabilidade, fingir retardo mental, surdez ou cegueira, mentiras zombeteiras e simplesmente desaparecer da vista - eu conclui que a abordagem pergunta-resposta não era rentável, // especialmente por que os ciganos não a consideram uma forma confiável de comunicação entre si, // e ainda menos com os *gajo*". Havia duas justificativas: o período, mesmo com a pausa para listar os meios que os Rom usavam para evitar perguntas, era um tanto longo. Além disso, eu queria traduzir o "only" (algo que não pude fazer na versão final), mas a única ideia que me veio a cabeça foi usar "especialmente", e, na minha avaliação, usar este advérbio necessitaria de uma vírgula antes dele.

and fear that I was learning too much. My position as an outsider (*gaji*) was never forgotten.

eles era um constante balanço entre o prazer de que eu "entendia" eles e medo de que eu estava aprendendo demais. Minha posição como estrangeira (*gaji*) nunca foi esquecida.

I underwent many disappointments and discouragements trying to get to know the Rom and needed much perseverance to overcome their natural suspicion of an outsider. My first important breakthrough was through an acquaintance, whom the Gypsies called Bruno. Bruno had worked as an investigator for the New York City Welfare Department on the Gypsy caseload and had made many friends among the Gypsies.⁸ He has as suspicious an approach towards the Gypsies as they have towards the *gaje*, and perhaps for this reason he is well liked by them. He had also painted a very flattering portrait of an old matriarch now living in Fort Worth, and her son John Marks was grateful.

Eu passei por muitas decepções tentando conhecer os Rom e precisei de muita perseverança para superar sua suspeita natural de estrangeiros. Meu primeiro progresso importante foi através de um conhecido, que os ciganos chamavam de Bruno. Bruno tinha trabalhado como investigador para o Departamento de Assistência Social da Cidade de Nova York em casos relacionados a ciganos e que possuía muitos amigos entre eles. Ele era tão desconfiado dos ciganos quanto eles dos *gaje*, e talvez por essa razão eles gostam dele. Ele também pintou um retrato bastante lisonjeiro de uma velha matriarca que agora vive em Fort Worth, e o filho dela, John Marks, era muito grato.

John Marks is a highly intelligent and able leader, very well informed on Romany law and tradition. He is also very skilled at dealing With the *gaje* and has a well-established *kumpania* in North Texas due to his excellent diplomatic relations with the authorities. He is very proud and vain, and he decided that he wanted to have his life's story told and that I was to be the one to do it. His life history is a fascinating one and his dealings with other Gypsies and other *vitsi* are representative of many Rom leaders of his era. His peculiarity was that he would only talk when he was on the move and with something to quench his thirst so that every interview I had with him was spent driving around in his car while he talked and drank beer from cans that he would pitch onto the roadside every few miles. Usually we drove all day and averaged about 300 miles, nine pints of beer, and four

John Marks é um líder muito inteligente e habilidoso, bem informado sobre a lei e a tradição romani. Ele também é muito hábil em lidar com os *gaje* e tem uma *kumpania* bem-estabelecida no norte do Texas devido à suas excelentes relações diplomáticas com as autoridades. Ele é muito orgulhoso e vaidoso, e ele decidiu que queria ter a história de sua vida contada e eu era a pessoa certa para fazer isso. A história dele é fascinante e seus negócios com outros ciganos e outras *vitsi* são típicos de muitos líderes ciganos de sua era. Sua peculiaridade é que ele só falava enquanto estava se movendo e com algo para matar sua sede, então toda entrevista que eu tive com ele eu passei dirigindo em seu carro enquanto ele falava e bebia latas de cerveja que ele jogava pela janela a cada poucos quilômetros. Com frequência nós dirigíamos o dia inteiro e fazíamos em média 482 quilômetros, nove latas de cerveja e quatro horas de gravação. Seu carro, apesar de ter sido comprado havia seis meses, tinha percorrido quase 29 mil quilômetros, mas ele costumava lamentar os bons e velhos dias em que ele "estava na estrada". Por causa de seu insight sobre seu povo e por que ele estava preocupado em ter "a verdade sobre os ciganos" registrada, John é de longe o melhor informante que eu encontrei, apesar de na época eu ser muito inexperiente para apreciar tudo o que ele disse ou fazer perguntas complexas para ele. Talvez isto tenha sido uma vantagem, já que,

hours of tape. His car, though only six months old, had done 18,000 miles, but he used to lament the good old days when he was 'on the road'. Because of his insight into his own people and because he was concerned to have the 'truth about the Gypsies' written down, John is by far the best single informant I encountered, though I was too green at the time to appreciate fully everything he said or to question him intelligently. This may have been an advantage since, unlike other informants, he

<p>let me record his descriptions on tape, and everything he said is relatively uninfluenced by me.</p>	<p>diferente de muitos outros informantes, ele me deixou gravar suas descrições, e tudo o que ele disse estava relativamente sem influências minhas.</p>
<p>Among the most valuable data I received from him were complete descriptions of two <i>kris</i> (trials), beginning with the origins of the conflict to the payment of the last fine (Appendix A); therefore, although I have never attended a <i>kris</i> (and as an outsider and a woman this would be very difficult), I have very detailed evidence of how it works. The drawback is, of course, that it is not backed up by observation.</p>	<p>Entre as informações mais valiosas que recebi dele estavam descrições completas de dois <i>kris</i> (julgamentos), começando com as origens do conflito ao pagamento da última multa (Apêndice A); portanto, apesar de nunca ter participado de um <i>kris</i> (isso seria difícil, visto que sou uma estrangeira e uma mulher), eu tenho evidência bastante detalhada de como elas funcionam. É claro, é inconveniente que isto não seja apoiado por observação</p>
<p>Though my conversations with John were very valuable, the field situation was not satisfactory for several reasons: (1) I could make no observations for myself as I was isolated from the community; (2) the situation was a temporary one based only on the highly selected opinions of one person; and (3) my relationship with my informant was secretive because of his political position in the Rom community. It became clear that the only way I would be able to establish long-term relationships with several Rom would be to establish myself as a respected ally of a Rom community with no allegiance to one particular person.</p>	<p>Apesar de minhas conversas com John serem muito valiosas, a situação em campo não era satisfatória por várias razões: (1) Eu não podia fazer nenhuma observação própria já que eu estava isolada da comunidade, (2) a situação era temporária, baseada apenas nas opiniões altamente selecionadas de uma única pessoa e (3) meu relacionamento com meu informante era secreto por causa de sua posição política na comunidade Rom. Ficou claro que a única maneira para eu estabelecer relacionamentos com vários Rom seria estabelecer-me como uma respeitada aliada da comunidade Rom sem nenhuma afiliação a uma pessoa em particular.</p>
<p>Besides the two months of interviews with John Marks, the largest part of my data derives from the nine-month period during which I was Principal of the 'Romany School' set up for Gypsy children in Barvale, California. Although my analysis is based on the field work in Barvale, the intensive interviews with John Marks supplement many gaps in the data (due partly to my role as teacher) and provide a broader perspective. In general, the combination of the two sets of data makes it easier to know what was and was not unique about the Barvale <i>kumpania</i>.</p>	<p>Além dos dois meses de entrevistas com John Marks, a maior parte das minhas informações se originaram do período de nove meses em que eu fui diretora da "escola romani" para crianças ciganas em Barvale, Califórnia. Apesar de minhas análises se basearem no trabalho de campo em Barvale, as entrevistas detalhadas com John Marks suplementaram muitas falhas na informação (devido a meu papel como professora) e forneceram uma perspectiva mais ampla. Em geral, a combinação dos dois conjuntos de informação tornam mais fácil de se saber o que era ou não único sobre a <i>kumpania de Barvale</i>.</p>
<p>The Romany School was set up with the assistance of Mrs Janet Tompkins, a social worker who has, in her own words, 'had the dubious pleasure of matching wits with the Barvale Gypsy colony for over six years' (1971). Mrs Tompkins was also an extremely valuable source of information as she had over the years developed great insight into the ways of the Rom. She also had a record</p>	<p>A Escola Romani foi estabelecida com a ajuda da Sra. Janet Tompkins, uma assistente social que, em suas próprias palavras, "teve o dúbio prazer de encarar a esperteza da colônia cigana de Barvale por mais de seis anos" (1971). A Sra. Tompkins foi uma fonte de informação extremamente valiosa, visto que ela obteve um grande insight sobre os costumes dos Rom ao longo dos anos, e</p>

of the history of the *kumpania* since she observed it from the beginning and has taken a great interest in trying to work out their social organization. She kindly made available to me much information, not least of all her reports on the community (Tompkins 1965a; 1965b; 1967).

também tinha um registro da história da *kumpania*, já que ela observou-a desde o início e tinha muito interesse em tentar entender sua organização social. Ela generosamente me cedeu muitas informações, especialmente seus relatórios sobre a comunidade (Tompkins 1965a, 1965b, 1967).

The community itself was very keen on the idea of a 'Gypsy School'. They had been plagued for years by the welfare department and the police to send their children to school, and while they felt there was some advantage in gaining basic literacy for their children, they have always been strongly opposed to 'American Schools', which they believe are corrupting and threaten their way of life. A school of their own that could be arranged according to their own rules and at the same time eliminate the pressure from the truant authorities was welcome.

A própria comunidade gostava muito da ideia de uma "escola cigana". Por anos eles foram atormentados pelo departamento de assistência social e pela polícia exigindo que eles mandassem seus filhos para a escola e, embora eles achassem que haviam algumas vantagens em obter alfabetização básica para suas crianças, eles sempre se opuseram veementemente às "escolas americanas", que eles acreditam que corrompem e ameaçam sua forma de vida. Uma escola deles próprios que pudesse ser organizada de acordo com suas regras e que ao mesmo tempo eliminasse a pressão das autoridades era bem vinda.

I spent five months (September 1969 to February 1970) setting up the school, which is still in operation at the present time, though I left in October 1970. During this time I had contact with the families involved and began to establish rapport with them. The school was situated in an almost abandoned church and run on donations and a grant from the Children's Hospital of San Francisco. From the beginning the elders and parents of the Rom community had absolute authority in the school, and they 'elected' school board officers who were the three leaders of the three *vitsi* of the *kumpania*.

Eu passei cinco meses (setembro de 1969 até fevereiro de 1970) estabelecendo a escola, que ainda estava funcionando na data de publicação deste livro, apesar de tê-la deixado em outubro de 1970. Durante esse período eu tive contato com as famílias envolvidas e comecei a estabelecer relacionamentos harmônicos com elas. A escola estava situada em uma igreja semiabandonada e dependia de doações e de subsídio do Hospital Infantil de São Francisco. Desde o começo os anciões e pais da comunidade Rom tinha autoridade absoluta na escola, e eles "elegiam" inspetores escolares que eram os três líderes das três *vitsi* da *kumpania*.

From the very beginning I worked very closely with the leaders and later on with several families with whom I developed special friendships. The politics involved in running a 'Gypsy School' are the same as the *kumpania* politics since the school simply became an extension of general social relations both within and without the group. For example, when two adults of different *vitsi* had an argument, it was carried over into the school by their children, and in order to continue classes it became necessary for me to follow the discussion, listen to all sides, and participate in the outcome. Therefore, although I was 'teaching' from one to four every afternoon, I generally spent each

Assim, eu sempre trabalhei bastante próxima dos líderes e depois com várias famílias com quem eu desenvolvi amizades especiais. As políticas envolvendo uma "escola cigana" são as mesmas da *kumpania*, já que a escola simplesmente se tornou uma extensão das relações sociais normais tanto dentro quanto fora do grupo. Por exemplo, quando dois adultos de *vitsi* diferentes discutiam, isto era levado para a escola pelos filhos deles e, para que as aulas continuassem, era necessário que eu acompanhasse a discussão, ouvisse todas as partes e participasse da solução do problema. Portanto, apesar de eu estar dando aulas "apenas" da uma da tarde até as quatro, eu geralmente passava cada manhã antes e

morning before school and several hours afterwards visiting families and discussing the daily events. In general, I spent ten hours per day with Rom. In addition, there were special occasions, *pakiv, slava, pomana*, weddings, baptisms, and other events which I had to attend. As the head teacher it was essential for me to be involved in the daily life and problems and participate in the rich social and political life. Therefore, although I never lived with a family (and this would be unthinkable to them), I followed daily news. The school itself was a further source of information because I could observe the children, work on the *Romany* language, and, as part of the teaching, collect stories and essays from them on various topics.

várias horas depois das aulas visitando famílias e discutindo eventos diários. Em geral, eu passava dez horas por dia com os Rom. Além disso, havia ocasiões especiais, *pakiv, slava, pomana*, casamentos, batismos e outros eventos que eu tinha que participar. Como diretora, era essencial que eu estivesse envolvida na vida diária, nos problemas e participasse da rica vida social e política. Portanto, apesar de eu nunca ter vivido com uma das famílias (e isso seria impensável para eles), eu acompanhava notícias diárias. A escola em si era uma fonte adicional de informação, por que eu podia observar as crianças, trabalhar com a língua *romani* e, como parte da aprendizagem, coletar histórias e redações dos alunos sobre vários tópicos.

Even though I was in the community almost all the time, many events were still initially kept secret from me; however, eventually either a child or an offended adult would reveal the secret and once I had heard one side of a story, usually everyone was very anxious to present his own point of view. There was very little that went on of which I was not eventually aware. Sometimes informing became a problem since the informer often repented later on and the whole community would be wary that I knew too much. Another problem was that, like the social worker and the police, I became an important *gaji* political figure in the bid for power among the three leaders. Therefore I had to be very careful not to side with one or the other during some crisis (and there were, on average, three crises a week) as my opinion could be interpreted to mean one of the leaders was out of favour and must leave town until things cooled off. In effect I became part of the political structure, insofar as it includes the *gaje*, and this put a strain on my ability to keep an objective position. Objectivity, of course, does not form part of *Romany* vocabulary. I should add that my position meant that certain facts, such as income outside welfare, crimes, etc., were consistently kept from me, but this sort of information was easily obtained outside the community where my role was less clearly

Apesar de estar na comunidade quase o tempo inteiro, no começo, muitos eventos me eram mantidos em segredo; entretanto, uma criança ou um adulto ofendido iria acabaria revelando e uma vez que eu ouvisse um lado da história, normalmente todos estava bastante ansiosos para me apresentarem seus pontos de vista. Muito pouco acontecia sem que eu acabasse sabendo. Às vezes me informar se tornava um problema por que o informante frequentemente se arrependia e a comunidade inteira ficaria alarmada que eu soubesse demais. Outro problema era que, assim como os assistentes sociais e a polícia, eu me tornei uma importante figura política *gaji* na disputa de poder entre os três líderes. Portanto, eu tinha que ser muito cuidadosa para não tomar o lado de um deles durante uma crise (e havia, em média, três crises por semana), pois minha opinião podia ser interpretada que um dos líderes estava em desgraça e deveria deixar a cidade até as coisas esfriarem.

Eu efetivamente me tornei parte da estrutura política, pelo menos na que inclui os *gaje*, e isto limitava minha habilidade de manter uma posição objetiva. É claro, objetividade não faz parte do vocabulário *romani*. Devo acrescentar que minha posição significava que certos fatos, como renda além da recebida da assistência social, crimes, etc., eram constantemente ocultados de mim, mas este tipo de informação era facilmente obtida fora da comunidade, onde meu papel não era tão definido.

defined.

<i>Language</i>	<i>Idioma</i>
<p>Perhaps the most difficult problem was that of the use of language. There are several linguistic studies that facilitate the task of learning Romany.¹⁰ Besides these aids, I was later able to use the Romany correspondence course 'Learn Romani' compiled by Ronald Lee (1969a). In addition, I had the help of one family for a month before they disappeared. But other than this, I had to rely on the children around me and the general conversation that I was hearing. Although the community showed an initial interest in teaching me a few words of Romany, they became very suspicious and upset when they found I was learning 'too much'; therefore, in order to keep the good relations I had established with them, it became necessary for me to cease all appearance of learning their language. Consequently, although I understand a good deal of Romany, I was never able to speak it with them, demonstrate that I was understanding, or ask questions about the language. Therefore, a lot of the conversations and information I have were given to me in English, which is the language they use for outsiders, although a good deal of it is from the Romany conversation that I overheard. Since conversations in Romany were carried on in my presence with no inhibitions (because it was assumed I could not understand) all the time, this situation had its advantages. I often sat for hours listening to conversations in Romany that I made notes on later.</p>	<p>Talvez o problema mais difícil fosse o do uso do idioma. Existem vários estudos linguísticos que facilitam a tarefa de aprender romani.¹⁰ Além deles, posteriormente eu pude usar o curso por correspondência "Aprenda Romani" compilado por Ronald Lee (1969a). Também tive a ajuda de uma família por um mês antes que eles desaparecessem. Fora disso, eu tinha que depender das crianças ao meu redor e das conversas gerais que eu ouvia. Apesar da comunidade inicialmente mostrar interesse em me ensinar umas palavras em romani, ele se tornaram muito desconfiados e incomodados quando perceberam que eu estava "aprendendo demais"; portanto, para manter as boas relações que eu tinha estabelecido com eles, tornou-se necessário que eu aparentasse ter parado de aprender a língua deles. Consequentemente, apesar de entender bastante romani, eu nunca pude falá-lo com eles, demonstrar que eu entendia, ou fazer perguntas sobre o idioma. Logo, a maioria das conversas e informações que eu tenho me foram dadas em inglês, que é a língua que eles usam com estrangeiros, apesar que muitas coisas tenham sido retiradas de conversas que ouvi em romani. Como o tempo todo ocorriam conversas em romani na minha presença sem inibições (por que assumia-se que eu não podia entender), essa situação tinha suas vantagens. Eu frequentemente sentava por horas ouvindo conversas em romani para fazer anotações depois.</p>
<p>Finally, I think it is important to define the implications of being a woman among the Rom. Most social occasions, conversations, and activities require the separation of the sexes, and the Rom have clearly defined sexual roles. The leadership of the community, the laws, and political matters are generally handled by men and sometimes a few old women. A young woman, especially a <i>gaji</i>, is not permitted to interfere in these internal affairs, though as I have mentioned I did participate in the external aspects of political relations. Men also work in separate groups from women; therefore, male occupations and cooperation were another area of relations that I could not observe but had to rely on statements of the</p>	<p>Por fim, eu penso que é importante definir as implicações de ser mulher entre os Rom. Muitas ocasiões sociais, conversas e atividades exigem a separação dos sexos, e os Rom tem papéis claramente diferenciados pelo sexo. A liderança da comunidade, as leis e questões políticas eram geralmente geridas por homens e as vezes por algumas mulheres idosas. Uma mulher jovem, especialmente uma <i>gaji</i>, não tem permissão de interferir nestes assuntos internos, apesar de eu ter mencionado que eu participei em aspectos externos das relações políticas. Homens também trabalham em grupos separados das mulheres; portanto, ocupações e cooperação entre homens eram outra área que eu não podia observar, e dependia das declarações</p>

men for data. For these aspects I have drawn on written sources for supplementary information. On the other hand, many female activities such as menstruation, pregnancy, childbirth, and female knowledge, such as pollution concepts, illness, medicines, and supernatural beings, were easily available, and I believe the depth of understanding and knowledge of these aspects compensates for the deficiency in male data.

dos homens para obter informação. Eu utilizei fontes escritas para suplementar as informações destes aspectos. Por outro lado, muitas atividades femininas como menstruação, gravidez, parto e conhecimento feminino, como conceitos de poluição, doença, remédios e seres sobrenaturais eram fáceis de adquirir, e creio que a profundidade da compreensão e conhecimentos destes aspectos compensam a falta de informações masculinas.

Names and Appearance

Anonymity and invisibility combined with intense secretiveness are keys to the ability of the Rom to adapt and survive in an alien culture. Most are not registered at birth, in school, in a census, or with draft boards. Outside police records and welfare departments officially they do not exist. Even when they do have a name officially registered, it is usually not their own, and they may claim to be Mexican, Indian, or anything else besides Gypsy.

Nomes e Aparência

Anonimato e invisibilidade, combinadas com intenso sigilo, são as chaves da habilidade dos Rom para se adaptarem e sobreviverem em uma outra cultura. A maioria não têm registros de nascimento, escolares, censitários ou de alistamento. Fora de registros policiais e de departamentos de assistência social eles não existem oficialmente. Mesmo quando eles tem um nome oficialmente registrado, normalmente não é o verdadeiro, e eles podem alegar serem mexicanos, indianos ou qualquer outra coisa diferente de ciganos.

All Rom have at least two names, and perhaps several birthdates since they may not know the real date anyway and certainly do not care what it might be. They may have several *nav gajikano* (non-Gypsy names) such as Steve Adams, Pete John, or Johnny George. They also each have a *nav romano*, their true name which may be *Tiny a le Stevanosko*, (Tinya, the son of Stevan) or *Mara o Spirosko* (Mary, the daughter of Spiro). They also have a *vitsa* name for further identification, but they are not called by this name. Finally, there is usually a nickname which relatives and friends use (for example 'Blue Eyes', *Kali* (Blackie), *Flicka* (Clever one), etc.). A Rom can usually tell how well a person knows him by the name he uses. I could usually tell how much I was trusted by the name I was given to use. The *nav gajikano* is used only for *gaje* and never among Rom. The number of non-Gypsy names a person has is more or less correlated with the number of difficult situations he has encountered with the law or the number of records there are on him. The non-Gypsy names are used over and over again since

Todos os Rom tem pelo menos dois nomes e talvez várias datas de nascimento, já que eles não sabem qual a data verdadeira e definitivamente não se importam com ela. Eles podem ter vários *nav gajikano* (nomes não-ciganos) como Steve Adams, Pete John, ou Johnny George. Eles também tem um *nav romano*, seu nome verdadeiro, que pode ser *Tiny a le Stevanosko* (Tinya, filho de Stevan), ou *Mara o Spirosko* (Mary, filha de Spiro). Eles também tem um nome da *vitsa* para identificação mais detalhada, mas eles não são chamados por este nome. Por fim, eles costumam ter apelidos que parentes e amigos usam (por exemplo, "Olhos Azuis", *Kali* (Pretinho), *Flicka* (Astuto), etc.). Normalmente, um Rom pode dizer o quanto uma pessoa o conhece pelo nome que ela usa. Eu normalmente podia saber o quanto confiavam em mim pelo nome que me atribuíam. O *nav gajikano* é usado apenas para os *gaje* e nunca entre os Rom. O número de nomes não-ciganos que uma pessoa tem é mais ou menos relacionado com o número de situações difíceis que ele teve com a lei ou o número de registros em que ele aparece. Os nomes não-ciganos são repetidos com frequência por que eles não são importantes. Eu conheci pessoalmente três Miller Georges da mesma geração, quatro Rosie Costellos

they do not matter anyway. I know personally three Miller Georges of the same generation, four Rosie Costellos in Barvale alone and at least three George Adams within one extended family. This is convenient for invisibility because even if one wanted to tell a non-Gypsy how to locate a person, it is very difficult given the *gaje* name alone. In one area there might be fifteen Rom by that name.

apenas em Barvale e pelo menos três George Adams dentro de uma família estendida. Isso é conveniente para invisibilidade por que, mesmo se alguém quisesse dizer a um não-cigano como localizar uma pessoa, seria bastante difícil usando apenas o nome *gaje*. Em uma área podem haver quinze ciganos com aquele nome.

In appearance men are almost indistinguishable from the rest of the population. Men generally wear either dude cowboy clothes, or, among older men, the 1930s style large-lapelled suits are common. Older men sport a handlebar moustache, a hat, and tie.⁵⁶ The neckscarf (*diklo*) was not commonly worn except among a few young boys. Some old men dress very colourfully. Miller George wore a faded brown suit with chalk on the lapels, a wide colourful tie, and was always found leaning on a pool cue. Most older men are overweight and have gold teeth or a few snaggle teeth left. Many men wear gold rings, diamond tie clasps, and other jewellery, such as a gold sheriff's badge (for the *rom baro*) or a diamond studded gold buckle on their cowboy belt.

Na aparência, os homens são quase indistinguíveis do resto da população. Eles normalmente usam roupas de vaqueiro ou, entre homens mais velhos, paletós de lapela larga ao estilo da década de 1930. Homens mais velhos gostavam de bigodes handlebar⁵⁷, chapéus e gravatas. Lenços no pescoço (*diklo*) eram incomuns exceto em alguns rapazes. Alguns homens idosos usavam roupas bastante coloridas. Miller George vestia um terno marrom desbotado com giz nas lapelas, uma larga gravata colorida e estava sempre se apoiando em um taco de bilhar. A maioria dos homens mais velhos eram obesos e tinham dentes de ouro ou alguns dentes tortos sobrando. Muitos homens usavam anéis de ouro, abotoaduras com diamantes e outras jóias, como um distintivo de xerife de ouro (para o *rom baro*) ou uma fivela de ouro e diamantes em seus cintos de cowboy.

Young married men often like flashy clothes such as shiny metallic blue or green suits and unmarried boys may wear purple bell-bottom trousers and fancy shirts or dress like their fathers. Boys wear the same clothes as American children though some may be seen dressing like their fathers either in a suit and felt hat with a feather, or in ranch clothes.

Homens jovens e casados com frequência gostavam de roupas chamativas, como brilhantes ternos de azuis ou verdes metálicos, enquanto rapazes solteiros usavam calças boca de sino púrpuras e camisas elegantes ou vestiam-se como seus pais. Meninos usavam as mesmas roupas que crianças americanas, apesar de alguns deles também poderem ser vistos vestidos como seus pais, em ternos e chapéus de feltro com uma pena ou em roupas de vaqueiro.

Women are much more easily distinguishable from the population although when in public places they may switch to 'American clothes' so as to go unnoticed. Before menstruation,

Mulheres são muito mais distinguíveis da população, embora elas possam utilizar "roupas americanas" em locais públicos para não chamarem atenção. Antes da menarca,

⁵⁶ Nota textual: eu planejava unir os dois últimos períodos eliminando a tradução de "older men sport a..." e utilizar "além de", usando como sujeito a primeira ocorrência de "older men". A remoção seria feita para deixar os dois parágrafos, original e tradução, mais paralelos, e por que "homens mais velhos" se repetiriam muito perto uma da outra.

⁵⁷ Nota terminológica: Eu pesquisei, e handlebar é um termo usado entre os barbeiros brasileiros. Também é conhecido como bigode de guidão.

girls wear shop-bought clothes, usually dresses. This changes dramatically after their first menstruation. The traditional ‘Gypsy’ dress worn by most women, is a long pleated skirt which contains seven to twelve yards of material. The length of the skirt varies with the age and the occasion but is always below the knee. Older women wear ankle- or ground-length skirts, and younger women like them down to the calf. For parties and rituals all ages wear them long though young marriageable girls like to have their skirts as short as they can get away with, which is just below the knee. A sleeveless blouse with a very low *decolletage* is almost always worn. This may button in front but more often it is the traditional style which wraps around the waist or is a loose overblouse. Sometimes it is a kind of sleeveless vest, pinned with a gold brooch between the breasts. When it is cold a sweater or fur coat may be donned, always leaving the cleavage exposed.

A woman’s brassiere is usually used for her handbag. One woman kept all light things such as documents, money, cigarettes, and a lighter in her brassiere, and then kept heavy items in a huge front pocket

which was hidden in the folds of her skirt. Most skirts have pockets sewn into them in various places for carrying items unnoticed. All women wear some jewellery, the more the better. Gold coins made into necklaces, brooches, or pendants are coveted. A very popular necklace is one made of gold tear-drops on a chain. This necklace is traditionally given to a girl when she becomes engaged. Tear-drop or other dangling gold earrings are also worn, and ears are pierced. Some women have very impressive jewellery. Yana wore an enormous necklace of huge gold balls which hung to her waist; at the end was a sheriff’s star in gold with a gold Indian head soldered onto the middle and little gold hearts hanging

meninas usam roupas compradas em lojas, normalmente vestidos. Isto muda dramaticamente após a menstruação. A roupa "cigana" tradicional, usada pela maioria das mulheres, é uma longa saia plissada que pode conter de 6,4 a 10,9 metros de tecido. O tamanho da saia varia conforme a idade e a ocasião, mas sempre está abaixo dos joelhos. Mulheres mais velhas usam saias que chegam aos tornozelos ou até o chão, e as mais jovens as preferem até as panturrilhas. Durante festas e rituais, mulheres de todas as idades usam saias longas, apesar de moças em idade de casar gostam de usá-las tão curtas quanto puderem, ou seja, logo abaixo dos joelhos. Uma blusa sem mangas com um decote baixo quase sempre é vestida. Ela pode ter botões na frente, mas o estilo tradicional é usa-la amarrada ao redor da cintura ou como uma blusa folgada.

Às vezes ela também é vestida como um colete sem mangas, preso com um broche dourado entre os seios. Quando está frio, um suéter ou casaco de pele pode ser vestido, sempre deixando o decote exposto.

O sutiã de uma mulher costuma ser usado como bolsa. Uma mulher guarda todas as coisas leves como documentos, dinheiro, cigarros e isqueiro, e guardam-se objetos mais pesados em um grande bolso frontal escondido nas dobras de sua saia⁵⁸. A maioria das saias tem bolsos cosidos nelas em vários locais para carregar itens sem chamar atenção. Todas as mulheres usam algumas joias, quanto mais melhor. Moedas de ouro que podem ser transformadas em colares, broches ou pingentes são muito desejadas. Um colar muito popular era feito de lágrimas de ouro em uma corrente. Este colar é tradicionalmente dado a uma moça que se torna noiva. Brincos de lágrimas e outros pingentes de ouro também são usados e orelhas são furadas. Algumas mulheres tem jóias impressionantes. Yana usava um enorme colar com imensas bolas de ouro que se pendurava até sua cintura; na ponta havia uma estrela de xerife com a effigie de uma cabeça de índio soldada no meio e pequenos corações pendurados em cada ponta da

⁵⁸ Nota textual: Eu queria ter juntado este período com o anterior para evitar repetições de “mulher” e “guardar”. Se eu tivesse feito assim, o resultado seria “O sutiã de uma mulher costuma ser usado como bolsa, guardando todas as coisas leves como documentos, dinheiro, cigarros e isqueiro, enquanto objetos mais pesados ficam em um grande bolso frontal escondido nas dobras de sua saia”

off each point of the star.	estrela, e todos esses adornos eram de ouro. ⁵⁹
Shoes are usually high-heeled sandals made of gold or some other shiny or patent leather material. Dress material is preferably bright. Red chiffon and metallic or gold lame material is often used. Sari materials are becoming very popular, and only the best silks with gold braiding are used. Old women rarely use cosmetics, but the younger women generally make up their faces quite heavily for parties. The hair is always tied up in some way and is considered uncombed if left loose. Old women wear braids tied back and covered with the traditionally long <i>diklo</i> and perhaps a flower in the hair, but younger married women wear a smaller band of cloth or <i>diklo</i> (scarf) with their hair pinned up in a bun. Unmarried girls do not wear a <i>diklo</i> , and some married women only wear it when they dress up. Women do not usually cut their hair and must have it long enough to put up.	Normalmente, os calçados são sandálias de salto alto feitas de materiais dourados, brilhantes ou de couro envernizado ⁶⁰ . Prefere-se que o tecido das vestes seja brilhante. Chiffon vermelho metálico ou materiais de fio de ouro são escolhas frequentes. Tecidos de sari estão se tornando muito populares, e só as melhores sedas com fios de ouro são usadas. Mulheres idosas raramente usam cosméticos, mas as mais jovens geralmente se maquiavam bastante para festas. O cabelo sempre é amarrado de alguma forma e é considerado despenteado se deixado solto. Mulheres idosas usam tranças amarradas na nuca e cobrem-nas com o <i>diklo</i> tradicionalmente longo e talvez uma flor no cabelo, mas mulheres jovens casadas usam um pedaço de tecido menor ou um <i>diklo</i> (cachecol) com o cabelo preso num coque. Moças solteiras não usam um <i>diklo</i> , e algumas mulheres casadas só o usam quando elas querem parecer elegantes. Mulheres não costumam cortar seus cabelos e devem mantê-los longos o bastante para prendê-los.
In men, and particularly in women, aggressiveness, a loud and dominating voice, ability to argue well - to out-reason, out-shout, and out-trick an opponent - intelligence, cunning, and quickwittedness are exalted virtues. A shy, retiring, or slow-witted person is pitied, especially if she is a woman, for she will never make a successful wife, and her husband will have to support the family. A girl who is aggressive and clever is always highly desired as a wife.	Em homens e especialmente em mulheres, agressividade, uma voz alta e dominante, habilidade de discutir bem - para ser mais convincente, gritar mais alto e ser mais esperto que o oponente - inteligência, astúcia e agilidade mental são virtudes exaltadas. Uma pessoa tímida, reservada ou de raciocínio lento recebe pena, especialmente se é mulher, pois ela nunca será uma esposa bem-sucedida, e seu marido terá que sustentar a família. Uma moça que é agressiva e astuta é muito desejada como esposa. Gritar é a única forma

⁵⁹ Nota de pensamento/textual: eu passei *muita* raiva enquanto traduzia a descrição desse colar. Eram tantos detalhes que eu ficava confuso enquanto tentava imaginar a aparência do colar (especialmente a “Indian head”, a cabeça de índio, que me levou a procurar na internet por “Indian head neckclakes”), e todo esses elementos eram precedidos pela palavra “gold”. Para pôr de forma simples, era como se eu tivesse que trabalhar para a Miranda Pringle de *O Diabo Veste Prada* e ela fosse comer meu fígado se eu esquecesse de falar sobre um detalhe de ouro na roupa. Depois de muitas tentativas, cheguei à descrição atual e resolvi as repetições colocando “imensas bolas de ouro” no começo da descrição e “todos esses adornos eram de ouro” para o resto (a estela de xerife, a cabeça de índio e os corações).

⁶⁰ Nota textual/de pensamento: no original, estava “Shoes are usually high-heeled sandals made of golden or some other shiny or patente leather material” (p. 27). Talvez de tanto falar em ouro (gold) na descrição do colar, eu várias vezes tive a imagem mental de uma sandália de ouro maciço, e precisei reler a frase várias vezes para me certificar que estavam falando de couro pintado de dourado. Eu chequei várias vezes o significado de “patent leather” e a estrutura desse período. Nas primeiras vezes, a ordem dos componentes da frase estava quase igual à do texto original (“Normalmente, os calçados são sandálias de salto alto feitas de couro dourado, ou outros materiais brilhantes ou envernizados”), até que percebi que o original parece limitar o material das sandálias ao couro, enquanto essa versão abria espaço para matérias distintos, mas que também fossem “dourados, brilhantes ou envernizados”.

Shouting is the only way of making oneself heard in a crowd of Rom, and the shy and squeamish child learns quickly that he is ignored; consequently, competition among children is intense and encouraged by parents. Cleverness is highly rated and the child who is out-going, aggressive, tricky, and illusive, even when the victim is his parents, is praised and rewarded by everyone. A child who cannot tell when his parents are lying to him is considered hopelessly stupid. Versatility is also very important, and the ability to switch tactics, for example, from aggression and threats to humble submission, tears and supplication, is valued.

de se fazer ouvir em uma multidão de Rom, e a criança tímida e reticente aprende rápido que ele é ignorada; conseqüentemente, a competição entre os filhos é intensa e encorajada pelos pais. Astúcia é muito valorizada e a criança que é espontânea, agressiva, enganadora e elusiva, mesmo quando suas vítimas são seus pais, é elogiada e recompensada por todos. Um filho que não consegue perceber quando seus pais estão mentindo para ele é considerado irremediavelmente estúpido. Versatilidade também é muito importante, e a habilidade de mudar de tática, por exemplo, indo de agressões e ameaças para submissão humilde, lágrimas e súplicas, é valorizada.

Ethics and Reliability

The Rom are extremely secretive and suspicious of non-Gypsies and on the whole do not want anything known about them by the outside world. Some secrets have practical reasons behind them, such as hiding extra income from welfare workers, concealing illegal activities from the police, and so on, but many times secretiveness is simply a protective barrier for their group against a more powerful outside society. Often, I have been told, 'It's against my religion to tell you . . .', and although 'religion' may seem a strange translation of *romania*, there is a kind of religious intensity about being a Rom. The Rom are deeply committed to their own self-preservation; each person is a vital force to the group, and ideally his life is an open book to the others. Respect with 'the public', as they refer to themselves in English, is the most important attribute a man or woman can have and therefore *marime* (which they translate as 'rejected') is the most severe punishment. Each death is not only a personal loss but a loss to the whole group and requires intensive participation in mourning. As an anthropologist, of course, I found none of this to be new or unusual in kind, but only in degree. The Rom are deeply and intensely aware of their own self-preservation.

Ética e Confiabilidade

Os ciganos são extremamente sigilosos e desconfiados de não-ciganos e em geral não querem que nada sobre eles seja conhecido pelo mundo exterior. Alguns segredos tem razões práticas por trás deles, como esconder renda extra de assistentes sociais, atividades ilegais da polícia e assim em diante, mas muitas vezes o sigilo é simplesmente uma barreira protetora entre sua etnia e a mais poderosa sociedade exterior. Com frequência me disseram "é contra minha religião te contar...", e apesar de "religião" parecer uma tradução estranha para *romania*, existe uma certa religiosidade intensa em ser um Rom. Os Rom são profundamente dedicados a sua autopreservação: cada pessoa é uma força vital do grupo, e o ideal é que sua vida seja um livro aberto para os outros. Respeito dentro do "público", como eles referem-se a si mesmos em inglês, é o mais importante atributo que um homem ou mulher pode ter e portanto *marime* (que eles traduzem como "rejeitado") é a punição mais severa. Cada morte não é apenas uma perda pessoal, e sim uma para o grupo inteiro e requer intensa participação no luto. É claro que, como uma antropóloga, eu não considerarei nada disso novidade ou incomum, exceto pela escala. Os Rom são profunda e intensamente conscientes de sua autopreservação.

On the other hand, they are also aware of the many misconceptions about themselves in the eyes of outsiders. Sometimes they enjoy a good laugh on the *gaje* for being such fools and encourage the misconceptions for the enjoyment of the irony, but at other times these misconceptions can be very

Por outro lado, eles também estão conscientes dos muitos mal-entendidos sobre eles aos olhos de estranhos. As vezes eles gostam de rir dos *gaje* por serem tão tolos e encorajam estes mal-entendidos para desfrutar da ironia, mas outras vezes eles podem ser muito inconvenientes.

inconvenient to them. They become understandably irate when they are harassed or arrested every time a child in their neighborhood disappears, especially considering that there has never been a single proven case of child theft by a Gypsy. At these times they have told me to 'write the whole truth about us' and although I think that this is a difficult task, and that they are likely to change their minds sooner or later, this is what I have attempted to do. At the same time I have also tried to protect as many secrets as I possibly could without abandoning the project altogether. Nevertheless, when one describes a society whose existence depends in part on the ignorance of outsiders to their ways, one has by definition violated something.

Compreensivelmente, eles ficam furiosos quando são assediados ou presos toda vez que uma criança na sua vizinhança desaparece, especialmente por que nunca houve um único caso comprovado de rapto de crianças por ciganos. Nessas vezes eles me disseram "escreva toda a verdade sobre nós", e apesar de pensar que essa é uma tarefa difícil, e que é provável que eles vão mudar de ideia mais cedo ou mais tarde, é o que tentei fazer. Ao mesmo tempo, eu tentei proteger tantos segredos quanto eu pudesse sem abandonar o projeto. Todavia, quando se está descrevendo uma sociedade cuja existência depende em parte da ignorância dos estranhos de seu modo de vida, obrigatoriamente alguns acabam sendo violados.

On the other hand, truthful and realistic information about the Rom could be very helpful to them. Much of their persecution in society has been based on ignorance, unfounded prejudice, and a belief in many of the pervading myths of the wild, irresponsible, sexually immoral, earringed Gypsy. Many Gypsies in Europe and in America have published serious accounts of their own people for this very reason. They are tired of distasteful and harmful misconceptions about them (see Lee 1967-9, 1971; Maximoff 1949, 1957, 1960, Hancock 1973, 1974; and Wood 1973).

Por outro lado, informação verídica e realista sobre os Rom poderia ser muito útil para eles. Muito da perseguição deles pela sociedade foi baseada em ignorância, preconceitos infundados e uma crença em muitos mitos perversos sobre o ciganos com seus brincos, imprevisibilidade, irresponsabilidade e imoralidade sexual. Muitos ciganos na Europa e nos Estados Unidos publicaram relatos sérios sobre seu povo por essa razão. Eles estão cansados de equívocos desagradáveis e prejudiciais sobre eles (veja Lee 1967-9, 1971; Maximoff 1949, 1957, 1960, Hancock 1973, 1974; e Wood 1973).

Because of their general mistrust of outsiders, building up a relationship of trust with the Rom is a very slow process. Explaining that I was a 'social anthropologist' at the outset was difficult since, like most people, they had not the slightest notion what that might be and further explanation meant either 'journalist' or 'detective' to them, two categories of persons they have had little reason to trust - the one providing the misconceptions for the other to use against the Rom. My primary role in the community was as a teacher to their children, but I was able to explain to the elders eventually that I wanted' to write a book about them (although my original intention was not a book, but a PhD). Reactions to this varied. John Marks, a believer in the importance of dispelling false

Por causa de sua desconfiança de estranhos em geral, construir uma relação de confiança com os Rom é um processo muito lento. Explicar no começo que eu era uma "antropóloga social" foi difícil pois, como a maioria das pessoas, eles não tinham a mínima ideia do que aquilo poderia ser e explicações mais detalhadas significariam "jornalista" ou "detetive" para eles, duas categorias de pessoas que eles tem poucas razões para confiar - um gera os maus-entendidos para que o outro use contra os Rom. Meu papel principal na comunidade deles era como professora para suas crianças, mas eu pude eventualmente explicar para os anciões que eu queria escrever um livro sobre eles (apesar de minha intenção original não era um livro e sim uma tese de doutorado). Reações a isto variaram. John Marks, que acreditava na importância de dispersar noções falsas através da escrita, e mulheres idosas, que queriam preservar costumes

notions in print, and elderly women who wanted dying customs preserved, were enthusiastic and spoke openly to me. Some agreed that I should write about how wonderful the Gypsy people are but not tell any 'bad' things about them. Others mistrust the written word so much that they fear anything that goes into print about them.

A major outcome of the secretiveness is the problem of ascertaining the reliability of one's data. The Rom often lie to each other about everyday matters, but they almost always lie to the *gaje*.

There is no particular shame attached to lying to each other (except in specific circumstances, such as when one swears in front of the 'public' in a *kris*, swears on a dead relative, or proclaims 'may I go home to find my father dead at this very moment if I am lying ...'), but to lie to the *gaje* is certainly correct and acceptable behaviour, and even one's dead grandfather might forgive a broken oath in this circumstance. Consequently, from the very beginning I decided to cross-check three times every piece of information that I received, no matter how trivial or unimportant it might seem. I might challenge several people at different times with the same piece of information or try alternative stories to test their reactions, and usually the contradictions could be ironed out and the most plausible solution gained. Since being unpredictable and elusive is part of the code of behaviour with *gaje*, it was not considered odd for me to act the same, and of course, I was also not burdened with having to stick to the absolute truth. For example, one of the most common misrepresentations is in giving ordinary kin and affinal relationships, but by using my method of cross-checking, eventually every relationship sorted itself out, and I was able to draw up an accurate genealogy. I kept a daily list of items that I had not checked and generally threw in one or two in any one conversation. Most people were at least not up to date on other people's lies, and in this way eventually most things leaked out. Spur of the moment lies were, of course, more easily uncovered than systematically planned ones.

moribundos, ficaram entusiasmados e falavam abertamente comigo. Alguns concordavam que eu devia escrever sobre como os ciganos são maravilhosos mas não deveria contar nada "mau" sobre eles. Outros desconfiavam tanto da escrita que eles temiam que qualquer coisa fosse impressa sobre eles.

Um dos maiores resultados do sigilo é o problema de verificar a confiabilidade da informação. Os Rom com frequência mentem uns para os outros sobre questões do dia a dia, mas eles quase sempre mentem para os *gaje*. Não há nenhuma vergonha particular ligada a mentir uns para os outros (exceto em circunstâncias específicas, como quando um jura diante do "público" em um *kris*, jura por um parente morto, ou proclama "que eu vá para casa e ache meu pai morto neste instante se eu estiver mentindo..."), mas mentir para os *gaje* é um comportamento perfeitamente correto e aceitável, e mesmo a avó morta pode perdoar um juramento rompido nestas circunstâncias. Consequentemente, desde o começo eu decidi checar três vezes cada informação que eu recebesse, independente do quão trivial ou sem importância ela parecesse. Eu podia desafiar várias pessoas em momentos diferentes com a mesma informação ou tentar histórias alternativas para testar suas reações, e frequentemente as contradições seriam sanadas e a solução mais plausível surgiria. Já que ser imprevisível e elusivo é parte do código de conduta com os *gaje*, não era considerado estranho que eu agisse da mesma forma, e é claro, eu não era obrigada a ser absolutamente franca. Por exemplo, um dos equívocos mais comuns era distinguir parentes consanguíneos dos de afinidade, mas ao usar meu método de checagem, eventualmente cada relacionamento clareou-se, e eu pude fazer uma genealogia precisa. Eu mantive uma lista diária de itens que eu não tinha checado e geralmente incluía um ou dois em qualquer conversa. A maioria das pessoas não estavam cientes das mentiras dos outros, e desta forma a maioria das coisas eventualmente vazavam. É claro, detectar as mentiras feitas na hora era mais fácil do que aquelas planejadas sistematicamente⁶¹.

⁶¹ Nota terminológica: durante a revisão, pensei em trocar para "premeditadamente", mas este termo parece ter uma forte conotação criminal, que não existe no texto.

My cross-checking technique was all the more acceptable since the Rom employ the same tactics with each other. They rarely accepted a statement from me or any other Rom without some kind of corroboration from someone else. When ‘caught out’ in this way, I never saw anyone show embarrassment. They enjoyed it when a good story was put over on them as much as they enjoyed putting one over on someone else. Therefore, when I doubted their veracity, or tricked them into admitting something, or lied to them myself, they were just as cheerful about it as they would be with each other and respected me all the more for it. Even with these measures, I have no doubt that various facts were still kept from me, and probably there will be details in my data that are not correct; however, I do not think that the general patterns would be much changed.

Minha técnica de checagem era ainda mais aceitável por que os Rom empregam táticas similares entre eles. Eles raramente aceitavam uma declaração minha ou de outro Rom sem algum tipo de corroboração de outra pessoa. Quando "pegos" dessa maneira, eu nunca vi ninguém mostrar embaraço. Eles gostavam de quando uma boa história sobre eles era inventada tanto quanto eles gostavam de inventar uma sobre outra pessoa. Portanto, quando eu duvidava da veracidade deles, ou enganava-os para que admitissem algo, ou mentia sobre eu mesma, eles ficavam tão contentes quanto a isso quanto eles ficariam uns com os outros e me respeitavam ainda mais por isso. Mesmo com essas medidas, eu não tenho dúvidas que vários fatos me foram escondidos, e provavelmente existem detalhes dos meus dados que são incorretos. Entretanto, eu não creio que os padrões gerais teriam sido muito diferentes.

3.4 Comentários adicionais

Estes comentários não estavam relacionados a questões específicas do texto, e eram muito amplos para que eu selecionasse um ponto do texto para incluí-los como notas de rodapé.

3.4.1 Reflexões sobre o nome Rom

Devido à sua posição central no original, o nome Rom foi o foco de várias reflexões. Esta seção é dedicada a expor cada uma delas.

A primeira reflexão pode ser expressa através da pergunta: “existe distinção da palavra ‘Rom’ no singular e plural?” Esta é uma pergunta que parece simples, mas que se mostra mais difícil de responder conforme se lê a bibliografia. No texto original, “Rom” costuma aparecer no plural, se referindo a etnia toda. Porém, existem momentos em que o nome é usado no singular, e a diferença é dada apenas pelo contexto e pelo verbo que acompanha a palavra, sem nenhuma distinção de número no nome em si. Os trechos a seguir exemplificam tanto o uso no plural como no singular:

In general, these Rom classified other Gypsy groups on the borderline between themselves and the *gaje* (non-Gypsies).⁶² (SUTHERLAND, 1986, p. 15)

⁶² Em geral, esses Rom colocavam as outras etnias ciganas como estando entre si e os *gaje* (não ciganos).

On the other hand, although a Rom never becomes a *gajo*, he may decide to leave the community, (...) ⁶³ (SUTHERLAND, 1986, p. 16)

A falta de uma forma singular em inglês fez com que a primeira versão portuguesa também usasse Rom como plural e singular. Quando começou o processo de correções que resultou na segunda versão, consultei a tese de Silva (2018) para ver se havia alguma diferença quando o nome “Calon” se referia à etnia ou a comunidade como um todo e quando ele se referia a um homem ou mulher específico. Houve apenas uma ocorrência em que Calon aparecia como “Calons”, então minha decisão final foi manter Rom como forma única para singular e plural.

A segunda reflexão foi sobre se o nome deveria ser iniciado com letra maiúscula ou minúscula. No inglês, os adjetivos pátrios sempre começam com letra maiúscula (exemplos: Brazilian, English, American). Em português, isto não é necessário, mas existem casos, normalmente o de tribos indígenas, em que o nome de uma etnia é escrito com letra maiúscula. Por exemplo, estes textos se referem à mesma etnia, mas entre eles varia se o nome era iniciado com letra maiúscula:

Povo de tradição guerreira, os Munduruku dominavam culturalmente a região do Vale do Tapajós, que nos primeiros tempos de contato e durante o século XIX era conhecida como Mundurukânia. ⁶⁴

Segundo seu mito de origem, os mundurucus foram criados por Karosakaybo na aldeia Wakopadi, próximo às cabeceiras do rio Krepori. Na segunda metade do século XVIII, começaram os primeiros contatos registrados com os não índios. ⁶⁵

Cerca de 50 índios Munduruku protestam desde a madrugada desta terça-feira (13), em frente à delegacia do município de Jacareacanga, sudoeste do Pará. ⁶⁶

A julgar pelos textos acima, é mais comum escrever o nome etnias específicas com letras maiúsculas no início. Consultando Silva (2018) mais uma vez em busca de um *insight* específico sobre o caso dos ciganos, reli a lista de etnias ciganas presentes no Brasil e reparei que todos os nomes (Calon, Rom Calderasha, Rudari, Sinti, etc) eram iniciados por letras maiúsculas. Assim, a decisão final foi iniciar todas as ocorrências de Rom com letra maiúscula.

Por fim, se questionou o tratamento que se devia dar à pluralidade de significados que a palavra “Rom” possui, que é indicada em alguns trechos do texto original. O trecho abaixo

⁶³ Por outro lado, apesar de um Rom nunca se tornar um *gajo*, ele pode decidir deixar sua comunidade, (...)

⁶⁴ Retirado de <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Munduruku>, acesso 21/05/2018.

⁶⁵ Retirado de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mundurucus>, acesso 21/05/2018.

⁶⁶ Retirado de <https://goo.gl/zBeNxY>, acesso 21/05/2018

se refere à etnia cigana através do nome “O Rom”, mas como a grafia era diferente (esta foi a única vez em que Rom foi precedido por “o” maiúsculo), pensei se deveria ressaltá-la de alguma maneira, como colocar “O Rom” entre aspas ou em itálico, mas notei que a autora não julgou necessário, então decidi não colocar nenhum realce.

They are basically those people who call themselves O Rom (...)
(SUTHERLAND, 1986, p. 10)

Eles são basicamente aquelas pessoas que se denominam O Rom (...)

Voltei a este trecho quando reli na página 15 que existe uma diferença entre “O Rom” como nome da etnia e *o rom* no sentido de homem adulto ou marido⁶⁷. Entretanto, a autora diferenciou os dois sentidos colocando *rom* (no sentido de “adulto” e “marido”) em itálico e com letra minúscula, enquanto a etnia é Rom, com letra maiúscula e sem uma fonte diferente. Com isso em mente, decidi que iria adotar a solução da autora.

3.4.2. A questão do tempo verbal

Como dito na seção 1.2.3, a autora utilizava diversos tempos verbais num mesmo parágrafo. Por um tempo, eu fiquei na dúvida se deveria mudar os tempos verbais. Em especial, pensei em colocar mais verbos, particularmente os das descrições, no tempo passado, o que na minha opinião ressaltaria que o conteúdo do livro era num contexto que pode ter mudado bastante, já que todas essas descrições foram feitas a mais de quarenta anos.

Eu logo abandonei essa linha de pensamento. Em diversos momentos do capítulo *Methodology* é dito qual foi o período em que a pesquisa foi feita, e várias das estruturas sociais são muito antigas e era pouco provável que fossem mudar no período entre a publicação do livro e os dias atuais. Na questão do vestuário e aparência, mudar de ideia foi mais difícil, quando se considera parágrafos como esse:

In appearance men are almost indistinguishable from the rest of the population. Men generally wear either dude cowboy clothes, or, among older men, the 1930s style large-lapelled suits are common. Older men sport a handlebar moustache, a hat, and tie. The neckscarf (*diklo*) was not commonly worn except among a few young boys. Some old men dress very colourfully. Miller George wore a faded brown suit with chalk on the lapels, a wide colourful tie, and was always found leaning on a pool cue. Most older men are overweight and have gold teeth or a few snaggle teeth left. Many men wear gold rings, diamond tie clasps, and other

⁶⁷ The use of Rom to refer to themselves as a people must be distinguished from *rom* meaning adult man or husband, and I have indicated this in the spelling. (SUTHERLAND, 1986, p. 15)

jewellery, such as a gold sheriff's badge (for the *rom baro*) or a diamond studded gold buckle on their cowboy belt. (SUTHERLAND, 1986, p. 27)

O trecho “Miller George wore (...) on a pool cue” claramente estava no *past perfect* ou no *past continuous*, portanto sua tradução deveria usar os mesmos tempos verbais. Mas os outros verbos eram mais complicados. Em geral, os verbos estavam no *simple present*, mas eu poderia traduzi-los tanto como o presente do indicativo (e portanto mais próximos do texto original, ao mesmo tempo que afirmo que eles usam roupas do mesmo estilo) quanto colocar no pretérito imperfeito (já que o pretérito implica que eles se vestiam daquela forma nos anos 1970 e podem – ênfase na possibilidade – usar as mesmas vestimentas nos dias atuais).

Minha decisão final foi traduzir usando o presente do indicativo. Embora eu esteja consciente de que a forma de vestir entre os ciganos Rom dos Estados Unidos possa ter mudado muito e a manutenção do presente do indicativo pode levar o leitor a pensar o contrário, considero que mudar todas as ocorrências na seção *Names and Appearance* similares à incluída anteriormente seria interferência que só pode ser justificada por razões muito boas, e não considero que apenas apontar a possibilidade de que os Rom de Barvale tenham adotado outro tipo de vestuário seja o suficiente para isso.

Capítulo IV: Conclusão

Na introdução desta monografia foram delineados dois objetivos: o primeiro era apurar o tamanho do acervo da Biblioteca Central da UnB (BCE) acerca de estudos etnográficos sobre ciganos e, desta forma, mostrar que há espaço para mais traduções sobre o tema e também para estudos sobre como elas são realizadas. O segundo objetivo era traduzir e comentar o capítulo “Methodology” do livro “*Gypsies: The Hidden Americans*” e, com base nesses comentários, fazer algumas considerações sobre estranhamentos, dificuldades e tradução etnográfica. A quantidade de objetivos foi ampliada com o acréscimo de outros dois sugeridos pela banca examinadora deste trabalho, a saber: mostrar que é necessário que estudiosos brasileiros de Tradução dediquem alguma atenção à tradução de obras sobre ciganos e fazer considerações sobre os resultados da tradução.

Como foi visto no capítulo II, mesmo nas pesquisas mais abrangentes de estudos sobre ciganos na BCE, o número de resultados não chega a cem. Quando limitamos o parâmetro de busca para eliminar quaisquer obras que falem dos ciganos de forma periférica, os resultados ainda são poucos, não chegando nem a vinte resultados numa pesquisa em português.

O pequeno número de resultados indica que há espaço para mais estudos sobre os ciganos brasileiros, não só para a Tradução, mas também para diversas áreas, como a Etnografia, a Linguística, a Pedagogia e a Antropologia. A Tradução é uma das que mais poderia avançar, visto que muitos dos estudos disponíveis foram escritos em português, o que significa que temos material para “exportar” e também para “importar”.

Quanto ao segundo objetivo, deve-se perguntar mais uma vez: como se define tradução etnográfica? Como vimos, de acordo com Ferreira (2017), a tradução etnográfica seria o encontro e o diálogo de duas entidades através da tradução. Será que este trabalho, especialmente a tradução que foi chamada de “carro chefe” na abertura da seção que a apresentou, conseguiu realizar um encontro entre o estudo etnográfico da professora Sutherland com as comunidades acadêmicas e leigas da língua portuguesa a que ela era destinada?

Seria temerário afirmar que esse encontro aconteceu sem ter a opinião de outras pessoas, de preferência de ambos os grupos-alvo. Entretanto, pode-se dizer que não foi

concretizada nenhuma tentativa de apagar ou alterar radicalmente o discurso da professora Sutherland, nem se tentou explicar o povo de que a tradução falava por meio de analogias ou comparações com outras culturas.

A tradução de uma etnografia pede que o tradutor esteja atento para que seu método não acabe substituindo o discurso do etnógrafo-autor pelo seu.

Como pode ser visto nas seções “O que é a tradução etnográfica? O que é um tradutor etnográfico?” e “O texto etnográfico e o tradutor”, tradutor e etnógrafo possuem muitas semelhanças: sua forma de trabalho é muito específica para cada profissional, derivada das experiências pessoais e crenças do profissional específico, e também servem (ou podem servir) como um canal de diálogo entre as duas elas. Ambos estão na posição do “outro”, imersos em outra língua ou cultura além da sua de origem. Com base nessas evidências, pode-se afirmar que um tradutor etnográfico é aquele que é consciente de sua posição como agente e instrumento deste diálogo entre culturas.

Quanto às notas de rodapé, foi dito que elas serviam para pôr em evidência o processo tradutório, mostrar a passagem e a voz do tradutor, e desfazem a aparência de que uma tradução é absoluta e objetiva, e mostram que as escolhas são subjetivas e um tanto pessoais. De fato, as notas tornam mais fácil para um leitor perceber e entender as escolhas de um tradutor, pois este não pode esconder sua presença quando inclui notas para explicar suas escolhas, e também permitem que mais pessoas discutam e acrescentem pontos de vista à crítica de traduções, ao pensar e criticar sobre as ditas escolhas.

Com os resultados de meus trabalhos e as considerações sobre eles apresentados, eu gostaria de propor alguns estudos, que não se limitam à área de tradução. Primeiramente, sugiro que se façam pesquisas sobre a recepção que esta tradução teria entre em um ou ambos os grupos-alvo de sua escrita e os fatores que influenciaram esta recepção; segundo, proponho que se realizem estudos sobre o quanto é comum para um tradutor expressar diretamente (ou seja, em primeira pessoa) sua opinião, pensamentos e reflexões sobre o texto original e o traduzido em traduções críticas/comentadas; terceiro, sugiro que se traduza e comente um dos estudos sobre ciganos escrito em português e, com base nisso, se discuta como poderia ocorrer a “exportação” do nosso conhecimento sobre ciganos.

REFERÊNCIAS

Livros

- ANGROSINO, Michael. *Etnografia e Observação Participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009
- CLÉBERT, Jean-Paul. *The Gypsies*. Harmondsworth, Middlessex, Inglaterra: Penguin Books, 1961.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. Universitária da UFRJ, 2008
- CRAPANZANO, Vicent. *Hermes' Dilemma: the Masking of Subversion in Ethnographic Description*. IN: Clifford, J. & Marcus, G.E. (orgs.) *Writing Culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkley e Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos: University of California Press, 1986.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005
- FERREIRA, A.M.A. Tradução Etnográfica – Poética do Encontro. In: FERREIRA, A.M.A., BRITO, T.C., MAGALHÃES, M.G., *Crítica e Tradução do Exílio: Ensaios e Experiências*. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária UFG, 2017.
- MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Brasil: Perspectiva, 2010.
- SILVA, Heber de Oliveira Costa e. *Tradução e Dialogismo: Um estudo sobre o papel do tradutor na construção do sentido*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.
- SUTHERLAND, Anne. *Gypsies: the hidden Americans*. 2ª edição. Prospect Heights, Illinois, Estados Unidos: Waveland Press, 1986.
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- SELIGMANN, Márcio. *Filosofia da Tradução — Tradução da Filosofia: O Princípio da Intraduzibilidade*. Revista Cadernos de Tradução. V. 1, n. 3, p. 11-47. 1998

Dicionários

- Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988
- Dicionário Houaiss de Sinônimos e Antônimos*. Objetiva, 2003.
- Dicionário Oxford Escolar: para estudantes brasileiros de inglês*. 2ª edição. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press, 2007.
- Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 6ª edição. Curitiba: Positivo, 2004.

Sites

Macmillan Dictionary. Disponível em: <https://www.macmillandictionary.com/>, acesso em 12 de abril 2018

Dictionary Merriam-Webster. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/>, acesso em 12 de abril 2018

Relatório de Atividades 2017. Disponível em: <https://www.bce.unb.br/wp-content/uploads/2018/03/Relat%C3%B3rio-de-Atividades-2017-BCE-UnB.pdf>, acesso em 01 de junho de 2018

Universidade de Brasília. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_de_Bras%C3%ADlia#Hist%C3%B3ria_e_cria%C3%A7%C3%A3o, acesso em 01 de junho de 2018

Lei 3998 de 15 de dezembro de 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1950-1969/L3998.htm, acesso em 01 de junho de 2018.

Romani people in fiction. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Romani_people_in_fiction, acesso em 09 de julho de 2018.

Teses

SILVA, Maria Marlene Rodrigues da. *Sociolinguística: contribuições para a criação de um currículo para povos itinerantes*. 2018, 242 páginas. Doutorado em Linguística – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

ANEXOS

Anexo I: e-mails trocados com a professora Sutherland

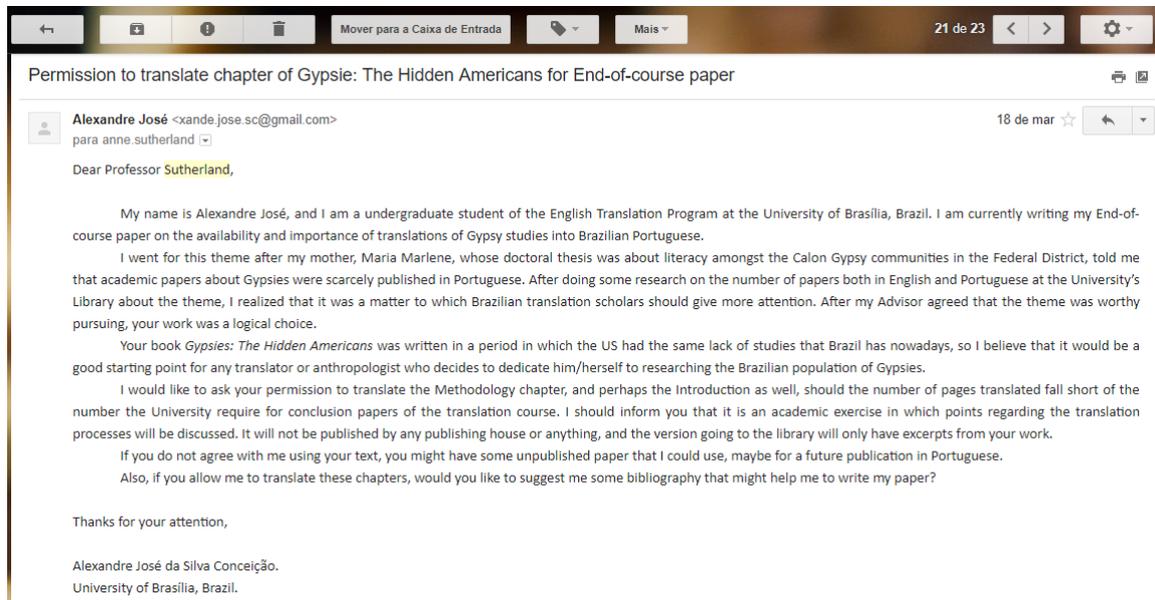


Figura 6: email com pedido para traduzir.

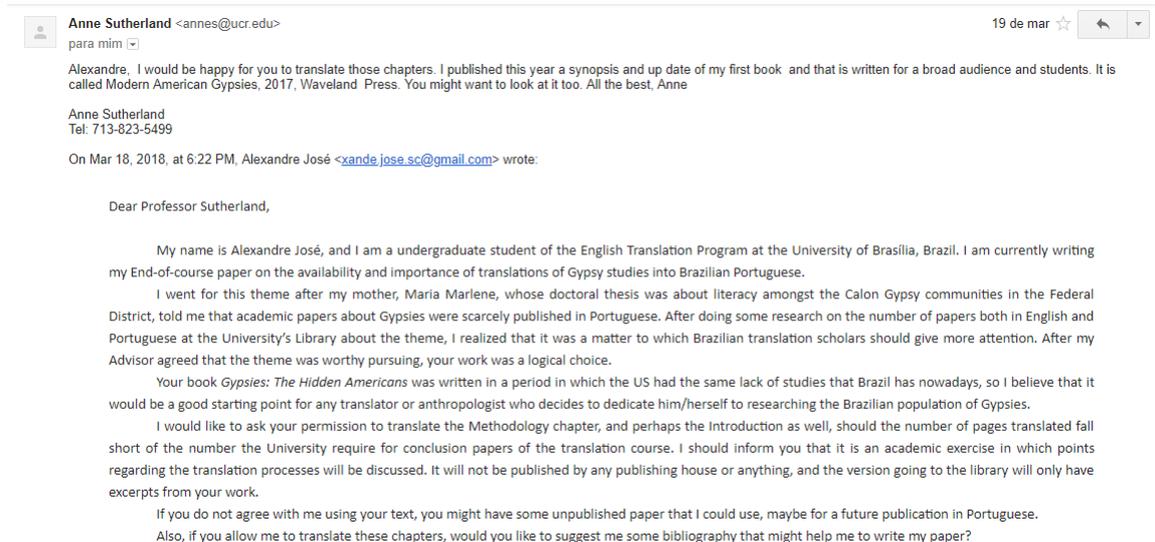


Figura 7: email com a resposta da professora Sutherland.